

A PRIMAVERA L.

COLLECÇÃO

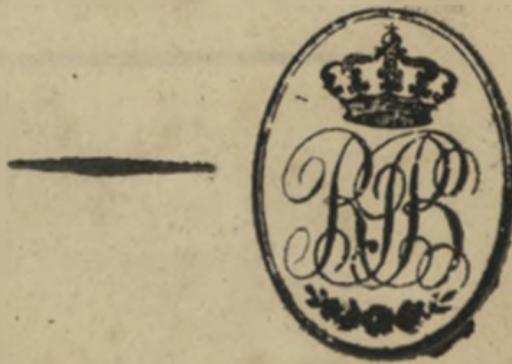
D E

P O E M E T O S

D E

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

BACHAREL FORMADO EM CANONES PE-
LA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.



L I S B O A:

NA TYPOGRAFIA DE M. P. DE LACERDA.

ANNO 1822.

LA PRIMAVERA
de la natura
de la belleza
y de la poesia
de la vida
y de la muerte
y de la eternidad
y de la divinidad
y de la humanidad
y de la felicidad
y de la tristeza
y de la amistad
y de la enemistad
y de la amar



LISBOA
1883.
LIBRERIA DE LA GREDA.

~~P. B. Mayde~~
5-Mr.
1923

E P I S T O L A

A

P R I M A V E R A.

АДОТСІТЫ

А

АКІНАВАЕР

DEDICATORIA

A MINHA IRMÃ.

*E*u mandei o meu genio campestre colher algumas flores no meio dos gelos do inverno. Não são bellas, convenho; porém são entre-tanto as melhores, que esta estação produz no pequeno jardim, que as musas me derão nas raizes do Parnazo. He a ti, minha Irmã, que o meu coração pede imperiosamente que as offereça. Feliz, se quando voltar ao teu lado, tu me disseres abraçando-me: "Eu amo as flores, que tu me enviaste, eu as guar- do no meu seio: as flores da primavera me agradão menos do que estas, que o teu ge- nio campestré colhe no teu jardim no meio do inverno."

DUAS PALAVRAS DE INTRODUCÇÃO.

O inverno de 1821 para 1822 foi um dos mais horriveis, de que existe memoria entre os vivos : os seus efeitos na provincia da Beira, aonde eu então me achava , foram desgraçados. Virão-se arrancados, e despedaçados os bosques , os olivaes , e os pomares ; as sementeiras perdidas ; os campos inundados ; as pontes demolidas ; e os rios sem margens. Desde 25 de Dezembro até 9 de Janeiro eu passei em uma quinta n'uma pequena aldeia a uma legoa de Coimbra. O rigor da estação , tendo-nos privado dos prazeres mais doces do campo , nos obrigou a aproveitarmos , e fazermos valer os poucos, que nos crão deixados : uma conversação animada , franca , e interessante ; a leitura , a poesia, e algumas vezes improvisos de *charadas*,

e adivinhações nos enchião as horas, que passavão sem dificuldade. As noites, e até uma boa porção dos dias, se gastavão n'estes ou semelhantes exercícios em roda de uma grande fogueira, segundo o costume da província: algumas tardes em que o sol descobria, e o ar mais sereno nos permittia sair, passeávamos ora pelo jardim, aonde havia um soberbo lago, ora pelo pomar, cujos ramos, carregados de fructos, e de flores, recreiavão alternativamente a vista, o olfato, e o paladar. Estas tardes forão bellis; e sem dúvida, que o sol no inverno, despregando os seus raios sobre uma natureza quasi nua, e adormecida na tristeza, agrada mais ainda do que na primavera quando se levanta, e apparece no horizonte para nos descobrir nos campos um vasto theatro de flores, e delicias variadas. A longa cadeia dos bellos dias da primavera, ainda que não chega a enfadarnos, chega contudo a embotar a delicadeza do nosso paladar moral. Alguns bellos dias de inverno, bellos em relação á sua estação, mas des-

agradaveis em relação aos da primavera , nos tocão muito vivamente ; a massa dos es-
curos , quanto mais geral e carregada , tanto
mais faz sobresahir os claros. Um objecto
brilhante , no meio de mil outros objectos
brilhantes , escapa facilmente ; ao mesmo
tempo que outro que o he menos , fixa toda a
nossa attenção , se isoladamente se nos apre-
senta. Foi esta sem duvida a causa de im-
primirem um tal efeito na minha alma es-
tes poucos passeios , feitos em algumas tar-
des do mais rigoroso inverno. A minha ima-
ginação se poveou de imagens agradaveis ,
o que n'esta estação raras vezes me aconte-
ce ; e quando á noite nos vinhamos assen-
tar em roda da fogueira , estas imagens se
arranjavão na minha cabeça por meio da
reflexão. A saudade da primavera era a
fonte unica , d'onde rebentava este numero
infinito de sensações encautadoras. Foi en-
tão que me lembrei de escrever uma car-
ta á primavera. Não ignorava que alguns
analisadores frios poderião arguir o meu
projecto de ridiculo , e condennar toda a

obra só pelo titulo ; mas eu paguei adiantado com o riso esta censura , aliás muito judiciosa , e apenas cheguei a Coimbra fiz escrever este pequeno Poema , para o qual me lembráraõ ainda muitas das ideias , que no campo me tinhão ocupado ; mas um grande numero d'ellas , não menos interessantes , me ficáraõ nos lugares , entre os objectos , que as tinhão visto , ou talvez antes as tinhão feito nascer .

E P I S T O L A
A' PRIMAVERA.

A noite reina; a natureza he muda !
 Os campos solitarios se entristecem !
 Ouve-se ao longe o estrondo da corrente !
 De quando em quando a lua se descobre
 Por entre as nuvens , que no ceo fluctuão,
 O frio agudo dos sombrios ares
 Os orvalhos gelou , que trouxe o vento ,
 E o campo de alvas perolas semeia.
 Eu fugi do pomar , onde vagava ,
 Antes que o sol nas aguas se escondesse ,
 O sitio abandonei , que as laranjeiras
 Co' as flores entre os fructos embalsamão :
 N'esta cabana rustica , formada
 De unidas canas , de grosseiros troncos ,
 Vimes flexiveis , e colmado tecto ,
 Com meus amigos me abriguei , treinendo
 Junto á fogueira , que estalando brilha.
 He d'este sitio , que te escrevo , ó cara ,
 O' doce amada , ó Primavera , ó deosa !
 Cheio o meu coração da imagem tua ,
 E afflito por não ver-te , as garras soffre
 De impaciente , de tenaz saudade .

Desde o dia cruel , em que assustada
 Do estio aos raios , nos fugiste , ó deosa ,

Consumo o tempo em languidos suspiros,
 Suspiros, em que a dor não desafogo.
 De noite em vagos sonhos me affiguro
 Ver-te, gozar-te em rapijos transportes,
 Cantar-te o meu amor, gozar teus mimos:
 Mal desponta a manhã, mal toge o somno,
 Desespero-me, lido entre amarguras;
 Peço aos bosques sem folha, aos ermos campos,
 Aos rochedos de neve, ás turvas fontes,
 Ao ceo toldado, aos ares tempestosos,
 E a toda a natureza, a minha amada.

Primavera, onde estás? exclamo, e grito
 Do escalvado rochedo á tria gruta,
 Issa, que outr'ora a tua mão croára
 De frescas flores, do matiz mais vivo,
 Cobrindo a entradâ de temagem densa;
 De valle em valle, e de um' rocha em outra
 = Primavera, onde estás? = responde o campo;
 E no valle o pastor, na rocha o fauno,
 E no arvoredo as driades ouvindo,
 = Primavera, onde estás? = depois exclamão.
 Em quanto assim fiel aos ternos votos,
 Que fiz de te adorar, suspiro, ó deosa,
 ; Onde estás, que não vens a meus affagos?
 ; Que sitio do univeso afformoseias?
 ; Onde esquecida das canções do vate,
 Do vate, que te amou, que te ama ainda,
 Aos prados te sorrís, vestindo os prados?
 ; As flores tuas para ornar-te colhes?
 ; Te engrinaldas da fonte ao claro espelho?
 ; E ufanâ de encantar sensíveis peitos
 Dás sentimento, communicas togo,

E a amar ensinas insensiveis entes?
Ah! volta, ó bella ingrata, aos campos nossos:
¿ Que paiz do universo , a não ser Paphus ,
He tão digno de ti ? ¿ onde encontraste
Mais lindas nintas , mais gentis pastoras ,
Amantes mais fieis , mais puros rios ,
Fontes mais gratas , mais formosas selvas ,
Mais doces flautas , quando amor entoão ,
Aves mais doces, quando amor gorgejão ?
Dize : ¿ um ceo mais sereno onde encontraste ?
¿ Esquecem-te os vergeis , os frescos bosques
Da amavel Cintra , do terreno Elisio ?
¿ Não vivem por ventura em tua ideia
Os coros virginæs , que ali vaguejão ,
E ao ver seus nomes , na floresta escritos ,
Outros com elles suspirando enlaçáo ?
¿ Os zephiros azues , que ali discorrem ?
¿ Os leitos para amor , floridos prados ,
Que pendente ramage ao sol defende ?
¿ Entre paphios rosaes sagradas linfas ?
¿ Por entre as murtas passeiando as Graças ?
¿ Do aligero esquadrião travessos brincos ,
Frechas douradas sem cessar voando
Aqui , e ali aos peiros descuidados ,
E se errão corações , ferindo os bosques ,
Porque os bosques ali tambem suspirão ?
Os sorrisos ? os canticos ? . . . ah ! tudo ,
Tudo já te esqueceo ? Volta . querida ,
Apparece entre nós , ouve os meus versos .
Desde o dia fatal , ; que negra turba
De ideias tristes me revoa n'alma !
Desde o dia fatal da ausencia tua ,

Jaz pendente de um alamo sem folhas
 A minha lira ao vento abandonada :
 A lira d'ouro , onde entoei meu nome ,
 Onde a minha paixão soou mil vezes
 Na linguagem dos ceos a teus ouvidos ,
 Lá jaz sem honra : os ventos lhe roubárão
 Dos antigos festões o escasso resto .
 Ao passar com seu gado , olhando-a muda ,
 Diz , suspirando a turba dos pastores ,
 " Eis do amante fiel da Primavera
 A doce lira em misero despreso . , ,
 Driades ternas , que meu canto ouvião
 Não talvez sem prazer , dizem passando ,
 „ O vate emudeceo longe da Amada . “
 Mas apenas teus silphos precursores ,
 C'roados de violetas , assomarem
 Na etherea região de nossos climas ,
 Apenas este ceo pezado , e turvo
 Mandar á terra os ultimos chuveiros ,
 Apenas rebentando as novas folhas
 Se remoçar esse alamo tristonho ,
 E entre a nova ramage em torno á lira
 Rolas amantes repousar vierem
 Cançadas de voar , para seguir-te
 Desde o remoto clima ao clima nosso ,
 A lira tomarei ; e alegre , e ufano ,
 Limpando o musgo do passado inverno ,
 De novas cordas a ornarei á pressa ,
 E voarei a ti para contar-te
 Entre transportes meu passado enojo .
 Querida , vem , apressa-te , consola
 Cibele a tua amiga , a mái dos homens :

¡ Ah ! se a visses , moveia-te a piedade !
 Despedaçado o carro verdejante
 Aos duros golpes do sombrio inverno ,
 De frio muitos os leões , que a tirão ,
 A trança descomposta , o manio em rios ,
 A altaiva c'roa destruida em partes ,
 Afflita , melancolica , sumio-se
 No vasto horror de lobrega caverna .

As torrentes sem freio divagando
 Contra maimoreas pontes indignadas ,
 Investem , chocão , despedação , levão
 Ruinas em montões aos fundos mares .

As driades , teu povo , e tua gloria ,
 Tremem , ó dor ! ao furioso assalto
 D'euros , e notos , e africos em guerra :
 A seu brutal furor nenhuma escapa :
 Parece que as prisões da eolia furna
 De uma vez demolira a mão de Jove .
 Driades bellas de arvores antigas ,
 Refugio outr'ora das calmosas sestas ,
 Driades bellas de arvores vaidosas
 Co'a idade juvenil , verdura , e forças
 Tem a seus pés por victimas cahido .
 Co'os negros fructos oliveira amiga
 Baqueou : não lhe valeo celeste guarda ,
 E Minerva pranteia o estrago enorme :
 Cahe o pinheiro amedrontando os valles ,
 E Pan , sentado nos troncados restos ,
 Triste espera por ti co'a flauta muda .

: D'esta cabana a rustica fogueira
 Sabes quem a sustenta ? Ah ! corre , vôa :
 Cedro , que eu te sagrei , cabio por terra ,

E onde brincou fayonio estalão chammas.

Que tardas deosa ! he precioso o tempo :
Cada momento o teu imperio assola ,
Mui tarde chegirás se não te apressas.
O colono , o pastor em ais te invocão ,
; A mesma natureza he morta quasi !

Mas que hoirendo fragor....piedade: ó numes !
Eis o trovão , que ressoou tão peito !
Talvez que um raio proximo cahindo
Ferisse ; mas o estrondo eis se redobra !
Desfeito sobre nós rola em pedaços
Tornado em fogo o tenebroso Olimpo.
Chloe , e Amarillis tremulas gritando ,
Desfeita a rubra cor em cor da morte ,
Enchem de seu terror esta cabana ,
Innocentes , miserimas pastoras ,
Não griteis , não tremais , vereis em breve
Dissipado este horror nos longos ares ;
Contra o crime orgulhoso os numes troão ,
Não fere o raio os rusticos alvergues.

Não, não me engano: ¿ouvis como se affasta ?
¿Como ao longe rebrama o som , que o bosque
Nos dobra , nos aumenta em longos echos ?
Nuvens de fogo do horizonte fogem ;
Chuva propicia em caudalosa enchente
Desce na escuridão ; sóa no tecto
O amiudado estridor das frias gotas ;
Sibila o vento na visinha setra :
Chloe a porta fechou : nós nos unimos
Em circulo menor em torno á chamma.
O gallo velador , não , não me engano ,
Cantou na escuridade : he meia noite :

; E eu vélo ainda , e velarei saudoso
 As horas todas , que á manhã precedem !
 ; Horas , horas de paz , de horror , de trevas !
 ; Quanto em vós não desprende affoito as azas
 Estro audaz por incognitas veredas ,
 Té que do fado a immensidade alcança !
 As do passado deleitosas scenas ,
 As scenas do porvir gosa , descreve
 Aos tracos olhos do profano vulgo.
 Eu vélo , e velarei pensando , ó deosa ,
 Em meu thesouro , em ti ; gosando ao menos ,
 Na ausencia tua , o teu fiel retrato.
 Sonhe a ambição nas purpuras , e sceptros ;
 Torpe avareza em seus inuteis cofres ;
 A vingança , fatal a si , e aos outros ,
 Cogite embora nas traições , no engano ,
 Nos agudos punhaes , no sangue em rios ;
 Vulgar amante occupe-se dos modos ,
 Com que succumba a timida innocencia ,
 E aos laços venha destramente armados.
 Eu dando a amor o que se deve ao somno ,
 Em chamma pura , porque he tua , ardendo ,
 Eu te escrevo , te pinto os meus desgostos ,
 Risonha primavera , ó doce amada :
 Por ti suspiro ; a tua volta espero ,
 Qual triste , afflito , e incauto viajante
 Perdido n'altra noite em denso bosque ,
 Que ao mais leve rumor tremendo para ,
 Que julga um assassino em cada tronco ,
 E suspendendo o halito , prosegue
 Caindo em silvas , precipicios , rochas ,
 Entre fantasmas , e agourados piões ;

Põe sua esp'range na risonha aurora ;
 Mal que ao longe a notar será ditoso ;
 Serei mais que feliz , pois vais ser minha ,
 Mal que ao longe te vir , ó primavera.

Sim : eu te amo inda mais que a vide ao tronco ,
 Mais do que o touro em maio ama a novilha .
 Quero-te mais que o deos de amor ás trevas ,
 Mais do que Flora ao Zephiro inconstante .

Eu suspiro por ti , como suspira

Murchada planta por sereno orvalho ,
 E ardente seifador por fresca fonte :
 Hes-me tão cara como a bella esposa
 A seu amante de chorar cançado ,
 Quando no dia d'himeneo se abração :
 Tão cara emfim como o primeiro beijo ,
 Que uma terna pastora a medo , e a furto ,
 Consente ao seu pastor roubar-lhe aos labios .

¿ Qual dos amores , que no mundo girão ,
 He mais grato que o meu ? Este em doçura
 Excede tanto aos mais , como tu vences ,
 Tu belleza do ceo , do mundo as bellas :
 O atro , o denso , o venenoso fumo
 Do ciume cruel não turva o brilho
 Ao vivo fogo , que por ti me inflamma :
 Não prohibe o pudor os teus affagos ,
 Não m'os tolhem as leis : da luz não foge ,
 Do segredo , e retiro o horror não busca
 Teu ditoso amador , não teme os argos :
 Ao mundo inteiro seu ardor confessas ,
 Prova n'elle um prazer , que he sem remorsos :

Doce recordaçáo ! lembra-me o instante ,
 Instante d'ouro na existencia minha ,

Em que , agitado de extasis divino ;
 Pela primeira vez em teu regaço
 Na lira te expliquei meus sentimentos.

Do mez das flores o primeiro dia
 Tinha apenas dos ceos baixado ao mundo
 No carro d'ouro da vermelha aurora :
 Juntas em coros no arvoredo as aves ,
 De ramo em ramo em grupos adejando ,
 Em nunca ouvidos sons a luz saudavão :
 Inda os raios do sol não bem desleita
 Tinhão do puro rio a opaca nevoa ,
 Inda das folhas concavas pendiaõ
 Tremulas gotas de lucente orvalho ,
 Que d'ali furtá o brincador favonio ;
 Eu , lembrança fiel não me abandones ,
 Eu te achei , primavera , entre as roseiras ,
 Inda a dormir , na relva de uma penha :
 Nalguns louros de roda entretecida
 Hera tenaz um toldo te formava :
 O melro grave , o rouxinol cadente ,
 Para encantar-te os sonhos diffundião
 Não muito longe a musica dos prados .
 Os ares brandamente embalsamava ,
 Pois toda flores se ostentava a relva ,
 Das rosas o perfume , e de mil flores .
 Ligeiras , bellas silphides , guardando
 Invisiveis seu placido retiro ,
 Impedião que ali chegar podesse
 Temerario pastor , fauno atrevido ,
 E profanar com indiscretos olhos
 Teu corpo nú , sem veo , cheio de encantos .
 Ali me conduzio benigno acaso :

Não mo impedirão silphides zelosas :
Ao vate he dada a natureza tod̄.

Profundo somno , da innocencia imagem ,
Cerrava ainda os olhos teus ao dia :
Co'um ar de riso o juvenil semblante ,
Até sem o saber , até dormindo ,
Faria suspirar homens , e feras :
Entre a face mimosa , e a fria relva
Tinhas meio curvado o braço lindo :
Como ao desdem , na esquerda seguravas
Um lirio , que vencendo a branca neve ,
Na pequena , alva mão par'cia escuro ;
Picava o seio á flor pequena abelha ,
Pequena abelha mais feliz que Jove ,
Pois Jove por ser ella o throno dera.
Halito doce de fragrancia amena
Sae do seio , que turgido se eleva ;
Dos roseos labios da pequena boca
Vem tão doce , vem tal , que um peito humano ,
Bafejado por elle , excede os numes :
Tu , e tudo em redor , tem mago encanto :
Perde-se a mente em rapidos delirios ;
De gratas sensações tropel volante
Escravisa a razão á fantasia ,
E a alma , em vez de pensar , delicias volye .
Vi-te assim , tal fiquei , ó primavera !
Acordaste depois , e abrindo os olhos ,
Tu , e tudo em redor ficou mais bello ,
Se o bello já perfeito inda requinta .
De doçuras n'um mar quasi submerso ,
Cançado á força de sentir prazeres ,
O espirito se esvae , e o mundo foge ;

Depois, tornando a mim , vi-te já pronta
 A abandonar a penha , e ir-te aos valles.
 De ajustar-te um sendal de verdes murtas
 Tinha acabado a oreiade da penha :
 Já meio recatado o niveo seio
 Tinhas n'um cinto de miudo cedro ,
 Que a mais nova das graças te ajustara ;
 No meio d'elle alguns botões de rosa ,
 Nem já todos botões , nem flores todos ,
 Em vez de o embellecer , se ornavão d'elle :
 Espalhada ao desdem a loera trança
 Fluctuava em anneis sobre teus hombros.
 Parei a contemplar-te , ; ah ! nunca o mundo
 Te vio tão bella , como vira o vate !
 Em teu seio amoroso um cupidinho ,
 Qual borboleta d'ouro , esvoaçava
 Das nuas carnes ao cheiroso ramo ,
 E do ramo cheiroso ás nuas carnes :
 Vio-me , e curto farpão dourado , agudo ,
 Curto farpão , que os olhos não percebem ,
 Me arrojou , me sumio dentro do peito :
 Graças ao tiro do divino insecto :
 No profundo do golpe , e na doçura ,
 Que n'elle provo , reconheço um nume.
 Sim , deosa , desde então amante , amado ,
 De dia em dia te encontrei mais terna ;
 Sempre , sempre fiel aos meus extremos
 Tens pago os versos meus por teus carinhos ;
 Carinhos . . . ; ah ! cujo valor ignora
 O vulgo insano , que a cidade habita !
 Se um dia os cortezãos podessem ver-te
 Na pompa simples da belleza tua ,

(; Negros cuidados mil os tem vendados !)
 Dizendo eterno adeos aos aureos tectos ,
 As columnas , aos porticos , aos vicios ,
 Longe irião do frívolo tumulto
 Rustica habitação buscar nos campos ,
 Nas margens construir d'uma corrente ,
 Que de um bosque atravez susurra , e foge ,
 Cabana humilde , que não teme os raios.
 Seus campos , seu pomar , e os seus rebanhos
 Sustento salutar lhes prestarião:
 Um pequeno jardim , platanos , flores ,
 E um tanque , tudo seu , collinas , prados ,
 Recreios sem remorso ali lhes davão.
 Lindas pastoras , mais fieis que as damas ,
 Sem artificio enganador formosas ,
 As delícias de amor lhes offerçerão:
 Scenas , que a vista em quadros lhes encantão ,
 Quando astuto pincel prodigios obra ,
 Ali por toda a parte os cercarião.
 Mas ; ah ! porque me occupo em vás ideias !
 Embora o preço teu não saiba o mundo ,
 Primavera , eu te adoro , e tu me affagas ;
 Caso mil vezes o teu nome á lira
 Quando a teu lado o meu amor celebro ;
 E tu sorris-te , e c'roas-me de flores ,
 Abraças-me extremosa , e me concedes
 Docemente dormir no teu regaço.

Mas tu... porque não vens? não, não me engano,
 Inda ao longe o trovão deixa escutar-se.
 Sobre as ondas talvez do mar de atlante
 Ferva agora a borracha , e despedace ,
 Zombando da arte vâ , dos vãos esforços ,

Poderosos baixeiis : desfeita em fúrias
 Na horrivel serração, com sons do averno ,
 Entre as ondas talvez braveja a morte :
 Gritos de dor aos naufragos escuro :
 Abraçados alguns do lenho aos restos ,
 Ora tocão nos ceos , ora se abismão ;
 De nuvens atro veo submerge a lúa ,
 Não luz na escuridade alguma estrella ;
 Ao duro assalto dos contrarios ventos
 Rugindo estoira o mar em crespas serras ,
 Dos promontorios se arremessa aos cumes ,
 E os faz tremer sobre as marmoreas bases .
 Ah ! quantas n'este inverno , ah ! quantas vezes
 Estes quadros fataes se repetirão !
 Ó tu , das immortaes a mais benigna ,
 ¿ Primavera , onde estás , que não te apressas ,
 Que não vens serenar os elementos ?

Se acaso as minhas supplicas te movem ,
 Se inda hes a mesma graciosa , e doce ,
 Sobe ao carro da aurora , os ares fende ,
 E baixa ao luso clima , onde te chamão .
 Lembra-te aquella gruta , onde Amarillis
 Junto a Dametas , seu futuro esposo ,
 De constancia , e de amor lhe fez taes votos ,
 Quaes nenhum amador jamais ouvira ?
 Aquella gruta , onde ambos apostarão
 Dar n'essa tarde tantos beijos , tantos
 Como as folhas do proximo arvoredo ?
 Aquella gruta , onde ambos consumirão
 Um dia inteiro a adivinhar as graças ,
 Que ter devia seu primeiro filho ,
 E só no sexo os votos discordavão ;

Pois Dametas pintava outra Amarillis,
E Amarillis corando outro Dametas?
Pois n'essa , n'essa gruia os meus amigos
Virão comigo celebrar-te a volta.

Ajustámos de erguer junto do cedro
Simples , campestre altar de terra , e grama ;
Listões de flores o ornaraõ de roda ,
E nós contentes , coroados d'ellas ,
Em honra tua as libações faremos
De antigo vinho , e de espumoso leite :
Todos por sua vez ao som da lira
Cantaremos um himno à gloria tua.
O lavrador , que a proxima campina
Com seus tardios bois arar cantando ,
Parado calará para escutar-nos.

Então , então começa o tempo d'ouro ,
Folgão no campo os naturaes prazeres ,
E a rustica alegria apraz aos deoses.
Aqui apos as candidas ovelhas
Vai trigueira , descalça pastorinha
Aos echos do arredor cantando amores :
Ali galhudo satiro se esconde
Para colher alguma ninta errante :
Aqui por ledos sons retine o bosque ,
O riso ferve , as flautas se misturão :
Mais longe aos pés de mal fingida ingrata
Se escutão rogos apiedando as selvas.
Um favonio subtil encrespa as agas ,
E entraiva a ninfa , que procura ornar-se
Consultando na fonte a propria imagem.
Priapo brincador gira saltando
Nos jardins , nos vergeis , e nos pomares ,

Batendo os ramos , e açoutando as aves ;
 Que enxotadas envia aos densos bosques :
 Ellas vão pelo ar fugindo ao nume ,
 Quando as setas de amor la vão ferillas ;
 Amor , e seus irmãos , discorrem tudo ,
 A tudo quanto existe arrojão settas :
 La se ouve junto á faia susurrando
 Verde carvalho um não sei que tão doce ,
 Que aos amantes apraz o seu murmurio ;
 Do rebanho o marido entre o rebanho
 Bala amoroso , e todas lhe respondem :
 Pela novilha se enturece o touro ,
 Acomete o rival , gosa o triunfo.
 Cor de neve , pequenos cordeirinhos ,
 Já balão na verdura : alem se aumenta
 Das cabras ao pastor o seu rebanho ;
 Os pequenos irmãos correm brincando ,
 Aquele foge , os outros o perseguem ,
 Voltão , saltão , levantão-se , discorrem
 Por toda a parte n'um momento o prado :
 O leite abunda , e brevemente faltão
 Os tarros ao pastor , onde o recolha .
 Por outra parte , encantadora scena !
 Os brincos infantis se me affigurão.
 Aqui turba apinhada entre as silveiras
 Apos o som do grilo o vai buscando :
 A estridente cigarra ali se colhe :
 Lá se arma a rede ao passarinho incauto ,
 Se envisea o ramo , e o prisioneiro atado
 Com longo fio ao pé nos ares vôa .
 Um mais travesso ás arvores trepando
 Se balança n'um ramo , ou furta os ninhos ,

Outro mais atrevido em vão forceja
 Por montar no carneiro , que se escapa ,
 Fazendo ao longe retinir os bosques
 Co' o crebro som da aguda campainha.
 Na luta , na carreira apostas fervem :
 Tenta menina um malmequer desfolha ,
 E pelo amor da mái á flor pergunta :
 Outras vezes na terra está formando
 Quadrado tanquesinho , e põe-lhe em roda
 Cravados ramos de roseira , e murta :
 Da linda camponeza ao colo pende
 O pequenino infante , que sorrindo
 Balbucia de mái sagrado nome ,
 E os beijos maternaes excita , e goса ;
 Em quanto seus irmãos vão na corrente
 Pôr de cortiça um concavo barquinho.
 ; O' da infancia do mundo amaveis scenas !
 Se inda as virtudes sobre a terra existem ,
 Se inda existe o prazer , o socio d'ellas ,
 He nos campos sómente ; e a quadra tua
 Nos mostra , ó primavera , este prodigo.
 Mas da fogueira a chamma se enfaquece . . .
 Já os gallos das proximas cabanas
 Vão começando a annunciar-me o dia :
 ¡Quanto ho bello este som ! ; Com que transporte
 N'uma fresca manhã se escuta ao longe
 Este nuncio da aurora , cujo grito
 Outros aqui , e ali vão repetindo
 Com menor intervallo , e voz diversa !
 Sim : o dia começa : a luz nascente
 Pelas fendas do tecto está brilhando.
 Eis-me só junto ao lar ; talvez que ha muito

Se ausentassem d'aqui meus companheiros;
 ; E agora em doce paz estão dormindo !
 ; Quanto a noite foi breve ! ah ! ; não me engano !
 Da fresta , onde cheguei , contemplo os ares,
 E claro vejo o ceo , de nuvens limpo !
 ; Lá brilha no horizonte a estrella d'alva !
 ; O' dor ! que os olhos meus somente alcancem
 Como atravez de um veo a natureza !
 ; Que estes montes , que ao longe se descobrem ,
 Cujos cumes mil arvores guarnecem ,
 Que o rio ao longe a fulgurar coas ondas ,
 Que os remotos casaes da gente humilde
 Sobre as verdes campinas alvejando ,
 Não possa ver ! . . . mas que murmurio doce
 Lança a folhagem do loureiro antigo ,
 Que detrante de mim se eleva aos ares ?

O favonio acordou , que hontem de tarde ,
 Cançado de voar , adormecera
 Junto á cascata no pomar sombrio :
 Vai subito partir : em curtas horas
 Será contigo , e te dará meus versos.
 Adeos , querida , a tua volta espero ! . . .

DEDICATÓRIA

UM DIA

DE

PRIMAVERA.

POEMETO.

DEDICATORIA A MINHA MÃI.

Semelhante a estas arvores , que despertando do somno do inverno ao bafo omnipotente da primavera , parecem reviver , e se cobrem de flores , o meu genio se oomeça a cobrir das suas com a volta d'estes dias puros , e agradaveis para os amigos do campo. As primeiras flores , que d'elle pude colher , servirão-me para formar a grinalda , que apresentei nas festas da primavera , celebradas pelos meus amigos. Depois de a haver tirado do altar da deosa , que preside á mocidade do anno , & a quem senão a vós , ó minha Mäi , deveria eu offerecer esta grinalda ? sim : para outra qualquer pessoa o meu presente teria sido muito

pequeno ; mas eu estou certo , de que o coração materno n'ella encontrará mais graça , cores mais vivas , e perfume mais agradavel. Em sim eu ouso lisongear-me com a ideia de que pregando ternamente os olhos sobre a minha obra pensareis em silencio que eu sinto toda a doçura da gratidão para com aquella, de quem tenho recebido a existencia , a educação , e todos os desvelos os mais amorosos , e interessantes ; e alguns suspiros , e lagrimas scrão , para cumulo da minha felicidade, esplhados na minha ausencia.

HISTORIA DA FESTA DA PRIMAVERA.

Subindo pela corrente do Mondego até a um quarto de legoa de distancia da Cidade , encontra-se na margem do poente um retiro agradavel , que parece ter sido expressamente formado pela mão benefica da Natureza para ver debaixo das suas sombras uma sociedade de amigos Poetas , esquecidos por algumas horas de todo o mundo , no seio dos prazeres os mais vivos , os mais amaveis , e innocentes. A *Lapa dos Esteios* é o seu nome , a Liberdade o Genio tutelar d'aquelle sitio encantador. Um pequeno caes ornado de cinco árvores , uma das quaes inclinando-se sobre o rio cobre com a sua sombra os bateis , hospéda graciosamente aos que demandão este asilo. Ao fundo do caes , e por isso na frente dos que desembarção , se-levanta uma muralha natural de rochedo , aberto em muitas sinuosidades. A barra d'esta muralha , até a altura pouco mais ou menos de oito a dez palmos , é perfeitamente escalvada e nua , e d'ahi até a cima reveste-se de um manto de

heras, que ora formão como rochedos pendurados, ora se escondem para formar pequenas grutas, d'onde ás vezes se vêm sair os passaros, que vão pousar sobre os proximos lamegueiros, festejando pelos seus cantos a belleza e frescura das suas habitações. A'direita fecha-se esta aprasivel scena por uma subida, ocupada por um bosquinho, atravez do qual os olhos se perdem na consusão dos troncos, e immensa folhagem. A'esquerda se eleva uma escada grosseira, mas commoda, de doze degráos: sobre ella confundem a sua immensa ramagem dois antigos lamegueiros, e por detraz d'ella outras arvores mais pequenas se abração mutuamente, se enredão por mil voltas d'hera. Termina esta escada em um plano quadrilongo, com assentos ao comprido, dos dous lados mais extensos; isto é da parte da terra e da dorio, cujas aguas se vem brilhar através do arvoredo cerrado, que desce por uma especie de promontorio, não muito extenso desde esta elevação, até se perder no meio das aguas, e é do principio d'este arvoredo, que cár a sombra e frescura deliciosa sobre os assentos d'uma e outra parte. A pureza, e o perfume do ar; o aspecto variado da terra e agua; o susurro dos ramos agitados pelos zephiros; o canto dos passaros; a presença da natureza bella sem os esforços da arte; a paz

e a tranqüillidade do deserto, são a fonte perenne dos encantos d'este sitio. Uma la-deira suave, opposta á escada por onde se tinha subido, e ainda mais assombriada, conduz a outro caes, talhado em degráos naturaes até á agua: mas o aspecto d'este é muito diverso do primeiro: sem arvores, sem relva, sem mais verdura do que a da muralha do fundo, onde se apresentão em grupos, bordando um véo immenso de musgo, fetos silvestres, congorças, e uma infinitade de plantas diversas, entre as quaes avultão dispersos alguns ramos de figueira brava, este lugar compensa a sua falta por uma vista bella e desafrontada.

Chegou o dia da primavera', para o qual havia muito que eu, e os meus amigos tinhamos ajustado ir fazer uma festa poetica em algum lugar aprazivel, em honra da mais bella de todas as estações, e a Lapa dos Esteios foi para este fim preferida a muitos outros sitios agradaveis e campestres, que em profusão se encontrão a diversas distancias em roda da cidade. Compunha-se o nosso rancho de 12 pessoas, todos amigos, poetas, e academicos, dos quaes em seu lugar farei menção. Pouco depois do meio dia, tendo-nos reunido e abraçado, dirigimo-nos alegremente, e com algumas flores na mão, para o caes, onde já um batel nos esperava. O ar estava puro: um

vento ligeiro, e doce tendo começado a soprar, defendeudo-nos do incómodo do sol, que ardia com todo o seu brilhantismo, nos-ajudava a remontar com mais velocidade a corrente.

Em quanto alguns d'um, e outro lado estribando varas no fundo nos-fazião voar ao lugar suspirado, os outros se-occupavão em fazer retinir ambas as margens por cantigas alegres, e entoadas em chusma; de quando em quando éstas cantigas se-interrompião para se-notar algum bello espectaculo n'uma das margens: planicies verdes e floridas, cellinas risonhas, casas de campo, quintas, jardins, e mil arbustos, entre choupos e salgueiros, debruçados até tocar n'água, compunhão este painel interessante, que arrebatava os meus amigos, e que pela privação absoluta, em que a distancia me-punha a seu respeito, me-arrancou alguns suspiros, e me-fez sentir no meio da alegria alguns momentos de tristeza, encostado a uitu lado da nossa embarcação. Mil coisas se-sucederão rapidamente durante a nossa viagem, cujo agrado eu não saberia descrever, taes como os gritos, que repentinamente soltámos ao passar por baixo do terceiro arco da ponte, aonde o som das vozes, reflectindo nas paredes e teeto de pedra, se-tornava mais vivo e mais alto do que na extensão da agua descoberta, aon-

de logo tornamos a entrar ; as despedidas á Cidade , que se-nos-ia escendendo , e aos diferentes pontos das margens , que successivamente nos-ião fugindo : a vista de um bando immenso de pombas , que levantando-se atemorisadas á nossa passagem perto d'uma pequena ilha de areia , aonde tinham ido beber e refrescar-se , e passando pela nossa prôa forão pousar na margem proxima : o ceo todo retratado nas águas , que umas vezes pela sua pureza deixavão ver o fundo , e outras representavão o sol com toda a magnificencia dos seus raios ; estes , e muitos outros incidentes repartião deliciosamente a attenção d'estes Moços A nacreontes , viajando . Trez quartos d'hora durou pouco mais ou menos ésta alegre navegação , e passado o primeiro nós não deixámos um so minuto de cançar os barqueiros com as nossas perguntas sobre o quanto nos-restava . Julgava-se ver a Lapa dos Esteios em quantos lugares aprazíveis se-descobrião ao longe . Elles a-mostráram finalmente com o dedo : todos se-levantáram , e um grito geral resouu , saudando o sítio desejado . Saltámos enfim no primeiro caes , e deixando preso o bireo a uma pequena árvore , a terceira do lado esquerdo , corremos debandados a visitar todos os recantos ainda os menores da solidão , que íamos povoar por algumas horas , e reunir-

do-nos no alto , onde achamos assentos comodos, esta lapa , gritou um dos amigos , parece ter sido feita pela natureza para habitação das musas ; aqui as heras se estendem por toda a parte : e nós passámos logo á leitura dos versos , que todos levavâmos: os meus amigos tiverão a bondade de me fazer uma honra , á qual eu não tinha direito de aspirar no meio d'elles , exigindo , que se começasse pelo meu poema ; este , assim como quasi todos os outros , tinha sido composto antes de escolhido o lugar , e é por isso que entre a exposição fiel da festa , e a que nós fazemos em nossos versos , se acha bastante diferença. Em quanto a mim eu imaginei alguns divertimentos , que podessem encher um dia de primavera , passado com os meus amigos , e descrevi-os pelo modo pelo qual se me tinham representado. Concluida esta leitura o meu amigo José Victorino da Fonseca Cardozo (Elmiro) se adiantou para mim com uma faixa de hera , que apezar da minha oposição me lançou em tiracollo do ombro direito ao lado esquerdo. Seguiu-se Francisco de Senha Fernandes (Anfriso), o qual em pé a meu lado , e com uma coroa de flores na mão , recitou uma bella ode : na ultima estrofe me coroou abraçando-me. Não me foi possível resistir a esta honra , que eu achava dema-

siada , porque os meus amigos vivamente se
oppozerão , e eu fui obrigado a deixalla
sobre a minha cabeça. O meu coração está
muito soberbo com este premio dado pelas
mãos da amisade: eu conservo, e conservarei
sempre esta grinalda , até que o tempo a
tenha perfeitamente aniquilado. O meu
triunfo, bem que fosse ja então tal qual eu
nunca o poderia sonhar, não estava perfei-
tamente completo ; porque José Maria Gran-
de (Josino), a cuja musa encantadora ha-
ja muito tempo que eu sou devedor da
immortalidade , leo antes de um poema ,
pequeno em extensão , mas grande e muito
grande em merecimento , o meu elogio em
tão bellos versos , que eu me vejo obriga-
do a perdoar-lhe as lisonjas. Meu irmão
Augusto Frederico de Castilho (Auliso)
leo um longo poema , intitulado = A pri-
mavera = cheio de harmonia , de novidade,
e de um gosto exquisito : seria inutil di-
zer o que sinto ácerca d'este poema , tan-
to porque o meu suffragio seria suspeito ,
como porque estou bem certo , de que os
que o lerem , farão d'elle a mesma ideia ,
que eu faço. A sua leitura foi interrompi-
da por uma flauta , que soou muito perto
de nós; era o men caro amigo , o Horacio
Portuguez , José Fernandes de Oliveira Lei-
tão de Gouveia , que inexperadamente nos
appareceo alvoracgado na curta escada , que

serve de communicação entre a Lapa e a quinta das Canas , que lhe-fica iminente. Tudo se-confundio com clamores de alegria á sua chegada, cercámol-o, abraçando-o , e tirando-lhe a flauta das mãos o-levámos a todas as partes do nosso Parnaso , contando-lhe todos a um tempo o que até ali se-tinha passado , quantas vezes se-fallára no seu nome , e desconfiara da sua promettida vinda. Este Homem amavel, jovial , despido de prejuízos , e proprio para ser a alma de uma sociedade de Mancebos alegres , começoou desde logo a tomar parte nos nossos transportes e nossa Festa innocent. Concluiu-se finalmente a leitura do Poema , interrompida pela sua chegada ; e o Poeta teve a honra de ver o novo socio arrebatado ao ouvil-o. Uma Coroa de hera finalmente colhida da árvore mais proxima lhe-foi posta por mão de Josino.

Elmiro prendeo depois a nossa attenção por um Poema de muita invenção e belleza , aonde o incenso da lisonja foi outravez queimado diante de mim no thuribulo da amisade. Coroámol-o igualmente ; e o mesmo se-fez a todos os que se-seguirão , que recitarão algumas obras mais pequenas, ou traducções.

Meu irmão Adriano Ernesto de Castilho Barreto repetio uma delicadissima traducção

livre da primavera de Thompson. Albano Sutil de Pina uma traducção em bellas quadras do idilio da primavera de Gessner. Francisco Cesario Rodrigues Moaxo uma traducção em prosa de Utz, que leo em pé com o copo na mão, e rematou com uma saude. Francisco de Assiz Salles Cildeira (Franzino) uma traducção da primavera de Cramer: fechando-se finalmente ésta sessão poetica com a leitura de parte de um poema de mais de quatrocentos versos de meu irmão pequeno José Feliciano de Castilho. Todos ja finalmente estavamos coroados, e o rancho se-espalhou. = O sol vai ja muito baixo: os seus raios apenas tocão ja os cumes das collinas fronteiras: aproveitemos o tempo = gritáramos alguns amigos, que tinhão subido a uma eira situada na borda do planio, sobranceiro á lapa; e todos nós sentimos, que a tarde nos ia quasi insensivelmente escapando. Então ao som da flauta do nosso Horacio, o Gouveia, começáramos todos a dançar e a saltar; e as aves, incitadas pelas musicas, levantáramos mais alto os gorgeios da tarde. As folhas das heras, que ali cercavão todas as árvores, e algumas flores, voavão ás mãos cheias como em chuva de uns sobre os outros. De quando em quando uma voz levantando-se fazia notar alguma nova belleza, a que ainda se não

tinha attendido. Em pé sobre o caes mais arido Auliso chamando os outros lhes fez notar como o rio d'ali, por causa da sua curva, se affigurava um lago cercado de collinas desiguaes, coroadas, e semeiadas de laranjeiras, oliveiras, e pinheiros, e casas alvejando; descobrindo-se mais ao longe, por entre estes, outros outeiros muito arredados, e que ja quasi se perdião na distancia, e na sombra da tarde. Eu imaginava toda esta seena: o quadro na minha alma era bello, mas seria elle por ventura verdadeiro? não o sei. Uma merenda saborosa nos appareceo de repente, e como por encanto: Elmiro tinha sido o mágico providente. Um linho quadrado, e branco como a neve estendido sobre o caes onde tinhamos desembarcado appareceo coberto de iguarias delicadas, garrafas, e copos coroados de verdura: quatro troncos lançados em quadrado formavão os assentos: dous pequenos irmãos, vestidos de branco, erão os Ganimedes do nosso banquete alegre: parte assentados, parte deitados em diferentes attitudes, outros girando por entre os primeiros com os copos, e pratos na mão, risos, gracejos, e ditos a tempo, vivas dirigidos com o copo na direita a lugares muito distantes, saudes a um sem numero de objectos variados e agradaveis, narrações festivas, musicas alegres de flauta,

mil vezes começadas, e outras tantas interrompidas, e outros muitos incidentes impossíveis de descrever, concorrião n'uma doce confusão para encantar a ultima hora da festa da primavera.

O sol tinha ja desapparecido, e o ceo ainda não estava assombriado pela noute. Não foi senão depois de muitas vezes advertidos pelos barqueiros, que nós reparámos na necessidade de partir: levantamo-nos, e nos chegamos para a borda da praia, mas nenhum queria ser o primeiro, que a deixasse. No meio d'estas questões o Gouveia levantando a voz começou a cantar = A minha Lilia morreó = n'um improviso delicado e sentimental. Um silencio profundo o cercava por todas as partes, deixando ate ouvir o murmúrio da corrente, que banhava a rocha. Visitámos por ultima vez a lapa; travou-se uma dança de despedida, e fez-se uma saude geral ao lugar, e ás tres Graças, que ali costumão vir muitas vezes. Embarcámos finalmente a pouco e pouco com as coroas na cabeça. Tivemos logo o cuidado de recommendar, que de maneira nenhuma se impellisse o barco com as varas; porem que o deixassem ir tão devagar como a corrente com toda a sua docura o podesse levar; e nós desejavamos retardar ainda mesmo esta leve corrente. Achou-se conveniente para manter a ordem, porque

uma confusão de mil gritos e vozes diversas a um tempo nos-envolvia, nomeiar, à maneira do rei do vinho nos festins dos antigos, um que nos-governasse : Gouveia o foi por uma geral aclamação : um propoz, que todos os que nos-achavamos reunidos nos-dessemos d'ahi por diante o tratamento dos amigos ; approvou-se : e aquelle, ajuntou outro , que desobedecer a ésta lei tenha-se por excluido da sociedade dos *Amigos da Primavera* : approvou-se igualmente com entusiasmo ; levantáro-se todos abraçando-se , apertando as mãos , e empregando no meio do riso o novo tratamento com tanta profusão , que nada mais se-ouvia. Todos os socios, gritou outro , e o silencio foi restabelecido , todos os socios deverão conservar, até que por si mesmos sejam destruidos, estes monumentos da sua gloria , estas grinaldas , que os-ornão : approvou-se ésta nova lei , que não fez mais do que confirmar as tenções de cadaum. Propoz-se depois , que empregassemos o tempo que nos-restava em repetir , segundo a ordem dos assentos, uma pequena Peça Poetica cadaum. Aqui a discussão foi mais viva : porque uns lembravão , que seria melhor que se-cantasse, outros que se-tocasse flauta ; um finalmente conciliou as opiniões, representando que tudo isto se-podia fazer ; assim se-approvou e executou.

A serenidade da noite junta com as saudades do dia nos-fez achar uma doçura inexplicavel nos sons da flauta , que parecião modulados pela melancolia, e se-esvaião ao longe nos ares. A's vezes quando nos-proximavamos mais a uma das margens um ligeiro echo, cheio de doçura e tristeza , se-agradava de repetir a musica , e as palmas com que nós a-applaudiamos. Em quanto um só cantava em meia voz , e nós o-escutavamos silenciosamente com a mão na face , meios voltados para o rio, era-nos agradavel ouvir em som muito mais baixo as pequenas ondas beijarem os lados da nossa embarcação , e fugirem com um murmurio sonoro.

Desembarcámos finalmente , e abraçando-nos, penetrados d'igual amisade, e d'iguaes lembranças , nós promettemos fazer outra festa semelhante em honra do primeiro dia de Maio.

U M D I A
D E
P R I M A V E R A.

Eila que chega a doce primavera !
 Logo ao romper do dia murmurando
 Os favonios azues a annunciarão.
 Eila que chega ! as aves a saudão ;
 Festeja-a puro o ceo , ja verde o bosque ,
 A fonte , o rio com murmúrio grato ,
 Com lindas flores , com perfume os campos ,
 Com extasi , e ternura a natureza .
 ¿ Não vedes como a aurora alegre espalha
 Nos ceos orientaes matiz brilhante ?
 ¿ Não a vedes a rir , lançando á terra
 Sobre a verdura o transparente aljofar ?
 ¡ Olhai como estas plantas enlaçadas ,
 Que as flores varias entre si confundem ,
 Frescas se esmaltão do sereno orvalho !
 Sim , meus amigos , sim , tudo se alegra
 Da primavera á suspirada volta .
 Mais cedo ao leito do marido annoso ,
 Furtando-lhe o calor , e os seus astagos ,
 Hoje a aurora fugio : no roseo carro

De aureas flores toldado , e de violetas ,
 Sentada estava ha muito á sua espera
 A minha Amada , a juvenil Belleza ,
 Que inflamma os corações , que enteita o mundo :
 Subio , sentou-se alegre , e n'um momento
 Na immensa estrada azul batendo as redeas
 Aos nevados Frisões , choveo sobre elles
 Da haste comprida , e tremula dos lirios
 Crebros golpes , que rapidos os-tornão :
 Em quanto juntas pelo ar descião
 Desde o cume dos ceos aos campos nossos
 De transparentes nuvens escoltadas ,
 ¿ Sabeis o que dizia a doce Aurora
 A Primavera candida , e vermelha ?
 Este Favonio de ligeiras azas ,
 Que sobre a fonte alem brincando vistes ,
 Molhando n'água os debruçados ramos
 Do arbusto , onde adejava a borboleta ,
 Este Favonio ... ah ! vede-o como a pressa
 Vem de Chloe brincar ante a cabana
 C'o o jasmineiro , que lhe-veste os muros !
 Elle , elle mesmo acompanhava o carro ,
 Tudo olhou , tudo ouvio , contou-me tudo .
 A meiga Aurora á meiga Primavera
 Abraçou vezes mil : as faces d'ambas
 Se-união n'um transporie ; e os roseos labios
 Dos roseos labios beijos mil colhião :
 O' terna amiga , ó Deosa , lhe-dizia
 A Esposa de Titão ; i como erão tristes
 Na tua ausencia os campos , onde vamos !
 Nos cumes orientaes dos Lusos montes
 Verás d'aqui a pouco á tua espera

A turba toda dos Campestres Deoses,
 Flora , Cibele , Driades , Napeias ,
 Hamadriades , Naiades , Silvano ,
 A dançadora Cinthia , Amores , Graças ,
 Os ledos Risos , a amorosa Venus ;
 E Pan ha muito tempo em nova flauta ,
 No verde cume do apartado monte ,
 Onde um canavial susurra , e treme ,
 Para a tua chegada estuda um himno :
 Ao som d'elle verás sobre os rochedos
 Com destreza dançar ligeiros Faunos ,
 Cingindo de verdura as negras pontas.

Ja fugio do horizonte a roxa Aurora ;
 Ja desceo , ja passeia os campos nossos
 Docemente sorrindo a Primavera .
 Pouco a pouco rompendo a opaca nevoa
 Dardeja ledo o Sol mais puros raios :
 Eis ja dourados do arvoredo os cumes ;
 Eis na corrente limpida saltando
 De reflexos de luz aureo cardume :
 Alem na encosta do vizinho outeiro
 Um rebanho balar se-me-affigura ,
 E ouvir de uma pastora o canto alegre .
 Olhai , Amigos meus , dizei-me á pressa
 ¿ Que scena offrece a encosta da collina ?
 A relva , de alvas flores matizada ,
 Onde o calor nascente o orvalho enxuga ,
 Aquellas sombras d'árvores dispersas ,
 ¿ Muito bellas não são ? ¿ dizei-me , é grande
 O rebanho pacífico de ovelhas ?
 ¿ É bella a guardadora ? ¿ está sentada
 Junto de algum pastor ? ¿ ou antes colhe ,

E guarda em seu regaço amenas flores ?
¡Traz disperso o cabello ás brandas auras,
Ou rubras rosas em grinalda o-prendem ?
Corramos n'um momento os campos todos ;
Não fique uma só tonte, um valle, um bosque,
Uma gruta , um outeiro , onde encantados
Não vamos contemplar a Primavera.

Este estreito caminho , onde inda ha pouco
Iáo corriendo em turbido regato
Chuvas mandadas do vizinho monte,
¡Como agora está bello ! estes silvados,
Que d'uma e d'outra parte o-estão vestindo,
Ja não são montes de crueis espinhos ,
São montes de verdura , e roxas flores ,
Onde n'outra estação viráõ c'os cestos
Colber nevadas mãos negras amoras ,
E off'recel-as á tarde aos seus pastores.
Ali o légiaco , e a madre-silva
Difundem no arredor seu grato cheiro :
De madre-silva ornemo-nos as frontes.
Mas não : fique-se em paz a flor nevada :
Vamos ; n'aquelle penha estão violetas ,
São violetas a flor da Primavera.

Eis um fertil pomar : aqui Vertumno
Veio uma tarde do passado Outono ,
Mudado em rouxinol , cantar nos ramos ,
D'onde, mais bella que a gentil Pomona ,
Egle andava colhendo os doces fructos ;
Julgou ver sua Deosa o terno amante ,
Etão doce cantou por entre os fructos ,
Tão queixoso gimeo , gimeo tão meigo ,
Cercou-a tanto com chorosos pios ,

Tantas vezes pousou na mão de neve,
 Na trança negra, no virgineo seio ,
 Que a amavel Egle compassiva o-trouxe
 No candido regaço ao lar paterno ,
 E em pintada gaiola o-guarda ainda ,
 Que o Deos não quer fugir do cativeiro :
 Quando a-sente acordar pela alta noite ,
 Sólta gorgeios languidos , que possáo
 A sua Dona adormecer de novo.
 Ao romper da manhã , quando no bosque
 Ouvi ao longe cantando as outras aves ,
 Elle a-acorda com subitos requebros.

¡ N'este fertil pomar , quantas delicias
 Fadou o Nume ao sítio , onde foi preso !
 Inda folhas não ha , ¡ são flores tudo !
 ¡ Vede como ante o sol tremula , e brilha
 O pessegueiro c'o vermelho ornato !
 ¡ Vede alem , da pereira a branca veste ;
 Da ceregeira , do abrunheiro a copa !
 ¡ Vede como uma vide em cada tronco
 Tenaz se-enleia em tortuosos giros !
 Ja seus pequenos pampanos rebentão ;
 Verdejantes festões ja vão formando :
 ¡ Do suave morango a planta humilde
 Aqui e ali no verde chão rasteja ,
 E ante ella sobe o medronheiro altivo !
 ¡ Como é puro este ceo do campo d'Egle !
 ¡ Como é doce este zephiro , que brinca
 Entre as árvores d'Egle ! este é ditoso
 Mais do que os outros zephiros , pois salta
 Em torno á bella , e em suas vésres brinca !
 ¡ Eil-a que sac de seu campestre alvergue !

Do braço nu , e candido lhe-pende
 Pequeno cesto com dourado milho ;
 Chama com sua voz as pombas suas ,
 Sobre o tecto musgoso ellas pousáráo ,
 O saboroso gráo lá lhes-atira
 A' eira circular proxima aos lares :
 Lá vâo o niveo bando , a prêsa colhe ,
 E com fragor os ares dividindo ,
 E co'as azas formando auras em torno ,
 Outra vez arrulando o tecto cobrem :
 Eis segundo punhado : eis vem de novo
 Umas sobre outras , qual nevada chuva :
 Uma d'ellas , mais alva do que o leite ,
 Vai pousar no cestinho ao lado d'Egle ,
 E mansa come na formosa dextra ;
 Fere-lhe o sol as plumas , que reflectem
 Do Iris variado as vivas côres.
 Despejado o cestinho , as pombas deixa ,
 E vem á borda do redondo tanque
 O sustento lançar aos rubros peixes :
 Mal que o-choveo nas transparentes águas
 Eis o lindo cardume ávido sobe ,
 Pupizando-o procura , e meneiando
 Ufano a cauda , occulta-se com elle.
 Vamos , Amigos meus ; deixemos Egle ,
 Deixemos seu pomar : alem nos-chama
 A penha de violetas revestida ,
 Onde as frentes cingir devemos todos .
 ; Mas que risadas d'esta parte soão
 Entre os salgueiros do regato á borda ?
 ; Rasgado o cinto , descomposta a trança
 Uma Ninta gentil é quem se-escuta ,

A rit n'este pacífico atvoredó !
 ; Eis ali entre as ondas bracejando
 A soltar de afflictão piedosos gritos
 Um Sátiro inteliz ! ja muito longe
 A corrente lhe-leva o odre , e a flauta !
 Agora á flor das águas apparece ,
 Some-se agora no arenoso fundo !
 Em vez de o-soccorrer , vozeião rindo
 Da opposta varzea os rusticos pastores.
 Esta Ninta gentil ia correndo
 Por ésta verde margem , perseguida
 Do Sátiro , que alem ja vai surgindo ,
 Lançando a grossa dextra aos longos juncos ,
 E aos vimes , que sôbre a água esião pendentes :
 A'quella silva no passar prendeo-se
 Da virgem bella o transparente cinto :
 Bate as palmas o amante , e mais ligeiro
 Precipita a carreira , e vai clamando ,
 Venci-te ; e ávida mão ja lhe-lançava ,
 Quando resvala na ervalhada relva
 O pé caprino , e no cristal se-abisma !
 Cae-lhe do seio a cana harmoniosa ,
 ; Cae-lhe o thesouro Bacchico dos hombros :
 Mal que pôde gritar , ó flauta ! ó odre !
 Disse tres vezes , e esqueceo-lhe a Ninha .
 Mas todos vós em rôrno d'este choupo ! ...
 N'elle de fresco uma inscripção gravada ! ...
 C'roas de rosas na árvore pendentes !
 Rosas , e murtas alcatifando a terra !
 Lede-me ésta inscripção , lede-me á pressa :
 Lei de amor é seu titulo : ; seria
 A propria mão de Amor quem na-escrevesse !

= Amai, ride, bebei, cantai, Pastores,
 Olhai que cedo a Primavera foge,
 E a flor, murcha uma vez, nunca renasce!
 Pastoras, ride, amai, vivei ditosas. =

; Oh lei digna de Amor, suave ao mundo!
 ; Tu nos abres o Elício antes da morte!
 Vamos annunciar-a aos campos todos.
 O' Vates, socios meus, ja que propicias
 No berço vosso as Musas vos olharão,
 Votai á lei de amor desde hoje o canto;
 Amai, ride, bebei, cantai, ó Vates,
 E aos sexos ambos ensinai prazeres:
 Vamos de valle em valle, e monte em monte
 Aos echos obrigando que repitão
 A lei feliz aos mais distantes Povos.
 Cadaum colha affouto uma grinalda,
 D'estas, que pendem nos viçosos ramos,
 Affouto cadaum se-orne com ella:
 Segundo penso, fabricadas forão
 Por mão das tres Irmãs do Nume Alado:
 Terá sua fragrancia em nossas mentes
 Influencia divina, e o mundo inteiro
 Em nós verá de amor os Sacerdotes.

Vamos: eu quero amar: sim: porém onde,
 ; Onde estará da primavera a Deosa?
 Por toda a parte os seus vestigios noto,
 ; Mas não a-posso achar! flores, delicias,
 Verdura, almos favonios, mil prazeres,
 Noto por toda a parte, e não a-encontro!
 ; Mas vós rideis? ; Julgais que não existe
 A Deosa amavel, que minha alma inflamma?
 ; Minha doce paixão julgais delirio?

Sim , existe ésta Virgem graciosa ;
 ; Não são sem divindade estes prodígos !
 ; Quem faz tão doce murmurar a fonte ?
 ; Quem abre a rosa na materna planta ?
 ; Quem dá cheiro á violeta , e cor ao lírio ?
 ; Quem faz tão puro o céo , tão verde o campo ?
 ; Quem obriga a cantar tão doce as aves ?
 ; Quem lhes-ensina a fabricar seus ninhos ?
 ; Quem é que influe no coração dos homens
 Tanto amor , tanta paz , doçura tanta ?
 Sim , existe ésta Virgem graciosa ,
 A minha doce Amante , a minha Amada.
 Mas ah ! pastor nenhum me-dá notícia
 De a-ter visto passar , ; e eu vejo impressas
 Suas pisadas n'este campo ameno !
 Ah ! quem me-dera que chegasse a noite :
 Da noite no pacífico silêncio
 Transmitte o ar mais longe o som das vozes ;
 Do casal mais distante ouve-se ás vezes
 O rafeiro ladrar , ouve-se o gallo ,
 Que a mui longa distancia o canto sólta :
 Ah ! quem me-dera que chegasse a noite !
 Irei gritar do cume dos outeiros
 O' Primavera , ó doce Primavera ;
 E depois que tres vezes repetirem ,
 Ao longe os echos meu tristonho grito ,
 Atento escutarei , se me-responde :
 Se nada ouvir , com redobrada força
 Bradarei , Primavera , ó Primavera :
 E os campos todos correrei bradando :
 O rouxinol , e o mocho de medrosos ,
 E a si se-calará no verde charco .

Na solitaria gruta alguma ninfa
 Ha de acordar, e á parte do oriente
 Lançar a vista, procurando a Aurora ;
 A Aurora não virá, e eu longo tempo
 Andarei pelas trevas suspirando.
 Se tres vezes o sol descer ás ondas ,
 Sem que eu possa encontrar a minha Amada ,
 E sem que algum pastor me-informe d'ella ,
 Riscarei seu amor da minha ideia ,
 Pensando que era ingrata , ou que entre sonhos
 Somente a-vi nos extases do estro .

Mas não amar !... e serei eu no mundo
 O primeiro infractor da lei suave ?...
 O' Chloe , ó bella , ó suspirado encanto
 De tantos corações , que impune feres ,
 Tu de meus ternos canticos o objecto ,
 Tu somente seiás : quando passares
 Com teu rebanho á tarde pelo bosque ,
 Para o-levar ao limpido regato ,
 Sentado me-verás na flórea margem
 Sobre uma pedra a celebrar teu nome .
 Quando o curral a teu rebanho abrires
 Ao romper da manhã , ver-me-has não longe
 Junto de tuas árvores louvar-te :
 Quando na sesta á sombra da oliveira
 Tiveres docemente adormecido ,
 Em sonhos ouvirás sonora flauta
 Na selva resoar , e interromper-se
 Por cantos faceis de extremoso amante .

Mas vêdes sobre os ceos como vai alto
 O astro d'ouro , e já se-encurta a sombra ?
 Vamos , Amigos , sobre a penha ha muito

Que os meus desejos férvidos revoão :
 Ei-la se-amostra placida sorrindo ;
 ; De flores um montão parece aos olhos !
 ; A cada passo nosso aqui se-calcão
 Mil violetas, mil rubidas boninas !
 ; Oh como é puro o ar sobre este cume !
 ; Que densíssimos louros se-entrelação
 Formando n'esse sítio um sacro bosque !
 ; Que pura fonte entre rosaes murmura ,
 Descendo áquelle valle , e ostenta á vista
 No fundo os seixos , e a dispersa areia ,
 E do peixe nadando a curta sombra !
 Mas sobretudo ; que frescura amena
 N'essa gruta , que fórra annoso musgo ,
 E revestem por fórra as verdes heras
 C'o florido lilaz entretorcidas !
 Ah ! ; que ideia feliz surge em minha alma !
 Amigos , escutai-me ; ésta collina
 Desde hoje para nós seja o Parnaso :
 Eis a gruta de Cirra , onde costuma
 Phebo sonhar magnificas imagens.
 Eis ali seus loureiros agitando
 Os verdes ramos , e as cheiroosas flores.
 Ceos ! nada falta ! a doce , e cristalina
 Suspirada Castalia aqui murmura :
 N'aquelle seu pacífico remanso
 Sobre a linfa diafana escorregão ,
 Mansamente nadando , os niveos patos ;
 Que a ter mais doce a voz julgareis cisnes ;
 Lindas pastoras , que este sítio habitão ,
 Pelos seus cantos nossas Musas sejão.
 Eis o nosso Parnaso ! ó mago encanto ! . .

Caros Amigos , respiremos estro :
 Ventos de Cirsha dissipai a calma ,
 Estriai , sacudi das nossas frontes
 Do importuno suor as quentes bagas.
 Ja sobre a terra os raios penetrantes
 Directos vibra o sol ; nem sombra estende
 O choupo erguido , que inda está sem folhas :
 Ah ! vamos repousar no fresco abrigo
 Das frondentes abobadas dos louros :
 N'outro tempo este sitio era vedado
 Ao raio , inda o menor , do sol do Estio ;
 Mas o Inverno ind'ha pouco astfugentado
 Rompeo aqui e ali com rudes golpes
 Este aprasivel pavilhão das Musas.
 Havemos de plantar uma cabana
 Quadrada , e densa , de verdura alegre ,
 Lá no mais alto do sagrado Outeiro ;
 Ali viremos , de cuidados livres ,
 Muitas vezes cantar a formosura ,
 Beber de Baccho as taças espumantes ,
 Causar espanto ás Driades do bosque
 Pela nossa amizade , e os nossos risos.
 Será o nome d'este asilo amavel
 Templo da Natureza : e os nossos cantos
 Hão de só descrever as graças d'ella :
 Na venturosa paz d'este retiro
 Não virá perturbar nossas ideias
 Com seus trovões , com seus coriscos horridos (1)

(1) Eis-ahi os primeiros exdruxulos , que fiz em minha vida , e espero que sejão os ultimos ; ainda que por isso fique excluido da communhão de certa Seita moderna.

Turba sublime de soturnos vates:
 Nos marmoreos palacios levantando
 O collo altivo, em rouca voz praguejem
 Contra os tiranos, contra os monstros barbaros;
 Pintem de rojo os prepotentes despotas,
 Fulminem os perverisos aristocratas,
 E voem sempre alem da natureza:
 Não lhes-invejo, não , a bronzea tuba,
 Que por som de trovão rasga os ouvidos ;
 De nosso humilde genio estou contente;
 Nada mais temos que uma agreste flauta :
 Com ella muda, ás vezes longas horas,
 Da natureza os quadros estudâmos.
 Somos como este rouxinol, que espalha ,
 Depois de os-meditar, os seus gorgeios ;
 Em quanto o mocho a luz aborrecendo
 Nos amenos vergeis nunca discorre ;
 E aos naturaes praseres insensivel
 Passa o dia dormindo em cava furna ,
 E sólta pela noite horrendos guinchos ,
 Pousado junto ao ceo por entre horrores.

Elmiro , ó tu que, tanto como odeio ,
 Odeias as sonoras bagatellas ,
 E ris , como eu , dos estrondosos nadas ;
 Nunca te-affastes da florida rota ,
 Por onde a natureza o genio chama.
 Da madrugada nos ligeiros sonhos ,
 Costumas ver de murtas coroada
 Entre pastores celebrar prazeres
 A amavel sombra do risonho Gessner.
 Oh ! quando aos campos teus um dia voltes ;
 A'sombra do teu cedro será doce

Ouvir-te pranteiar, perdida amante !
 Entre as folhas cheirosas susurrando,
 Qual favonio subtil, os manes d'ella
 Doce tristeza ao coração te-enviem :
 Em quanto da Cidade entre o tumulto
 Eu misero vagar co'a ideia cheia
 De mil saudosas, placidas lembranças
 Da Provincia pacífica, e ditosa ,
 Em teu fertil torrão verás contente
 No ceo de teu jardim nascer a Aurora :
 Regarás pelo fresco as flores tuas
 Junto da terna Mái, que este só gôsto
 Na morte conservou do esposo amado :
 E passa o dia a suspirar tão triste ,
 E tão formosa , qual viúva rôla :
 Outras vezes as pombas, que sustentas ,
 Terno irás visitar co'as Irmás bellas ,
 Qual entre as Graças passeiára Adonis
 Nos arvoredos da formosa Cypria.
 Elmiro, ; e alguma vez tambem meus versos
 Serão do teu retiro um passatempo ?
 Quando eu t'os-enviar, vós reunidos
 Junto do fogo nos serões do inverno ,
 Contentes os-lereis; e tu girando
 Co'a vaga ideia nos passados tempos ,
 Dirás a suspirar = é meu amigo =
 Mas vós adormeceis ! álera amigos:
 Eia, surgi da relva , que ja sopra
 Um ar mais fresco ao tecto movediço :
 ; Que murmurio resoa em toda a selva !
 Este som magestoso engana ás vezes
 Pela alta noite o timido viajante ,

Que julga ouvir de um vasto rio a queda :
 Vamos correndo á gruta , onde Amarillis
 Com seu Dametas consumia as tardes :
 Ali votei comvosco reunido
 Fazer á Primavera honrosa Festa :
 Ja agora o nosso Anfriso ha de ter feito
 Com suas proprias mãos o altar campestre :
 Ja do cedro balsamico , estendido
 Terá sobre elle n'um doce! os ramos ,
 D'alvo , e cheiroso pó subtil cobertos :
 Ja no tronco d'esta árvore entalhado
 Terá da Primavera o grato nome ,
 Se é que amor lhe não tez gravar = Dorinda = ;
 Dorinda , cujos magicos encantos
 Na lira do amador gerão milagres ;
 Cujos olhos , tão negros como a noite ,
 São como a noite ao Deos de amor tão caros

Sim , vamos : ¿ vedes vós este menino ,
 Que vem correndo para nós montado
 N'uma cana inda verde ? oh ! ¡ como soão
 Em seu cavallo repetidos golpes
 De tenta vara , que vaidoso agita !
 ? Ouvis com doce voz chamar meu nome ?
 — Salve , caro menino , adeos; não posso
 Comtigo demorar-me ; eu te-prometto
 Que outro dia virei toda uma tarde
 Fazer-te as curtas flautas , que parecem
 A voz do rouxinol metidas n'água :
 Procura-me amanhã n'esta collina ,
 E aqui te-contarei longas historias.
 — Ouvi-me : este menino é de Palemon
 O filho encantador ; sua innocencia

O-torna igual á rosa meia aberta.
 Na ardente sesta do abafado agosto ,
 Em que fostes no rio mergulhar-vos
 Ao fresco abrigo dos chorões frondosos,
 Eu passeiava aqui n'esta frescura ,
 Quando correndo a mim este menino
 Vergonhoso me-diz : — ; quereis atar-me
 Este cordão nas pontas do meu arco ,
 Bem seguro , bem forte , que não quebre ?
 — Sim , amavel menino , eu lhe-respondo ,
 Sim quero atar-t'õ bem seguro , e forte ;
 E em quanto lh o-fazia , assim lhe-disse :
 — ; Pertendes ir caçar as borboletas ,
 Ou castigar alguma abelha queres ?
 — Náo ; vou lançar á minha māi um tiro.
 — ; Um tiro á tua māi ! — Sim n'outro dia
 Deo-me tanto nas mãos , que me-ficáráo
 A doer , tão vermelhas como as rosas.
 — ; E porque te-ferio tão cruelmente ?
 — Eu tinha , tornou elle , um negro melro ,
 Que no bosque apanhei co'a minha rede :
 Como cantava bem ! . . . todo era lindo !
 Os assobios d'elle erão tão doces ! . . .
 Gostava tanto d'elle , como estimo
 Das minhas tres irmãs a mais pequena ;
 Mas n'outro dia me-esqueceo atado
 Ao sol toda a manhã: quando fui vel-o
 Encontrei-o doente , abria o bico ,
 E o comer , que lhe-puz , me-recusava.
 Disserão-me que a calma o-perseguiua ;
 Fui a correr com elle , e cinco vezes
 O corpo inteiro lhe-metti no tanque :

Mas um pouco depois vi-o sem forças
 Cair, movendo muito pouco as azas ;
 Quando parou , julguei , que adormecia ;
 Mas quando soube que elle estava morto ,
 Fui a chorar , levando-o no meu seio ;
 Mostrei-o á minha māi , que estava morto ,
 Que ja nada cantava o nosso melro ;
 Affliccio a soluçar contei-lhe tudo ;
 Mas ella me-punio , como se minha
 Fosse a culpa da morte , que chorava.

— Cruel menino , lhe-tornei severo ,
 Cruel menino , e só por isso queres
 Tua mai traspassar co'as frechas tuas ?
 — Não , não lhe-farei mal , me-torna rindo ,
 Se tu soubesses o que as serras fazem ,
 De certo havias atirar-me ao peito .

— Não te-percebo , explica-te , lhe-tórno .

— Na cabana de Mopso , me-responde ,
 Ha um copo de pão todo pintado ,
 Que elle ja prometeo , que me-daria ,
 Se eu lhe-levasse a fita com que prende
 Filis , a minha irmá , os seus cabellos :
 N'este copo por fóra está c'um arco ,
 Para atirar de uma pastora ao peito ,
 Um menino , como eu , co'os olhos negros
 Voltados para mim , e sempre a rir-se ;
 Tem duas azas lindas sobre as costas ,
 Bem como a borboleta , que me-escapa
 Entre as roseiras , quando a-vou seguindo .
 Mopso me-disse o nome , que lhe-daváo ,
 Pois... ja me-esqueceo : tambem me-disse
 Que elle costuma á gente descuidada

Muitas vezes lançar aquellas setas :
 Eu cuidava , que as setas matarião ,
 Por ter visto uma vez uma alva corça ,
 Que o caçador matara c'uma seta ;
 Mas Mopso me-jurou que não matavão ,
 E contou-m'o sem rir , pois nunca mente .
 Aquellas setas vem ferir o peito ,
 Escondem-se lá dentro , e ninguem acha
 Nem ferida , nem dor , nem mesmo sangue ;
 Se obrigão a chorar , e a ficar triste ,
 Como ás vezes o-faz meu caro Mopso ,
 Em toda ésta tristeza ha tanto gôsto ,
 Que é mais doce gemer , que estar alegre .
 Eu d'isto nada entendo ; porem Mopso
 Me-disse que algum tempo o-saberia .
 Lembra-me agora : este menino bello
 Chama-se Amor , não é verdade ? — E' certo
 Lhe-respondo , apeitando-o nos meus braços ;
 Chama-se Amor , e é como tu formoso .
 — ¿E seus tiros não fazem , que fiquemos
 Tão amigos de alguem , como o cordeiro ,
 Que anda a brincar com seu irmão no prado ?
 — Sim , é verdade — Bem ; da-me o meu arco ,
 Aqui tenho ja pronta a minha frecha ,
 Aonde atei as penas de uma pomba :
 Vou ferir minha mái — Louco , o teu arco
 Como o d'elle não é , lhe-brando rindo ,
 Aperta o collo seu , beija-lhe a boca ,
 Supplica-lhe o perdão , conta-lhe tudo ;
 E eu te-protesto que a-acharás tão doce ,
 Tão leda para ti , como as ovelhas

Costumão ser para os pequenos filhos —
Nâo me-ouvio mais: correo, e de caminho
Colheo para offertar lhe algumas flores.

Calemo-nos: ¿ ouvis como resoa
De uma Pastora pouco longe o canto?
¡ Oh como a doce voz ternura exprime
Nos versos, onde esquia se-presume!
No pinhal, onde está com seu rebanho,
Nem se quer uma folha agita o vento:
Nem um leve gorjeio as aves soltão:
Mal haja o seu rebanho, que disperso
A-obriga a bradar, e a interromper-se,
Para juntal-o com temor que o lobo
Nâo lhe-arrebaté alguma ovelha errante.
¿ Porque batestes d'este modo as palmas?
¿ De que serve este aplauso? envergonhou-se,
E mais não cantará vendó-nos perto:
Fica-te em paz no meio do teu gado,
Cantora dos pinhaes, e cedo tenhas
Quem te-obrigue a formar outras cantigas.
¿ Porque Fado contrário ao bem dos homens
A belleza, e o rigor se-encontrão juntos?
Assim tornado em grupplos amarellos
Da Primavera so bafo omnipotente
Este mato espinhoso encanta os olhos.

Mas eis-nos ja no suspirado sítio;
Alem se-mostra a Gruta: aqui se-eleva
O cedro antigo, o novo altar cobrindo.
Apressai-vos; correi o campo, ó Socios,
Va colher cada qual uma grinalda,
Para darmos princípio á nossa Festa.

Partirão! eis-me só. Por este prado

Vejamos se escolher meus olhos podem,
Para cingir-me , algumas flores bellas.

Salve Pastora de tormoso gado ,
Oh ! quererias tu perder comigo
Alguns momentos ? colhe-me violetas :
Tece uma c'roa , os meus cabellos orna ,
Que pertendo ir cantar a Primavera ,
¡Como cedo veloz ás preces minhas !
Depôz ao lado meu sobre a verdura
O cordeiro , que tinha em seu regaço ,
E partio. ¡Quanto é lindo o seu cordeiro ,
Tão alvo , tão pequeno como um lirio !
¡Como busca em meus dedos innocentemente
Da Mai , que ao longe bala , a doce teta !
Se elle fosse maior , eu lhe-daria
Para comer na ausencia da Pastora ,
Estas papoulas , ésta fina gramma .
¡Oh que silencio amavel me-rodeia !
¡Não oiço mais que as águas d'uma fonte ;
Serena viração de quando em quando ;
A bulha de alguns ramos espinhosos ,
Que a ovelha a puxar do tronco arranca ;
A voz do lavrador aos bois tardios ;
E muito ao longe um carro vagaroso ,
Cujos agudos sons quasi se-perdem !
Voltou a minha Flora , eis-me c'roado :
¡Graças , ó doce , e rustica Belleza !
Sempre em torno de ti rebentem flores ,
Que o teu rebanho cobiçoso pasça :
Nunca te-falte pelo Estio a sombra ,
E amor te-volte em fructo as esperanças ,
Se esperanças de amor no peito nutres .

¿ Vês tu aquelle Altar ? ¿ Sabes que em honra
 Se-ergueo da Primavera ? Se quizesseis ,
 Ali podias figurar a Deosa , (1)
 Que vamos celebrar no alegre brinco.
 Anda , amavel Pastora , orna-te á pressa ,
 A trança , o collo , o seio ; e no regaço
 Lança flores quaesquer , qualquer verdura :
 Faze-me este praser : do cedro ao tronco
 Vai-te encostar do modo , que te-digo ,
 Co'a mão na face , e c'ò sorrir nos labios.
 Quero aos amigos meus , quando voltarem ,
 Dizer que eu invoquei a Primavera ,
 E que ella em fim desceo para escutar-nos :
 Folgaremos de ver como se-illudem :
 Como todos ante a Ara ajoelhando
 Com maior devoçáo cantão seus himnos.
 ¿ Porque te-ris , singella rapariga ?
 ¿ Porque foges de mim ? se não consentes ,
 Se em nosso altar ser Deosa te-envergonha ,
 Cedo iremos buscar-te pelas selvas ,
 Chamar-te Deosa , e envergonhar-te em dôbro :

(1) Na *Primavera* de meu Irmão Augusto Frederico de Castilho ha um lugar paralelo a este , não em quanto á expressão , mas só em quanto ao pensamento principal. Cumpre-me porém advertir duas cousas : primeira , que nenhum de nós foi plagiario , nem o-podiamos ser , porque todos compunhamos em segredo : segunda , que a passagem do Poema , em que elle descreve Nise figurando a Primavera , é muito superior em merecimento a estes versos .

Eis-vos em fim , Amigos meus , voltastes ;
Eia á pressa mostrai-me as vossas c'roas.

Terno , suave , encantador Josino ,
¡ Como escolheste bem ! ; com quanta graça
Casão co'a muta os geivos amarellos !
¡ Quanto me-apraz o misturado cheiro !
Tu cujo coração doçura é todo ,
Cuja voz graciosa attrahe , e encanta ,
Mereces bem a recendente c'roa :
Ah ! se eu podesse , eu mesmo colhería
Miudos astros sobre a azul planicie ,
Para adornar-te de immortaes capellas ,
Pois fizeste voar ao Ceo meu nome :
Mas minha gratidão é quasi esteril ;
Dou-te o que posso ; gravarei teu nome
E teu louvor nos bosques , onde o leião .
Ao passar Hamadriades formosas ,
Decoraráo os versos , que te-sagro ,
E dirão muitas vezes suspirando ,
= Quem me-dera encontrar este Josino
N'alguma solidão , por ver se acaso
Tem cantigas tão doces , como o-pintão =.

Vejamos , meu Irmão , a tua escolha .
Eiste , como eu , cingido de violetas :
Ah quanto são iguaes os gostos nossos !
Abraça-me , Cantor da Natureza ;
Abraça-me , e durante a vida toda
Jura-me , ó caro , de a-estudar comigo ;
Abraça-me outra vez ; nossa amizade ,
Nossa terna amizade , e nosso estudo
Aperfei mais , e mais do sangue os laços .
Se alguma vez um fado rigoroso ,

Insensivel aos ais , e ao pranto amargo,
 Te-apartasse de mim. ; oh nem eu posso,
 Nem quero figurar minha amargura !
 Vai para o nosso altar : não tardo muito
 Em voar a teu lado ; ali contente
 Ficarei entre ti , e o nosso caro
 Pequeno irmão , que a flauta harmoniosa
 Ja começa a tocar na terra infancia :
 ; Eil-o de brancas rosas coroado ,
 Candida imagem da innocencia bella !

Elmiro o teu ornato é bello , e simples ,
 Mrito e reixo , de amor e mágoa emblemas.
 Não são menos gentis , nem menos proprias
 As vossas , meigo Assiz , e alegre Albano :
 Do amor perfeito as flores melindrosas
 Formão , Assiz , a tua , que remata
 Pendendo sobre a fronte uma saudade ;
 Dos teus suspiros o querido objecto
 Longe está , bem o-sei , mas não receies :
 Tua Amada fiel na ausencia chora ;
 Sua imaginação durante o dia
 Vôa a buscar-te aos campos do Mondego :
 Dos campos do Mondeg , aos braços d'ella
 Seus vivos sonhos rápidos te-levão.
 Albano , o teu amor é mais ditoso ;
 Adorado tambem , vês muitas vezes
 De tua Amada os olhos , que te-inflammão
 E os sorrisos , que em louco te-convertem
 Entre esperanças , que talvez não murchem.
 Não muito abertas , mil purpureas rosas
 Cercando as tuas fontes me-figurão
 A imagem vér de vergonhosos beijos.

Vem, meu Anfriso: a tua d'entre todas
 É por certo a mais funebre grinalda.
 É de cipreste um ramo, onde sem ordem
 Gemendo entresachaste alguns suspiros.
 ; Que! tua Mai tão cedo abandonar-te! ...
 ; Ah sim, desde hoje os maternas carinhos
 Não virão adoçar as mágoas tuas!
 Ortão triste, infeliz, perdoa ao Vate,
 Perdoa ao teu amigo, se renova
 A funda chaga, queinda veite sangue:
 N'ella amor, e só elle poderia
 Seu balsamo efficaz lançar piedoso;
 ; E Dorinda gentil, como que busca
 Encher-te o vacuo aos brandos sentimentos!
 ; Mas a saudade maternal é muito!
 ; Este vacuo sem fim nada o-preenche!
 Nem Dorinda fiel, que adoras tanto,
 Nem as Musas, nem eu, nem todo o Mundo
 Podemos mais, que mitigar-te as dores.

Quero contar-te a história do cipreste,
 D'onde talvez foste apanhar teu ramo.

Prêso das graças da formosa Silvia
 Titiro, guardador de pobre armamento,
 Com seus ais estes montes abalava,
 Sem uma vez o coração ferir-lhe:
 A bella desdenhosa muitas vezes,
 Quando o-sentia a modular ternura
 Ao som da flauta n'um sombrio valle,
 Toccia, por não vel-o, o seu caminho:
 ; Ah se o-visse deitado entre o rebanho,
 O pranto a rebentar dos lindos olhos,
 E ao som da flauta em baixa voz unidos

De quando em quando um ai , e o nome d'ella ,
 Talvez a amor , e á compaixão cedendo ,
 Perdesse o orgulho , e os virginaes rigores ,
 E ficasse mais bella , a ser piedosa .
 Por só consolação de seus desgostos
 A' Pêga , que furtara á casta Silvia ,
 Fazia repetir da Amada o nome :
 Pelos affugos do Pastor cativa
 Nunca a avesinha ao misero deixava :
 So ás vezes aos lares revoando
 Da formosa cruel , d'ali furtava
 Alguma prenda , que trazia ao dono ,
 E mais com isto lhe-aumentava a chamma .
 Era triste , mas doce , ouvir de noite
 Pelos bosques bradar ó Silvia , ó Silvia ,
 O terno amante , e acompanhando a Pêga ,
 Ja pousada em seu hombro , ou ja gritando
 De algum ramo tremente , ó Silvia , ó Silvia !
 Longos tempos assim pelas florestas
 Vagar se-vírao solitarios ambos ;
 Té que o loquaz brutinho de cançado
 Veio um dia cair entre as mãos d'elle ,
 E ás azas dando terminou seus dias .
 Ao fiel companheiro últimas honras
 Deo Titiro inteliz , e ergueo sôbre elle
 Um pequenino tumulo de barro ;
 Plantou-lhe perto de cipreste um ramo ,
 Rogando aos Nomes que jamais crescesse :
 Mas pouco e pouco o tronco foi sobindo ,
 E com elle de Titiro a saudade .
 Talvez , que o bello tumulo não visses ,
 Pois hervas mil em torno d'elle crescem

¡ Ah desde que o Pastor tambem jaz morto !

A nossa bella Festa , eia comece :

Do sublime Gouveia ao som da flauta

Traçai primeiro as graciosas danças ,

Quaes no arvoredo os Satiros costumão .

Cantai depois á Primavera os himnos ,

E acabe a Festa ao retinir dos copos ,

E aos das Saudes misturados gritos :

Em quanto vós dançais , da Deosa em honra

Vou ante as atas recitar meus versos .

Deosa das flores , doce Mai do Mundo

Fonte suave de innocentes gostos ,

Voluptuoso prazer de quanto existe ;

A cuja vinda as aves endoudecem

De alegria , e de gosto alvoroçadas ;

Os rebanhos lanígeros balando

Correm do quente aprisco aos pastos verdes

Para gosar , de envolta co' abundancia ,

As doçuras de amor , por entre os matos ,

Ou nas selvagens solidões dos bosques .

¡ Deosa por cujo influxo os homens folgão ,

E gemem de ternura ; e as bellas cantão

Doces versos de amor ! sim , que o teu sopro

Em torno aos corações derrete os gelos ;

Deosa das flores , doce Mai do Mundo

A tua voz macia como as auras ,

E grata como o som das claras fontes ,

Acordou brandamente , e trouxe á vida

No lethargo , e da morte a Natureza .

Ao teu aspecto , á tua voz fugirão

As chuvas , os trovões , e as tempestades :

Cibelle despertou , sorrio-se ao ver-te ,

E chamando co'a voz , que impresa em tudo ,
 Silphos , Oadinos , Salamandras , Cinomos ,
 Ide , voai , lhes-disse , amaveis Filhos ,
 Eu puz a vosso arbitrio os elementos ,
 Vós sois a minha glória , e podeis tudo .
 Ide , voai , ; o proprio instante é este !
 Ardendo de impaciencia homens , e Nomes
 Fitão no campo alvoroçados olhos :
 ; Eis , eis o instante do annual prodigo !
 Correi , voai , trazei-me diligentes
 As vestes nupciaes em vez do luto ;
 Ja do aprisco do Ceo as bellas Horas
 Forão saltar o aurigero Carneiro ,
 Ja nos campos azues fulgura , e pasce .
 Assim dizendo , e despedindo os Filhos
 Sobre seu leito ainda recostada ,
 A Deosa universal ao terno peito
 Te-abraçou , te-cobriu de mil caricias .
 O Primavera , ó doce Amada , ; quanto
 Este abraço feliz accende , encanta
 Minha imaginação ! ; nunca se-união
 Ternos amores com delicias tantas !
 ; Oh prodigo sem par ! ledos voárão
 Croados de laureis , do leito em torno ,
 Mil prazeres brincões , mil amorinhos .
 N'estes momentos rápidos , ardentes
 Cobrem da terra a face , e relva , e flores :
 Purificado o Ceo de azul se-veste ;
 Foge o duro Aquilão , reinão Favonios ;
 Pelos orvalhos tecundado o bosque
 Começa a rebentar ; vôão , modulão
 Por toda a parte as aves namoradas ;

D'entre as ondas mansissimas dos rios,
 D'entre o cristal das fontes, e regatos,
 Dos rochedos, das árvores, dos prados,
 Das florestas, das grutas, e montanhas
 Soberbas do triunto estão saindo
 Trajando pompa as Nintas melindrosas,
 Que do Inverno ao furor se-homisiárão.
 O Sol, que todo o Inverno envolto em nuvens
 Dormio nos Ceos ao som das tempestades,
 Acorda agora: um vento cuidadoso,
 Mal que o-vê levantar, desfaz, dissipá,
 Qual tenuc fumo, o carregado leito.
 São teus, ó Primavera, estes milagres,
 Este alvoroço, este prazer, que agita,
 Que arrebara, que enleva os entes todos.
 O minha Amiga, ó doce Primavera,
 ¿ Como te-hei de louvar? tu dissipaste
 O frio, o gélo, que cercou meu estro:
 Muda no Inverno a minha lira esteve,
 Minha imaginaçáo dormia inerte:
 Tu vieste: um calor, um fogo ethereo,
 Inexplicavel, magico, divino
 Me-encheo, me-arrebarou: destez-se a nuvem,
 Que do Parnaso os bosques me-escondia:
 Vi appar'cer de subito a meus olhos
 As nove Irmás, a fonte da Castalia;
 A Gruta do Estro, os Cisnes alvejando
 Por entre o verde dos soberbos louros:
 Ouvi de Phebo a Lira acompanhando
 Os novos cantos das Pierias Deosas:
 Vi regendo Terpsichore formosa
 Danças de Graças, e innocentes Ninfas,

Que os amores travessos perturbavão.
 Senti meu genio em sacro fogo ardendo.
 Foi forçoso cantar : cantei a glória
 Da natureza renascente , e bella ,
 Os prazeres , os bens , que tu nos-trazes ;
 Cantei-te em fim , tisonha Primavera.

¡ Mas ah como veloz se-passsa o dia ;
 Bem que propicia , a alegre Natureza
 Alonga os dias da Estação das flores ;
 E pouco , e muito pouco á noite deixa !

Antes que a noite nos-descubra os astros
 Convem partir , e abandonar os campos ,
 E ir n'um batel , como hontem vos-dizia ;
 Levar tambem das Naiades ao Reino
 Nosso vivo prazer , nossa ventura.

Adiante de nós vai tu , Josino ,
 O batel procurar , em quanto aos hombros
 Nós conduzimos rosmaninho aos feixes.
 Do luminar da noite á luz nascente
 Remaremos nas ondas perguiçosas ,
 Os pares revesando , e enchendo os ares
 De cantigas em chusma , alegres vivas ,
 E brados festivaes , que ao longe sôem
 Até ao mar pelas sombrias margens.
 Depois que este clamor diminuindo
 For cedendo á perguiça , e quasi ao somno ,
 Nós iremos prender na fresca varzea
 A um grosso tronco o fluctuante barco ,
 Lançaremos por cima o branco rôldo ,
 Bastante abrigo do nocturno orvalho ;
 E sobre o chão , que o rosmaninho cubra ,
 Em baixa voz tranquillos conversando ,

Esperaremos brandamente o sonno,
 Quando , alta noite , algum de nós acorde
 Ao som de algum Favonio , que brincando
 Cause um tenue rumor no linho ondeante ,
 Julgará que uma Naiade levanta
 D'entre as águas a vista curiosa ,
 E ao sonno entregues nos-indaga attenta ;
 E mal que a Aurora em fim surgir de novo ,
 O clarão da alvorada , e as andorizhas
 Chamar-nos-hão de novo aos gratos campos :
 Ergueremos as candidas cortinas ,
 E veremos de subito encantados
 Sobre nós a verdura estar pendente ,
 Do pranto da manhã ja sociada .

Mas la vem do Oriente a nova Lua ,
 E inda de todo o Sol não desce ás ondas.
 Ja no rustico asilo o boi tardio
 Entraria talvez , levando o arado :
 Por toda a parte os gados vão passando ;
 Um pequeno pastor cá nos-sauda ;
 Leva no seio um tenro cabritinho ,
 Que inda ha pouco nasceu n'aquelle mato.
 Sustenhamos o halito ; escutemos
 E'sta distante musica divina.
 ; Quantas vezes não tenho entre transportes
 Escutado este som nas bellas tardes !
 São pastoras , que ao longe no arvoredo
 Canhão apôs seus gados confundidos ;
 Muitas flautas seus cantos acompanham ,
 Mas das flautas o som perde a distancia ,
 E ouvimos um só de muitas vozes.
 ; O'Natureza , ó Tarde , ó Primavera ! ...

; Lagrimas de prazer veitem meus olhos !
 ; Este som me-atrebata ! ¿aonde estamos ?
 ; Será n'um bosque de propicias Fadas ?
 ; Ou serei eu ja sombra , e vós comigo ?
 ; Habitaremos nos Flisies valles ?
 ; O'delirio ! minha alma revoando
 Corre o n'estes momentos deleitosos
 Os besques tedos , onde habita Venus.
 Ja nada se-ouve , e extaticos ainda
 Imaginais ouvir : eia partamos :
 Ligeiro orvalho sem rumor descendo
 No adejo d'este Zephiro , que passa ,
 Dos restos do calor vem ilertar-nos.
 ; Que brilhante contraste nos-presentão
 D'este nosso caminho os lados ambos !
 Este immenso pinhal sobre o Poente
 Um quadro melancolico figura :
 Entre elle e nós silvados se-levantão
 Formando um muro aqui , e ali quebrado :
 Não tarda o Sol momentos a sumir-se ;
 E c'os brilhantes ultimos seus raios
 Do mais vivo escarlate o campo , as folhas ,
 E as faces nossas gracioso tinge :
 Da parte opposta na planicie immensa ,
 Que ao fundo em montes , e oliveas termina ,
 Ji começa a estender seu manto a noite :
 Na escuridão nascente está brilhando
 D'Iris formosa o arco variado :
 Assenta na planicie uma das pontas ,
 E ali sobre o terreno se-confunde
 O brilhantismo das prime ras cores :
 ; Quanto se-vai do baixo separando ,

E erguendo a extremidade ao Sol fronteira ;
 Tanto se-vai murchando o colorido
 Te que se-esvae na azul immensidade !
 ; Quanto agrada ésta scena, e pouco dura !
 ; Ah vêde a Imagem da ventura humana !

Desceo a noite em fim : ja nas folhagens
 Emudecendo as aves se-aninhárão ,
 Começa ao longe o solitario mocho ,
 E não sei onde os compassados guinchos.
 Ouvi , Amigos meus , o meu desejo ,
 Que estes sons melancolicos produzem :
 ; Perdoai se ao prazer junto a tristeza !

Se os Deoses minhas súpplicas ouvissem ,
 Eu pediria aos Deoses que me-dessem
 Passar meus dias em campestre asilo ;
 Gozar minha pacífica existencia
 Da Natureza no feliz regaço :
 Mas ja que os Deoses minha voz desprezão ,
 Vós , vós a-guardaréis no fundo d'alma ,
 Nem murchar deixareis minhas esp'ranças.

Depois que , entre os abraços delirantes
 De todos os que amei , findar meus dias ,
 Sepultai-me n'um valle ameno , e fertil. (1)
 Para marcar da sepultura o sítio

(1) O meu amigo José Victorino da Fonseca Cardoso tem começado em uma sua quinta na Beira um jardim , tal como eu o-descrevo nos seguintes versos , e que pertende consagrar á minha memoria. ; Desgraçado aquelle a quem este monumento da amizade não enterece !

Sobre o cadaver, que vos-foi tão caro,
 Mangeronas plantai, cuja verdura
 Em toda fechem variados lírios.
 Sobre a raiz d'uma frondosa Olaia
 Pouse a minha cabeça; e o tronco amigo,
 Curvando sobre mim florida copa,
 Fresca sombra me-dê co'a rôxa nuvem
 Da flor, em torno á qual enxames fervem.
 Mil piteiras unidas levantando
 Sobre hastie longa as flores amarellas,
 Em quadrado não grande me-detendão
 Das incursões das cabras roedoras:
 Em meu tronco se-escreva este Epitaphio:
Fei Poeta, amador da Natureza,
D'entre as sombras ancioso a-procurava,
Qual terno amante a bella fugitiva.
 Sobre isto pendurai sonora flauta,
 Que se-revolva á discrição do vento.
 Em torno de meus ossos não se-eleve
 Nem teixo, nem cipreste: arvores quatro
 Quizera só no meu jardim da morte.
 N'um canto a Larangeira graciosa,
 Que produz confundindo a flor, e o fructo:
 N'outra a Figueira tortuosa vire
 Co'a larga folha a toda a parte os ramos:
 Ali um Pessegueiro, cujos fructos
 Imitão de um mancebo a rosea face
 Co'a penugem subtilinda formosa;
 Aqui...; não sei qual deva d'entre tantas
 Na escolha preferir! se vos-contenta,
 Plantai no último canto uma Gingeira.
 D'onde possa o menino cobigoso

Colher tambem co'a propria mão , e alegre ,
 Por ser tão alto , os seus risonhos fructos .
 Alguns tempos depois que a fria terra
 Meus restos encerrar , á minha Olaia
 Vós , meus Amigos , vós dareis meu nome ,
 Pois de mim se-nurrio , e eu serei n'ella .

Dos Heroes sóbre os tumulos affiem
 A dura espada os barbaros Guerreiros ;
 No sepulchro do Sabio o Sabio estude
 No silencio nocturno o giro aos astros ;
 E dos Reis nos marmoreos monumentos
 Va sonhar a ambição , grandeza , e pompas !

Vós soltos de freneticas loucuras
 Aqui viréis mil vezes visitar-me ;
 Na amizade pensar que nos unira ,
 E unir-nos deverá passando o Lethes .
 ¿ Porque me-interrompeis com taes suspiros ?
 Ah ! deixai-me acabar . Quando sentados
 Em torno a mim sobre a florida relva
 Guardardes , meditando , alto silencio ;
 Se d'entre as mangeronas , que me-cobrem ,
 Sair acaso a borboleta errante ,
 ¿ Não vereis n'ella o espirito do amigo ,
 Que vem gozar do Sol a claridade ?
 Quando o suave rouxinol de noite
 Da minha Olaia gorjeiar nos ramos
 ¿ Não pensareis , de um santo horror tomados ,
 Que feito rouxinol meus cantos sólto ?
 Sim , pensareis ; e erguendo-se da terra
 Algum ha de bradar ≈ O meu amigo ! ≈
 Responderá o ≈ ó meu amigo ≈ os bosques ;
 E vós direis que o meu fantasma errante ,

D'argentea Lua á doce claridade
 Por entre arbustos de uma fonte á borda
 A'conhecida voz de lá responde ;
 E em tudo encontrareis a imagem minha !

Se inda então meus costumes vos-lembarem ,
 Se vos-lembrai meu coração piedoso ,
 Não consintais que n'este sítio possa
 Jamais o caçador prostrar em terra ,
 Em sangue envoltas , minhas ledas aves :
 Amor , o bello Amor , com arco d'ouro ,
 Só elle , e mais ninguem , de vós consiga
 Atirar quanto queira ás minhas aves ,
 E ás bellas , e aos mancebos , que atirahidos
 Pela sombra , e fragrancia ali vierem .
 Então ao som de languidos suspiros ,
 De alegres cantos , de amorosos versos ,
 De ternas queixas , de perdões suaves ,
 Muitas vezes contente a minha sombra
 Formando ao pôr do Sol vermelha nuvem
 Girará n'estes ares , revolvendo
 Da passada existencia almas lembranças.

(73)

DEDICATORIA

a su Padre

OS

CANTOS DE ABRIL.

IDILIO.

Vivir sin amor, que cosa es ésta,
que no es vivir, y vivir sin amor
no es vivir bien, no vivir de modo
que el amor del parentel sea tal vez
el amor a vivir.

20

CANTOS DE ABRIL

10116

DEDICATORIA

A

MEU PAI.

A Educação é um dos maiores presentes que se-podem receber da mão do homem : não testemunhar gratidão para com aquelle de quem se ella houve é irritar o Ceo ; dar-lhe provas de reconhecimento é satisfaizer a justiça contentando o proprio coração. Mas eu que reconheço ésta grande verdade, eu meu Pai não recebi de vós somente uma educação ordinaria. Superior a um prejuizo, tão vulgar como funesto, vós vistes nascer o meu pequeno genio poetico , e não o-destruistes ; vistel-o crescer, e não o-combatestes ; eis-aqui pois um tributo do meu reconhecimento.

Possão estes versos , que tómo a liberdade de vos-offerecer , agradar-vos tanto como os Cantos de Abril , no silencio da noite , e debaixo do parreiral da cabana agradão a Menalca.

A D V E R T E N C I A.

Achar-se-ha que em todos os Poemas de que se-compõe ésta Collecção dei sempre algnns versos á Infancia: n'este Idilio pôrêm é ella que figura quasi exclusivamente: compre explicar a causa do meu procedimento. Eu não conheço em toda a superficie da terra um objecto mais capaz de me-encantar do que uma Criança: a união das graças, da simplicidade, da fraqueza, e da innocencia não pôde deixar de me-to-car. E' na conversação de uma Criança que se-pôde gosar o verdadeiro prazer, porque é inteiramente puro: mas n'ésta conversação ha outra utilidade muito maior; porque os seus pequenos discursos, as suas dúvidas, assuas perguntas, fundadas na ignorância do que o homem tem inventado, são mais capases de nos-instruir do que as Dissertações dos grandes Sabios. Em geral despresa-se uma Criança, comprimem-se-lhe as ideias, reduzem-na tiranicamente ao silêncio; mas eu a-adoro porque conheço a superioridade que ella tem sobre os que a-

despresão : muitas vezes deixo uma Companhia brilhante para conversar com um Menino ; é no campo principalmente que saboreio a meu grado toda esta doçura. Quando estou na Aldeia as Crianças correm a juntar-se ao redor de mim ; nós nos-instruimos , e divertimos mutuamente. Ellas me-olhão como um seu Amigo , e como seu igual (je oxalá que o-fosse !); a instrucção que me-dão é envolvida n uma agradavel simplicidade : a que eu lhes-dou é disfarçada com histórias alegres e jogos, que invento de proposito para elles , e que remato sempre repartindo com justiça alguns pequenos premios pelos vencedores. Eis-aqui as horas verdadeiramente douradas da minha vida , e em que me-achava como um rio vagaroso , a quem não obrigárão a mudar de leito , e que pelo seu caminho natural vai correndo á sombra de árvores carregadas de fructos n uma bella tarde do Outono.

OS

CANTOS DE ABRIL.

IDILIO.

N'uma noite de Abril suave e amena,
 Depois que a Lua candida surgira
 Por detraz das collinas do Oriente,
 Menalca, e Dafne virtuosa, e bella,
 De seus trez filhos precedidos, forao
 Sentar-se á porta do campestre alvergue,
 Do inquieto parreiral á grata sombra,
 Por gozar da frescura, e do aprazivel
 Alvo luar, que em torno enchia os campos.

Menalca era ja velho; a Providencia
 Por esposa lhe-dera a joven Dafne,
 Dafne terna, e fiel que em pouco tempo
 Pai o-tornou de dois mimosos filhos
 Tão lindos como os Zephiros, e Amores,
 E de uma filha como as Graças bella.
 Apenas lustros dois contava Silvia,
 (Tal era o nome seu); Titiro um anno
 A-excedia somente; e o meigo Alexis

Um anno mais que Titiro contava,
 Sôbre alcatifa rustica de ~~juncos~~
 Se-assentou com prazer toda a familia.
 Menalca sobre o candido regaço
 De sua amida esposa brandamente
 Lança a cabeça , e estende-se na terra ;
 D'ella a mimosa mão toma entre as suas ,
 Encosta-a sobre a face , e os tracos olhos
 Lança a travez das tolhas movediças
 Ao vasto Oceano de brilhantes astros ;
 E fitando-os na Lua ; Olhai meus filhos ,
 Olhai , disse elle , como brilha a Lua !
 ¡ Que doçura , que piz diffunde em torno
 O Astro da Noite ! ¡ com que força eleva
 O espirito mortal sobre si mesmo !
 ¡ Que turba de lembranças agradaveis ,
 Que grandes , que sublimes pensamentos
 Não traz a pura noite ás almas puras !
 ¡ Dias , que em vão suspiro , amenos dias
 Da minha mocidade ! Então sentado
 N'um concavo penedo envolto em musgo
 Fazia resoar em torno os echos
 Em nobres cantos celebrando a noite :
 Os ventos por me-ouvir se-recostavão
 Aos duros troncos sem bolir c'os ramos :
 De rocha em rocha a rapida corrente
 Com menos vivo estrondo ia caindo :
 Toda risonha a Lua prazenteira
 Se-debruçava de seu carro eburneo ,
 E cobria de luz minha cabeça :
 As Nintas pela musica atraahidas
 Deixavão com prazer nocturnas danças

Para vir d'entre as sarças escutar-me ;
 E Amor sôbre seu arco recostado
 Com ar de admiraçâo sôbre um rochedo
 Me-ouvia attentamente , em quanto as auras
 Co'as azas , e co'as tranças lhe-brincavão.
 Então a minha flauta era a primeira
 Da nossa vizinhança entre os Pastores :
 ¡ Té dízião que Pan ma-dera em sonhos !
 Mas hoje a minha flauta em ocio pende
 Coberta pelo pó dos longos annos :
 Em torno ao meu fogão ja não se-ajuntão
 Os Pegureiros a aprender meus cantos :
 Qual jaz envolta em cans minha cabeça ,
 Jaz envolta minha alma em gêlo eterno.
 Ah ! se não fosseis vós , Dafne , meus filhos ,
 (Vivido tenho assaz) , pedíra os Nomes
 Que á turba de meus Pais me-reunissem
 Nas do Elísio cabanas deleitosas ,
 Em torno ás quaes as flores nunca murchão ,
 Nunca se-despem de verdura os bosques.
 Mas ah ! ; como vos-amô ! A vós só devo
 Este resto de amor , que tenho á vida.
 Quem me-prende entre vós são teus affagos ,
 O'minha Dafne , os teus affagos ternos ;
 E vós tambem meus adorados filhos ,
 Em cujos corações de dia em dia
 Sinto crescer envolto co'a virtude
 O amor das Musas , cuja mão vos-ha de
 Não tarde coroar. Aproximai-vos ,
 Sentai-vos junto a mim , e ouvi-me atentos.
 Reina o suave Abril : nunca em meus versos
 Deixei de o-celebrar quando era moço.

Abril pertence a Venus : os Pastores
 Lh'o-consagrão nos antigos tempos.
 Venus domina em tudo : é de seus labios
 O sorriso feliz quem orna os campos ;
 E'de seus olhos que os desejos nascem :
 Cumpre cantar seu mez ; de mim não pôde
 Ja a Deosa esperar suaves cantos :
 A vós, a vós meus filhos só pertence
 D'este santo dever o desempenho.
 Cantai de Abril em versos alternados ;
 Exponha cada qual porque o-contenta
 Este risonho mez ; quacs os prazeres ,
 E os novos brincos de que n'elle goza :
 Ha de Venus dos Ceos a vós sorrir-se.
 Alexis , principia , eu te-acompanho
 Tocando em minha flauta a deleitosa !
 Musica alegre , que inventei no dia
 Em que de meu amor primeiro fructo ,
 Tu , meu querido Alexis , me-nasceste.
 Tu a-sabes tão bem como os Pastores
 De todo este arredor ; sim , principia :
 No silencio da noite o som da flauta
 E'grato aos corações , encanta os echos ,
 A's Ninfas dá prazer , e até de gosto
 Enche ao longe o cançado viajante.

ALEXIS

Eu amo o doce Abril , porque se-vestem
 Por toda a parte as árvores de folha.
 ¿Vêdes vós la em baixo o antigo bosque
 Sobre a margem do rio ? Olhai , ¿não vêdes
 Onde bate o luar sobre a corrente ,

E ondas cheias de luz saltão brincando?
 Sobre a margem de cá não se-descobre
 A negrejar uma sombria ruvem?
 E'o bosque de Pan: quando ésta tarde
 Ali fui pendurar do Deos na gruta
 Um cestinho de rosas encarnadas,
 Achei co'as folhas novas o arvoredo
 Tão verde, tão cerrado como nunca.
 Amanhã muito cedo, ó minha Silvia,
 Co'o nosso caro Titiro, desejo
 Que ali vamos colher novas papoulas,
 Que a cada passo pela selva nascem.
 Então vereis se o bosque ja com folhas
 Muito bello não é! Oh! sim por certo,
 Vós gostareis de ver como se-espelhão
 Sobre as águas do rio as folhas verdes,
 E tremem n'água quando os ventos soprão.
 Parece que no fundo da corrente
 Tem Pan outro arvoredo igual em tudo;
 C'os mesmos troncos enredados de hera,
 Co'os ramos igualmente entrelaçados,
 Formando muitos porticos; e ás vezes
 Té parece de pombas habitado,
 Quando as auras de subito susurrão
 Por entre os cumes tremulos, e fogem
 As pombas para os ares de assustadas.

TITIRO

Eu amo o doce Abril, porque me-cercão
 Por toda a parte alegres passarinhos
 De voz diversa, e cores variadas.
 I Como gosto de os-ver, quando nos ramos

Pulão aqui e ali ! ora se-escondem
 Entre as folhas , que tremulas se-agitão ;
 Ora sobre um tronquinho empoleirados ,
 Se-descobrem cantando ; ás vezes sobem
 Tão rapidos ao Ceo que a vista os-perde ;
 De flor em flor ás vezes pelo prado ,
 Tímidos sempre olhando os arredores ,
 Saltão picando , e sacudindo as azas.
 Ah ; como as suas azas são formosas !
 ; A borboleta não as-tem mais bellas !
 Fólgo de achar nos troncos carcomidos ,
 Ou por baixo dos ramos entredados ,
 No molle ninho as pequeninas aves :
 Não lhes-toco jamais , porque receio
 Que os-engeitem as más quando tornarem ;
 Mas fico muito tempo a examinal-os ;
 Do seu tecido a perfeição me-admira ,
 Admira-me que o sítio mais seguro
 Soubessem procurar contra os chuveiros ,
 Contra os ventos , e cobras que os-perseguem .
 Encanto-me de ver sobre as pluminhas
 A nova creaçāo ; este desrido
 Das pennas inda está , outro começa
 Por entre a casca branca a descobrir-se ;
 Outro ovinho inda inteiro alveja entre elles ,
 E tepido palpita ; algumas vezes
 C' o dedo só arreyo-me a chegar-lhe ,
 E vivo sinto o passarinho dentro .
 Se volta a māi ; como contente fico !
 Pião com fracos sons mal que a-descobrem ;
 Ella não perde o tempo , e carinhosa
 O buscado sustento lhes-presenta ,

E para os-aquentar de novo as azas
 Sobre elles com piedade estende , e ajusta.
 Se chega o Pai de seus formosos filhos ,
 Detrante d'ella sobre um ramo pousa ,
 Canta , e varia os tons para entretel-a ;
 Ou talvez que entre tanto a pouco , e pouco
 Ir ensinando os filhos seus procure !
 Sim , procura por certo , é deste modo
 Que o nosso Pai nos-ensinou seus versos.

SILVIA.

Eu amo o doce Abril , porque adornadas
 Vejo de flores as campinas todas.
 O susurro dos Zephiros me-agrada ,
 Oh ! muito , muito mais , quando resoa
 Pela relva florida das collinas ;
 E as auras me detem no meu caminho ,
 Quando vem das roseiras perfumadas.
 Eu amo o doce Abril , pois dos trabalhos ,
 Que tenho em meu jardim , me-recompensa.
 Mil plantas tenho ali , mas cujos nomes
 Inda todos não sei ; de todas ellas
 Ja se-podem colher pintadas flores ,
 Mas inda as não toquei ; porque as-reservo
 Para adornar-te , ó minha Mãe , o leito
 No teu dia de Festa : aquelle dia ,
 Em que tão boa os Deoses te-fizerão
 Nascer , para amparar a nossa infancia ,
 Para nós é de Festa ; as minhas flores
 Hão de em grinaldas adornar teu leito ,
 E de grato perfume encher-te a casa ;
 Ah ! sim , eu te-amô , Abril , porque me-deste

Tantas , tão bellas , tão suaves flores
Para offercer de minha Mái no dia.

Se o Passageiro ás vezes me-pergunta ,
Quando me-encontra á borda do caminho ,
¿ Quem é a tua Mái ? Eu lhe-respondo
Cheia de glória , a minha Mái é Dafne.
Hontem de tarde o gracioso Alexis ,
O pobre guardador das duas cabras ,
Chamou-me junto a si , pedio-me um beijo ;
Disse-me que era bella , e que os meus olhos ,
A minha boca , as minhas faces erão
Como as de minha Mái ; se isto é verdade ,
Eu sou bella por certo : em toda a Aldeia
Igual á minha Mái não ha Pastora.

A L E X I S .

Hontem toda a manhã contente estive
No escuro bosque das copadas faias ,
Onde se-vê das Naiades a fonte ,
C'roada de alecrim , de rosmaninho .
Sosinho passeiava , examinando
As fechadas abobadas de folhas ;
De quando em quando o vento assobiava ,
E então diante d'elle iáo dobrando
As árvores o cume em largas ondas ;
Uma ás vezes da outra se-atastava ,
Mostrando o largo CEO de azul vestido ;
O Sol brilhava sobre o chão relvoso ,
E fugia de novo , apenas tinhão
Voltado a seu lugar tremendo as copas .
Toda ésta vista de prazer me-enchia ,
Quando Amintas chamando-me da gruta ,

Aonde estão de musgo revestidas
 As imagens das Naiades da fonte ,
 Assim me-disse , dando-me uma rosa :
 " Eu te-darei uma pequena ovelha
 Toda branca , entre as pontas só malhada ;
 Se fores ter com Egle , e lhe-entregares
 A rosa , que te-dou , se lhe-disseres ;
 Egle , Amintas por ti morre de amores .
 Beija-a depois na face , e continua ;
 Egle , este beijo é do extremoso Amintas !
 ; Não a-vês la ao longe entre os salgueiros
 Apascentando as candidas novilhas ?
 Corre ; e não tardes a buscar a ovelha . , ,
 Eu fui corriendo a ella , dei-lhe a rosa ,
 Beijei-lhe a face , e disse-lhe : este beijo ,
 Egle , este beijo é do extremoso Amintas :
 Nada me-respondeo , sorrio-se , e as faces
 Como a rosa encarnadas lhe-ficárão :
 Abraçando-a depois lhe-disse alegre ,
 Egle , Amintas por ti morre de amores .
 Rio-se outra vez , e dando-me na face ,
 ; Ah como tu és máo ! vai-te , me-disse ,
 Não posso , não , não quero acreditar-te .
 Nada lhe-respondi , voltei á gruta
 Onde o Pastor contente alvorçoado
 Me-deo sem custo uma pequena ovelha
 Toda branca , entre as pontas só malhada .
 ; Como a minha ovelhinha é bella , e mansa !
 Andei com ella todo o dia ao pasto
 Pela relva do bosque ; aquella relva
 Que cresce á sembra dos copados ramos ,
 E o doce ouvalho das manhãs conserva ,

E'para o gado mais gostosa , e fresca.
 N'um pequeno curral de terra , e seixos ,
 Que por cima cobri de unidas canas ,
 Bem segura a-deixei passando a noite :
 Tornarei ámanhá com ella ao pasto ,
 Porém sempre das árvores á sombra.

TITIRO

E sta manhã , saindo da cabana ,
 Encontrei no pinhal dispondo redes
 O pequeno Mirtillo ; algumas d'ellas
 Erão só de prender as lindas aves ,
 Mas muitas mais de lhes-tirar a vida .
 Tão embebido no trabalho andava
 Que nem me-vio se quer ; aproveitei-me
 Da propria occasião ; fui manso , e manso
 A rastejar por entre o rosmaninho ,
 Até chegar ao grande castanheiro
 No meio do pinhal , e com trabalho
 Lançando as mãos ás heras , que o-rodeião ,
 Sumi-me dentro do cavado tronco :
 Então mudando a voz , com grande força
 Junto ás tendas gritei , “ Pára Mirtillo , ,
 Elle ouvindo este grito ergueo-se á pressa ,
 Deixou cair a obra começada ,
 Volveo , cheio de espanto , á vista em roda ,
 Não vio ninguem ; parado alguns momentos
 Pensativo ficou , té que perdendo
 O receio outra vez , tornou ás redes .
 Com voz mais estrondosa , e mais horrivel
 Eu lhe-tórno a gritar , “ Mirtillo , pára , ,
 Então largando tudo , e como louco

Corre, e foge do sítio; ao longe os echos
 Tornáráo-lhe a gritar “ Mirtillo pára ”,
 Mas elle não parou, sólia mil gritos,
 Vai a travez das silvas espinhosas
 Saltando tão veloz, como se-atira
 O cão do caçador sobre o veado.
 Apenas o não vi, saltei do tronco,
 Busquei-lhe pelo campo as redes todas,
 E deitando-lhe dentro algumas pedras,
 As-fui lançar nas águas da torrente;
 E correndo a buscal-o, oh! ¿ tu não sabes;
 Tu não sabes, lhe-disse, o como agora
 Me-vi quasi a morrer? Não, não te-engano;
 Eu o-vi, era um Deos, tinha segura
 Na mão direita uma caguçada foice;
 Tinha o ar de entadado, e a grandes passos
 Das sombras do pinhal vinha saindo:
 Vio-me, e gritou-me: Pára eu paro, e tremo.
 —Vou matar-te me-diz, sim, vou matar-te
 Ja que ás aves do bosque a armaz te-atreves;
 As tuas redes ja lancei no rio,
 E tu, tu vais morrer. — Não, não, suspende,
 Lhe-respondo a chorar, nunca nos bosques
 Redes armei, eu amo as tuas aves.—
 Mirtillo me-interrompe, —¿ e que disseste?
 ¿ Disseste que fui eu? ¿ como fugi-lhe
 Como escapar-lhe poderei ja agora?
 — Não, Mirtillo, socega, eu não lh'o-disse;
 Nem se quer o-sabía. Ah! ja que o Nume
 Te não conhece pelo auther do crime,
 Não tornes a arriscar-te, e em paz nos ramos
 Deixa as aves viver que não te-offendem:

E em quanto á perda das queridas redes
 Eu quero consolar-te: ouve, Mirtillo,
 Acceita este cestinho entrelaçado
 De junco verde, e canas amarellas,
 E este cajado airoso, e em propria altura,
 Forte, liso, e sem nós; vê como em roda
 Pintado lhe-resahe do fundo branco
 Serpeando um festão de verdes heras.
 Assim dizendo lhe-enfiei contente
 No braço esquerdo o arco do cestinho
 De junco verde, e canas amarellas,
 E dei-lhe o meu cajido: então Mirtillo
 Me-prometeeo não perseguir as aves.

SILVIA

¡ Como é bello um jardim nas frescas tardes
 Do gracioso Abril! ah ¡ como agrada
 Principalmente á sua jardineira!
 Bem poucas horas ha que ali sentada
 Sobre a relva sosinha, e recostando
 Na mão a face, e o braço n'um canteiro
 Olhava o pór do Sol; ¡ com que delicias
 Eu via os raios seus vir de tão longe
 A tingir de escarlata o meu campinho!
 O colorido alegre do Occidente
 Ornava o Ceo, e me-encantava os olhos;
 Mas inda mais meus olhos se-encantavão
 Girando em meu jardim. ¡ Com que ternura
 Não respirava o halito das flores!
 ¡ Com que gôsto as não via! Ora quietas,
 Ora ondeiando, e tremendo em grato enleio;
 Quaes mais altas, aos grupos resahião,

Quaes me-sorrião do botão fendido,
 Quaes abertas o seio me-mostravão :
 ¡ Que linda confusão de amenas cores !
 Um Zefiro que ali brincava errante
 Fazia pelas folhas inquietas
 Um sereno rumor, igual áquelle
 Que faz descendo cristallina fonte.
 Um rouxinol me-gorgejava ao longe ;
 ¡ O que eu sentia oh ! não , não sei contar-vos !
 Comecei a pensar quanto merecem
 Os Deoses ser dos homens adorados.
 Ergui-me , e passeiei por algum tempo
 Na sombria cabana dos lilazes ,
 E dizendo comigo : ¡ oh se eu podesse
 Ver estes Deoses bons que o campo habitão ,
 Que me-dão tantos bens ! ah ! quero ao menos
 Ir invocar as Driades , que habitão
 Em torno ao meu jardim dentro dos troncos
 Das árvores ja grandes , que plantára
 Meu Pai co'a propria mão quando eu nascera :
 Sim : quero cada dia , antes da Aurora ,
 Seus ramos adornar de mil grinaldas ,
 Antes que o Sol o orvalho ás flores seque.
 Diante de seus troncos de joelhos ,
 Erguendo as mãos eu lhes-direi ; O' Ninfas ,
 Sai dos vossos troncos um momento ,
 Aos olhos vos-mostrai da vossa Silvia ,
 Sai ; este jardim tem muitas flores ,
 Todas , todas vos-dou , vinde colhel-as :
 ¡ Se vós soubesseis que prazer , que fresco ,
 Do meu jardim se-goza nos passeios! ...
 Vinde : sai , vos-peço , a vossa idade

E'a minha tambem: podêmos todas
 Aqui dançar, ornando-nos de rosas,
 Aos frescos raios da aprazivel Lua,
 Que ao ver os nossos brincos innocentes,
 Ha de a travez sorrir dos ramos vossos:
 Isto dizendo aos troncos me-aproximo,
 Repito as minhas súpplicas ás Ninfas,
 Penduro-lhes das flores as grinaldas,
 Mas sem fructo por ora; amanhã quero
 Voltar ao meu jardim pela alvorada,
 E muitos dias mais até que os rogos
 As bemfazejas Driades me-escutem.

MENALCA

Basta, meus filhos, basta, os vossos cantos
 Me-enchérão de prazer; vinde, abraçai-me:
 Sois vós que me-juncais de frescas rosas
 O caminho do tumulo; ja posso
 Morrer contente: o germen da virtude
 Nos vossos corações desenvolveo-se,
 E na minha cabana eternamente
 Não ficará sem glória a minha flauta.

DAFNE

Ah! meus filhos! o effeito que produzem
 No coração materno os vossos cantos
 Não se-pôde explicar: nas minhas faces
 Lágrimas de ternura estão caindo:
 Este pranto, este pranto é-me tão dôce
 Como o orvalho no Estio ás plantas murchas.
 Eu vejo os Ceos propicios á virtude
 Premiar-nos na vida, esposo amado.

De um par fiel os corações não podem
Gozar de um bem maior do que a alegria
De ver que os filhos seus até na infancia
Ja são credores das celestes bençãos.
Entremos na cabana : aquella nuvem
Vai a Lua occultar ; o vento sopra ,
Não tarda muito algum ligeiro orvalho;

De la belle au comte, sans
 Cour de la paix le plus
 A et des envoies faites au
 : cetera : que celeste permuta
 Ensuite qu'il fut
 Mais occis ; o sans
 Mais il est

Des voies de la mort
 Et j'aurais de mal, je
 Meurra contre l'ennemi de
 Mes peines, lorsque l'ennemi
 Et au contraire de l'ennemi
 Mais sans son pere à moins

DAPHNE

Des murs d'ivoire et d'or,
 Qui sont dans le ciel, et qui sont
 Mais que j'aurais de mal, je
 Et au contraire de l'ennemi
 Mais sans son pere à moins

AS AMIGUEIS DONAS

A

FESTA DE MAIO.

POEMETO.

FESTA DE MVO.

POEMETO.

DEDICATORIA
A'S AMAVEIS DONAS
DA
LAPA DOS ESTEIOS.

SENHORAS:

A segunda Festa Poetica, que fizemos na vossa graciosa Lapa, produzio uma tarde tão encantadora, que nunca o tempo a-riscará da nossa imaginação. A honra, que nes-fizestes com a vossa presença n'aquelle sítio, e a bondade com que ouvistes os nossos versos, nos-encheo de soberba, e de reconhecimento. As caricias, com que tratastes o nosso pequeno Maio, sentando-o entre vós, e no vosso mesmo regaço, fazendo-lhe esquecer entre repetidos abraços o triunfo, para elle incomprehensivel, que havia pouco tinha alcançado, & como podião ser olhadas com indiffe-

rença por nós , que o-tinhamos adornado por nossa propria mão do seu vestido de flores , e o-tinhamos assentado sobre o vistoso throno , que lhe-havíamos preparado ? Em sim , SENHORAS , a generosidade , com que d'ahi por diante vos-esquecistes do nome da vossa Lapa , para só lhe-chamar a Lapa dos Poetas ; . . . tudo nos-constitue em tão grandes obrigações que as Musas mesmas se-devem empenhar por mostrar-vos que os seus Sacerdotes não sabem ser ingratos.

Em quanto a mim , SENHORAS , a minha Musa me-poz entre as mãos para vol-o-offerecer da sua parte este Poema , com que appareci na Festa. Estou bem certo de que m'io-acceitaréis , porque as tres Graças não poderião recusar uma dadiva , que uma das Habitantes do Parnaso lhes-enviasse.

Tenho a honra , SENHORAS , de ser da vossa Lapa , ou se vos-agrada , da Lapa dos Poetas , o mais humilde Cantor , e

O vosso mais fiel Criado

Antonio Feliciano de Castilho.

HISTORIA DA FESTA DE MAIO.

Pelas tres horas da tarde do primeiro dia de Maio de 1822 , nós , a Sociedade dos Poetas *Amigos da Primavera* (1) nos-achavamo á sombra das árvores do Encanamento do Mondego , esperando aniosamente o barco , que nos-devia conduzir á *Lapa dos Esteios* para celebrarmos a Festa do Maio.

(1) E'sta Sociedade era composta dos mesmos , que tinhamos feito a Festa da Primavera , excepto Francisco de Senna Fernandes , cuja falta foi suprida pelo nosso Amigo Antonio Ribeiro Saraiva. Este Moço estimavel pelo seu caracter , e docilidade , alem de se-ter ja notavelmente distinguido nos estudos Academicos , é um Literato de um genio , e gôsto muito delicado. Temos ja d'elle uma Collecção de pequenos Poemas Anacreonticos , impressa debaixo do titulo de *Lira Erotica* ; tem ultimamente composto bellos Idilios no gôsto Alemano , dignos com effeito da natureza , que é o objecto dos seus estudos , e da sua imitaçáo.

Este barco suspirado se não fez desejar muito tempo ; appareceo-nos em fim ao longe , toldado de ramos entrelaçados ; fizemol-o aproximar com impaciencia : embarcámos quasi todos a um tempo , e partimos cantando. Se os sentimentos do coração podessem ser bem descriptos , um longo volume não seria bastante para bem descrever ésta Tarde. Desejo que os meus Leitores tomem parte connosco nos prazeres d'esta Festa , mas conheço que isto é impossivel , porque o mais interessante d'ella é o que não pôde ser explicado , e cujos encantos todos o coração apenas pôde abranger. Esta Sociedade Poetica unida pela sympathia , e até pela uniformidade de gostos , forma n'estes momentos não um número composto de unidades , mas , se me é permittida a expressão , uma só unidade composta de partes inseparaveis. Cadaum fazia consistir o seu prazer , e a sua felicidade , na felicidade , e no prazer , dos que o cercavão : nenhum tinha ali sentimentos de que elle só fosse o objecto : d'esta maneira o nosso interesse era mais puro , a nossa amizade mais viva , e os nossos divertimentos mais nobres , e variados. ; Talvez poucas pessoas tenhão passado em sua vida tão bellos momentos ! ...

Ora cantando , ora discorrendo , e quasi adorando as diversas bellezas que a Natureza magnifica sucessivamente nos-apre-

uentava , chegámos em fin , quasi depois de uma hora , á vistosa *Lapa dos Esteios*. Ao som de brilhantes himnos tocados por uma pequena orquestra , que levavamos , fizemos voar uma multidão de foguetes , que rebentando á porfia nos ares , fazião que as margens por longo tempo repetissem os seus echos.

Com este ar de triunfo saltámos orgulhosamente , ao som da musica , do nosso barco enramado sobre o caes , e voámos ao lugar mais alto da Lapa. ¿ Era este sítio ainda o mesmo em que tinhamos celebrado a Festa da Primavera ? não , sem dúvida ; Maio tinha obrado os sens milagres sobre a natureza. As árvores todas offerecião ja aos ventos montanhas de folhagem , que se-agitavão no ar diante dos raios do Sol ; o rio corria ainda mais puro , e a atmosphera , que nos-envolvia , era mais temperada , e benigna. ¿ Quereis ter uma ideia da habitação dos espiritos felizes ? ¿ Quereis descrever os lugares em que as Nintas , os Faunos , e Pan se-mostravão aos Pastores innocentess na idade de ouro ? Visitai a *Lapa dos Esteios* nos bellos dias de Maio. A Primavera no seu princípio é uma bella Menina , mas cujos passos são ainda vacilantes , cujas graças ja se-anuncião claramente , mas ainda se não desenvolvêrão : em Maio porém é uma Bella em todo o brilhantismo da mo-

cidade , a quem cortejão alegremente os Amores, e os Prazeres, e cujos sorrisos, encantando os sentidos, declarão uma guerra amavel ao coração , e ao espirito. A Natureza pois tinha dado o ultimo retoque a este lugar ; mas a arte não se-descuidou tambem : a limpeza reinava por toda a parte , e um sem número de vasos cobertos de flores , e distribuidos com arteficio, o-adornavão ainda mais.

Sobre o lugar mais elevado da Lapa foi collocado o throno do Maio ; era um pequeno altar perfeitamente coberto de verdura : duas columnas de flores , arteficiosa-mente matisadas , e rematando em duas cúpulas igualmente de flores , se-elevavão dos dois angulos anteriores , e se-comunicava-rão em cima por um semicirculo arranja-do da mesma maneira , formando um porti-co agradavel : os lados , o fundo , e o tecto do recinto erão de ramos verdes de todas as qualidades , bem entrelaçados , e bordados de algumas flores : havia no meio um assento coberto de um tecido de heras , que foi ocupado pelo nosso Maio. Este Deos era representado por um Menino de 5 annos , louro , e branco como a neve : o cabello en-caracolado lhe-casa sobre os hombros : le-vava por vestido unicamente um pequeno avental desde a cintura até aos joelhos , o qual sustentado por duas fitas , que lhe-pas-

savão sobre os hombros , e se-cruzavão no peito , e nas costas , estava coberto de cedro , e buxo com uma barra de flores encarnadas de roseira , rosas , e cravos , calçava cothurnos de seda escarlata , tinha na cabeça uma coroa de verdura , e pendente do braço esquerdo um cabasinho com todos os fructos do seu mez.

Mandámos dois de entre nós a comprimentar , e convidar para a nossa Festa a estimavel Familia , dona do lugar , e cuja habitação é na Quinta sobranceira á Lapa. Não se fizerão esperar , e ao som da musica forão recebidas no meio das Senhoras , que nos-tinhão feito a honra de concorrer comnosco ; o círculo dos Ouvintes era brilhante , e numeroso. Cadaum dos Socios em pé , diante do Maio , successivamente recitou o Poema , que levava ; sendo cheios os intervallos com musicas escolhidas , executadas pela nossa orquestra. Uma merenda como a da Festa da Primavera rematou agradavelmente a tarde com vivas , e saudes. A noite foi passada parte nas sallas , parte no jardim das amáveis Donas da quinta , e este jardim nos-offerecia uma scena ainda mais agradavel. A noite era uma das mais bellas do mez de Maio ; em toda a extensão do Ceo não se-via uma só nuvem , e a Lua no seu maior brilhantismo espalhava em torno de si uma

luz quasi tão clara como o dia ; ella refle-
ctia docemente ao longo do Mondego , en-
jo mando murmurio nos-encantava os ouvi-
dos : os ares estavão serenos , e poderão-se
conservar as luzes , que arteficiosamente ti-
nhão sido dispostas por entre os vasos de
flores , offerecendo-nos um reflexo verde-
jante . { Quem poderia porém descrever os
prazeres de que gozámos n'esta encantada
noite ? Em pouco tempo a Sociedade se-
espalhou , e se-repartio em pequenos ran-
chos ; a musica fazia ouvir os sens concertos
ora no jardim , ora por entre os arvoredos ,
que assombravão os verdes passeios da quin-
ta ; os seus sons vinhão morrer no coração :
por outra parte a dança occupava delicio-
samente alguns : de quando em quando ap-
parecião improvisos sóbre o objecto do dia ;
alegres conversações , divertidas histórias ,
um prazer finalmente sem mistura , ou an-
tes um entusiasmo , e um delirio nos-en-
volvião n'este jardim encantado que nos pa-
recia offerecer uma imagem dos Jardins
Elisios .

Depois da meia noite partimos , e se-
acabou a melhor das tardes da minha vida ,
que ainda agora frequentes vezes me-arre-
bata quando o seu quadro me-é apresentado
pela mão da Saudade .

A

FESTA DE MAIO.

POEMETO.

Eia, Amigos, ao campo ! ha ja trez horas,
 Que os Tindareos Irmáos no aereo espaço
 Vírão do Meio dia o rosto ardente :
 Eia, Amigos, ao campo ! as horas voão,
 E o Maio alegre ás Festas nos-convida :
 Os Zephiros ligeiros, embalando
 Do parreiral a trémula folhagem ,
 Ao rio , ao barco estão chamando a turba.
 O Deos Menino , o gracioso Maio
 Não vamos celebrar na fresca Lapa ?
 Pois que se-tarda ? Os Numes não consentem
 No culto seu ministros perguiçosos .
 Chamai á pressa as pastoris Camenas ,
 Tomai as flautas , coroai as frontes
 Co'as grinaldas , que em premio vos-cingirão
 Da Primavera na primeira tarde.
 Como ! o tempo ai da flor da mocidade !
 O tempo as-destruió ! ; de graças tantas

Que existe pois ? um pó... ; jazem desfeitas,
 Sem perfume , sem côr as lindas flores
 E as verdes folhas se-enrolárão murchas !
 Ah ! corramos : jo pézo , que as-esmaga
 Róla tambem sôbre a existencia nossa !
 Nossas grinaldas nos festins vivêráo ,
 Morrerão no prazer ; e nós como ellas
 Devemos esperar , biuncando , a morre.

Cedo nos hombros do nervoso Atlante
 O eixo voluvel em perpétuo giro
 Ha de erguer ante o Sol novas esferas :
 O Touro ja fugio : Castor , e Pollux
 Succederão-lhe agora : hão de apoz elles
 Os astros scintillar , que nos-conduzão
 Da estiva calma aos importunos tempos .
 ; Então se-murchão pelo campo as flores ,
 Tepidas correm na planicie as fontes ,
 Calão-se as aves nos cavados troncos ,
 E ás noites mesmas a frescura falta !
 Vamos em quanto as flores não perecem ,
 Em quanto soprão lisongeiras auras ,
 Em quanto um doce trio as ondas levão ,
 Em quanto as aves pelos ares cantão ,
 E as claras ecites co'a frescura aprazem .
 Vamos correndo : de vergonha core
 Quem último chegar do rio á margem .

; Graças aos Ceos ! já suspirada areia
 Ja chegámos em fim ! mas pelas faces
 Abrazado suor me-está caindo.
 Inda o barco não chega : eia , sentai-vos :
 ; D'esta aura casinhaça ao fresco sôpro
 Quanto é doce voltar o rosto ardente ,

E ora uma face , ora offercer-lhe a outra !
 Ella as-beija brincando , e espalha em ondas
 Os escuros annéis , que lh as-roubavão.

Verde canavial , ; salve trez vezes !

¡ Co'as boliçosas , arqueadas folhas
 Nos-escondes a rit de Phebo aos olhos !
 Ninka adorada pelo Deos da Arcadia ,
 Deos dos Pastores , inventor da flauta ,
 Não é profanação quem nos-dirige !
 Não te-irrites , se em breve as dextras nossas
 De tuas canas adornadas vites :
 Encanta-nos seu talhe alto , e sublime ,
 Seu cume erguido , que tremúla em ondas ,
 E este murmurio , com que as auras beijão ,
 Se as auras vem lascivas abraçal-as.
 Não te-irrites , ó Ninta , ; eil-as colhidas !
 Socios , gravai na areia á pressa os nomes
 Das vossas bellas , imprimi-lhe um beijo ,
 E partamos que o barco a praia toca.
 Bem : eu tracei da Primavera o nome
 Em caracteres raes , que ao longe possa
 Lel-os o pescador no fim da tarde :
 Vosso escrito amanhã talvez não dure ,
 Mas o meu vivirá ! ; De longe apenas
 ; Ha de o rio beijar o chão , que o-guarda !
 Bem que na Herminea Serra o sólio gêlo
 Lhe-augmente as águas , lhe--provoque a furia ,
 ; Teu nome , ó Primavera , ha de affastal-o !
 E se um vento protervo presumisse... :
 ; So co'um sorriso o-agrilhoára a Deosa !
 ; Eis-nos em fim nas transparentes ondas ,
 Da verdejante riba um pouco ausentes !

Agora cumpre diligencia , e fôrça
 Para vencer as fugitivas águas :
 Ferva o trabalho : as varas não descancem ;
 No fundo leito redobrai os golpes ,
 E suavisai co'a musica o trabalho .
 Eu deitado na popa , eu vos-inspiro :
 Cantai , e o echo em baixa voz aprenda .

Ouvi Nintas do placido Mondego ,
 Ouvi com ledo rosto as preces nossas ;
 Sai correndo das limosas grutas :
 Occultas no cristal do patrio Rio
 Vós podeis impellir co'as mãos de neve ,
 E fazer que o Batel , qual águia , vôle .
 Bellas Filhas do lucido Mondego ,
 Vamos passar a tarde á grata sombra
 Das lindas Graças na formosa Lapa .
 Ali , se acaso não me-illude o estro ,
 (Vós , Nintas , vós com ellas muitas vezes
 As noites do luar passais em danças !
 Sôbre um tronco musgoso Amor sentado ,
 Para acertar as rapidas choreias
 Com saudosa flauta a noite acorda ,
 E Venus compassiva lhe-desata
 Dos olhos entre tanto a escura venda !
 Mil amorinhos sem farpões , sem facho ,
 (Nem onde vós estais carecem d'elles !)
 Vôão aqui , e ali por entre os ramos .

Ouvi Ninfas do placido Mondego ,
 Ouvi com ledo rosto as preces nossas :
 Fazei que chegue em rapidos momentos
 A prôa ovante ao suspirado sítio ,
 E tereis um lugar em nossos versos .

Iremos outro dia erguer altares
 De cada chopo vosso à sombra amiga ,
 Pondo-lhe em toda uma vistosa grade
 D'aureas canas com myrtas revestidas :
 Em vossas ondas lançaremos rosas ,
 E puro leite , e saboroso vinho.
 ; Porque tardais , ó Naiades esquivas ?
 ; Turba innocent de mancebos rindo
 Bem merece o favor dos Sacios Numes !
 Nós não vamos em lenhos poderosos ,
 Varrendo as nuvens com soberbas velas ,
 C' o ferro a lampejar nas bravas dextras ,
 Detestando morrer no patrio clima ,
 Levar da guerra a furia aos outros povos :
 Não vamos destruir Provincias , Reinos ,
 Lançar em fogo os bosques , e as Cidades ,
 Calcar aos pes a humanidade , e o justo ,
 Os raios attrahir das mãos de Jove ,
 Para voltar aos mares tormentosos
 Co' um pouco do metal , que gera os crimes ;
 Nós vamos procurar visinha praia
 Para rir , e beber de Maio em honra :
 Vamos c' roar-nos de verdura , e lirios ,
 Cantar ao som da flauta a Natureza ,
 Dançar no meio de innocentes gostos ,
 E longe dos mortaes viver ditosos
 Poucas horas se quer na paz dos campos.

Terra , terra : éstas árvores das margens ,
 Que vão passando sobre as frontes nossas ,
 Convidão a colher sua folhagem :
 Saltai , colhei os mais viçosos ramos ,
 Formai um tóldo , que nos-roube á calma .

A'vante ; adeos , ó Driades , ficai-vos
 Em doce paz ; o orvalho vos-fecunde ;
 Ache vossa raiz no Estio as águas
 Tão abundantes , como as-tendes hoje.
 Nós vamos celebrar o Mez das flores :
 Quando voltarmos vos-daremos graças :
 A'vante , não cesseis , alegres nautas ,
 Cantai : eu vos-ensino um canto novo.

Das Filhas de Nereo a mais formosa
 Foi Galatea candida , e rosada :
 ; Por seus olhos azues morre o d'inveja
 Aglaia , irmã de amor ! a curta boca
 Ciumes accendeo no peito d'Egle ,
 Bem que da boca d'Egle um doce beijo
 O Sceptro pagaria ao Rei dos Numes ;
 E Eufrosina , entre os Deoses celebrada
 Pelos aureos anneis de longa trança ,
 De Galatea a trança cobiçava.
 ; E o seio ! o seio turgido , e nevado ,
 Mais nevado que a espuma em que se-tornão
 Na frente de um cachopo as crespas vagas ,
 ; O seio era melhor que o teu , ó Cipria !
 Treze vezes descêra a Primavera
 Depois que aura vital gosava a Ninfâ ,
 E ja no Mar , no Ceo , no Mundo inteiro
 Das bellas todas triunfava a bella ,
 E ais , e louvores a-seguião sempre.
 Nereo , chamando-a á funda gruta um dia ,
 Sentou-a sobre os tremulos joelhos ,
 Ao hombro lhe-lançou paterna dextra ,
 E beijando-a lhe-diz. " Assaz é tempo ,
 Filha , de rematar da infancia os brincos .

Tu conheces seu rosto , e não conheces
 Que é perioso fugir a turba insana ,
 Que te-rodeia , que te-chama bella ?
 Crê tu nas cás de um Pai , de um Pai no affecto :
 Quanto mais seus discursos te-agradarem ,
 E mais seus modos lisongeiros vires ,
 Mais perfidos serão ! Cabe a meus annos
 Dar prudente conselho á tenra idade ;
 Não te-offendas , previno-te a innocencia :
 De meus delfins o lubrico rebanho ,
 Desde hoje apascentar é seu cuidado :
 Não convem á belleza ociosa vida . ,
 Disse , e poz-lhe na mão como pastora
 Um bastão de coral co'a ponta d'ouro ;
 Entregou-lhe o rebanho , e conduzindo-a
 De seus mares a um placido retiro ,
 Fica , pastora ; aqui , lhe-disse o Velho ,
 Vir-te-hei ver muita vez. Rio-se , e deixou-a.

Alguns dias ali viveo contente
 A equorea pegureira entre o rebanho :
 Ora entre as plantas do coral brilhante
 O-levava a pascer os verdes limos ,
 Ora ao marinho cão deixando-o entregue
 Ia colher das perolas as conchas.

Uma tarde de Maio , quando aos braços
 De Thetis vio que o Sol ia descendo
 Ousou sair do fundo , e foi sentar-se
 A gozar do espectaculo dos bosques
 Na alegre entrada de uma verde gruta.
 Nas ondas por acaso então nadava
 Acis gentil de encantadores olhos :
 Vio-o , e visto , calou seu canto alegre :

Sólta um suspiro , e se-perrurba , e cora.
Do paternal preceito inda lembrada
Quer na gruta esconder-se ate que parta
Das ondas o mancebo : eis se-arrepende ;
Ja não quer occultar-se , e quer que a-veja :
D'entre o verde do Mar o niveo corpo ,
Que os olhos cega , e o coração cativa ,
As proporções , a ligeireza , a graça ,
Com que agora se-occulta , agora assoma ,
E em modos mil as posições varia ;
Tudo , tudo a-detem : de quando em quando ,
Sem conhecer que o-faz , se-lhe-aproxima ;
As tranças , que trazia ao vento soltas ,
Sem saber o porque reparte , e lança
Sobre os hombros de neve , e cobre o seio ,
E consulta no Mar a propria imagem ;
Quer mais bella tornar-se , e mais não pôde.

Cançado de banhar-se o Moço emtanto
Vinha a praia ganhando : ella assustada
Corre á gruta ; ali cora , ali desmaia ,
Quando o mancebo , quando o Pai lhe-lembra .
O bello nadador não tarda muito ,
Entra na gruta , onde largara as vestes.

Amigos , ¿ vós paraís como esquecidos ?
¿ Deixais que o lenho na corrente desça ?
Ah ! voltaí ao trabalho ; e por castigo
Não ouvireis do alegre canto o resto .

Outro vou começar : ja que passâmos
Detronte agora do lugar , por onde
Das Lágrimas a fonte ao rio desce .

Junto á fresca matriz d'este regato ,
Onde gosou nos séculos remotos

O mais ditoso par de amor os mimos ,
 Meu estro agora placido volteia
 Por entre os cedros , e os fataes ciprestes ;
 E ora ao lago pacífico se-arruja ,
 Ora pousa da fonte entre os penedos .
 Não , não o-imagineis : o vosso amigo
 Não existe entre vós n'este momento :
 Gira longe d'aqui no sítio umbroso ,
 La conversa co'a Musa , aprende , e canta
 Gratas histórias dos passados tempos .

Uma noite de Maio Ignez formosa ,
 Ao pallido clarão da argentea Lua ,
 Com seu Pedro fiel aqui vagava .
 De seu candido amor primeiro fructo
 Lindo , qual dos amores o mais lindo ,
 Um tenro filho , que a fallar começa ,
 Co a pequenina mão á Mai seguro
 Com passos desiguaes a-acompanhava ;
 No dextro braço do gentil consorte ,
 O alvo braço despido entrelaçando ,
 Languidamente a bella se apoiava :
 Candida veste , cor da neve alpina ,
 O corpo encantador subtil lhe-cobre :
 Em gracioso nó lhe-prende as tranças
 Cheiroso ramo apenas entr'aberto
 Das rubras rosas , que reveste o musgo ;
 Um veo ligeiro , transparente , e sólto
 Orna sem recatar seus altos peitos ;
 E entre elles das mais flores triunfando
 Do amor perfeito a curta flor matisa
 A rara candidez c'o roxo grupo .
 No silencio , na paz da noite amiga

Nos extases de amor arrebatados,
 Ebrios ambos do nectar de ternura,
 Provavão em seu ermo passeiando
 Todo quanto prazer nas almas cabe.
 Ignez, dizia Pedro, ; olha estes cedros,
 Que doce murmurando agita o vento !
 ; Olha as águas do tanque, onde tão clara
 Se-está dos Ceos a Lua retratando !
 ; Ouve o rumor das ondas transparentes,
 Que vem nascendo da cavada penha !
 Cara Ignez... ah ! calemo-nos ! ; escuta
 O terno rouxinol como gorgear !
 ; Não o-sentes mui proximo ? ; quem sabe !
 Talvez que em teu jardim celebre agora
 Por entre as flores tuas adejando
 Ao lado de uma esposa os seus prazeres :
 Se assim é, derramai, formosas flores,
 Aos Zephiros da noite amaveis cheiros
 No instante em que Himeneo deve ajuntal-os.
 Oh! minha Ignez ! ; que os Ceos me não permittão
 Ja contigo viver !... N'isto o mancebo
 Contra o peito apertando o braço d'ella
 Com seus beijos de fogo devorava
 A mão pequena do formoso objecto.
 Sem nada responder Ignez parava,
 E do férvido Amante a dextra unia
 Sobre o tepido seio, que entre tanto
 Assaz fallava com fieis suspiros.
 Oh ! dizia por fim, ; que Deos contrário
 Ao terno amor, á candida innocencia
 Minha Vida, meu Bem, busca affastar-nos ?
 ; Não nos-fôra melhor, se entre as cabanas

Tiveramos nascido ? então ditosos ,
 Sem ter para mandar mais que um rebanho ,
 As lás em vez das purpuras vestindo ,
 Tendo um cajado por dourado sceptro ,
 E por diadema as flores , e a folhagem ,
 Pedro fôra um Pastor , e Ignez Pastora.
 ; Teu Solio . . . quantas lágrimas nos-custa !
 ; Mas se fosse teu Solio uma collina ,
 E seu docel um parreiral pequeno ,
 Nas columnas das árvores firmado . . . :
 Não sentiria em meus sonhos o remorso ,
 Teu coração . . . niçõem m'c-disputara ,
 Não se-encobriria o meu amor ! oh ! cessa ,
 Cessa , Pedro lhe-diz interrompendo-a :
 ; De que servem , querida , essas lembranças ?
 ; Posso eu mais adorar-te ? ; e que receias ?
 ; Ou que hei de eu desejar se tu me-estimas ?
 Um peito como o teu , virtudes tantas
 Não são para viver na escuridade.
 Os justos Ceos , que ou rara vez , ou nunca
 Um coração como o de Ignez formarão ,
 Dos Reis , de teus Avós te-põe na estrada :
 Chamão-te ao lado meu da glória ao cume
 Para luzir nos criminosos dias
 Um astro de virtude entre os humanos.
 Gozemos do prazer . . . ; Olha ésta noite
 Como é formosa , minha Ignez ! não tornes ,
 Eu t'o peço por mim , por ti , por esse
 Fructo do nosso amor , que re-é tão caro ,
 Não tornes a avivar essas lembranças.
 ; Queres tu , minha amada , que empreguemos
 Os momentos melhor ? vamos sentar nos

Sôbre o banco de pedra ao pé da fonte,
 E ali me-cantarás os doces versos,
 Onde quasi exprimiste o que sentimos
 Quando a primeira vez nos-vimos juntos
 Tambem de noite , e n'este sítio mesmo :
 E'stas ideias nos-serão mais doces.

Disse , e Ignez imprimindo-lhe nos labios
 Um longo beijo co'a pequena boca ,
 Sim , lhe-responde ; o que te.apraz não pôde
 Deixar de me-agradar: n'isto levanta
 Em seus braços o filho , e ao collo o-toma ,
 Forceja o Pai para furtar-lhe o peso ;
 Mas eila o não concede : este menino
 E'meu , lhe diz ; eu t'a-darei , é tua ,
 Se for menina , que em meu seio trago ;
 Pertence o filho á Mái , e ao Pai a filha .
 Sorrindo com ternura o ledo amante ,
 Ser-me-ha dado , lhe-diz , que de teu filho
 Ao menos colha alguns pequenos beijos ,
 Ou devo só c'os teus ficar contente ?
 Se meu filho t'os.deve , eu só t'os-pago ,
 Ignez responde , e lhe-pagou mil beijos .
 Chegão em fim ao marmore : este trio
 Poderia offenderte , um pouco espera ,
 Não te-sentes , Ignez : isto dizendo
 Vôa ao proximo cedro , os ramos colhe ,
 Volta com elles , alcatifa a pedra ,
 Deita junto da Mái sôbre a folhagem
 O pequeno menino , que adormece
 C'o rosto sôbre o maternal joelho :
 E ante ella passeiando á luz brilhante
 Da Lua , que entre as árvores raiava ,

Attento escura a doce voz , que soa
 No sombrio lugar com mago encanto :
 A musica tocante , o doce estilo ,
 O suave da voz , a frase meiga ,
 Tudo o-lança em delírio : arde em desejos ,
 Os mais sentidos perde , ouve somente :
 Não se-lembra onde está , quem é não sabe ,
 No Mundo não se-crê , nem ser humano :
 Só d'esta confusão , em que se-perde
 N'um cahos de prazer , de quando em quando
 Ignez descobre , e mais gentil que nunca :
 Ja não pôde conter-se ; o fim do canto
 Ja não pôde esperar. O minha... exclama ,
 O minha.... e sem findar , pois não encontra
 Um nome tal , que o sentimento exprima ,
 Que de seu coração trasborda em ondas ,
 Vôa a abraçal-à sem podér fallar-lhe ;
 A musica por beijos lhe-interrompe ,
 Embaraça-lhe a voz , quer com seus labios
 Beber dos labios d'ella os sons divinos ,
 Guardal-os dentro em si : de recolhel-os
 Qualquer outro lugar indigno julga :
 Mas ella rindo , e a boca desviando ,
 Que lhe-deixe acabar lhe-pede a custo :
 Sim , acaba , responde , Ignez , acaba ;
 E o collo , e o seio lhe-beijava em tanto .
 Depois ante ella attento ajoelhando ,
 Sobre ella recostava o rosto ardente ;
 E differindo as férvidas carícias
 Ainda um pouco mais a ouvir tornava .

Findou-se o canto : erguendo-se da terra
 O mancebo apressado a mão lhe-toma :

Vamos lhe-diz, a Lua vai descendo :
 Daqui a pouco a-roubarão de todo
 Os bosques do Occidente á nossa vista.
 A Lua vai dormir : ; como depressa
 Não tem corrido para nós a noite !
 As auras pela relva estão dormindo ,
 Curvão com somno as árvores as frontes ;
 Do verde tanque as águas não se-agitão ,
 E entre o musgo Morpheo lhe-esconde os peixes .
 O rouxinol , que ha pouco gorgejava ,
 Tambem ja se-calou : ; sabes a causa ?
 Talvez lhe-empeça a voz , responde a bella ,
 Teimoso furto de continuos beijos .
 Não , não . lhe-diz o amante , agora occulto
 Entre a folhagem co'a formosa esposa
 Aperta o rouxinol de amor os laços ;
 ; E nós Ignez ? ... ah ! busca o teu menino ;
 Talvez não tarde a Aurora , ao leito vamos ,
 E do fresco da noite ali zombemos .
 ; Em fim chegámos ! c'eo ligeiro impulso
 Bate a proa no caes , o lenho trem ,
 Tremem com elle de seu tôlido as folhas ;
 Salta Josino , da-me a dextra , eu quero
 Ser o segundo que visite a Lapa .
 ; Salve ameno lugar , que as Graças pisão !
 ; Respeitar-te convem ! nós te-adorâmos .
 ; Gloria ao sacro arvoredo , que diffunde
 Sôbre a calma do vate a sombra fria !
 ; Gloria ás auras , que prêses n'este sítio
 Das Driades por mão aos troncos d'ellas
 Agitão com susurro a massa enorme
 Da folhagem suspensa ! ; honra aos que brincão

Puros raios do Sol sobre o terreno
 Mal que um Favonio lhes-descobre a entrada !
 ; Eterno amor ás aves , que em seus ramos
 A vinda nossa a gorjeiar celebrão !
 ; Paz ao Deserto , onde com nosco as Musas ,
 Esquecidas de Pimpla , se-contentão
 De encher de alegres canticos os ares !

A'Festa , á Festa : reuni-vos todos ,
 Vinde colher as fugitivas horas :
 Qual vaga ja passada , ou flor ja murcha ,
 Para mais não voltar , se-escapa o tempo.
 A'Festa , Amigos : Ah ! n'esta eminencia
 ; Eis ja pronto um altar ! ; eil-o cingido
 Com largas fitas de pintadas flores !
 Ante elle o rosmaninho , a murta , as rosas
 Té não curta distancia o chão tapisão ;
 Heras , e lirios candidos o-toldáo :
 De heras , e lirios adornai as frentes.
 Graças ao Genio , cuja mão propicia
 Nossos trabalhos prevenio d'est'arte.
 Ajoelhai : ; lá sobe a Divindade !
 Silencio . . paz . . . Retumbe pelos echos ,
 Sem mistura de voz o som das flautas.
 No coração , no espirito me-chovem
 D'estro divino electricas centelhas.
 Ja me-sinto mudado em branco cisne :
 Cercai-me : eu vou cantar ; calem-se os ventos .
 Voa invisivel das Hemonias Seiras ,
 Tu que no Xanho as aureas tranças lavas :
 E se é tua , qual Roma o-suppozera ,
 E'sta a melhor porção da floreia quadra ,
 Do Cantor de teu Mez protege a audacia.

D'entre os Filhos da immensa Eternidade,
 D'entre esses doze Irmãos, que repartido
 Tem por sua influencia o anno inteiro,
 Maio foi sempre o mais gentil de todos:
 Qual dos cachos o Deos, e o Deos das setas,
 Goza brincando eterna mocidade.

As Graças infantis, e a Formosura
 O-criáráo nos Ceus c' o proprio leite.

Mal que o Mundo surgio do horrendo cahos
 Veio formar-lhe os seus primeiros dias,
 E Maio foi da terra a fresca Aurora.

Em mimos escondendo a Magestade,
 E' Maio o Pai, e o Rei da Natureza:
 Qual em soberbo Paço anda nos bosques;
 Ou qual em solio, nos outeiros verdes
 Se-assenta ao lado da risonha Flora,
 Que alta Rainha em purpura se-ostenta,
 E cinge a frente com douradas flores.
 Compóe-lhe o seu cortejo Auras, Favonios,
 Que das plumas azues vapor derramão,
 Furtado ha pouco ás pudibundas rosas.

Em seu reinado insolita doçura
 Exhala o canto dos volateis grupos,
 Que a Primavera para o bosque trouxe,
 E canoro patece o bosque inteiro.

Em seu reinado os prados florecentes
 Só cuidão de ostentar perfume e cores:
 Na confusão, no amavel labirintho
 O olfacto, a vista decidir não podem;
 E a Ninfá ás vezes longas horas fica
 A meditar na escolha dos ornatos.

Co'a folhagem densissima susurra

O bosque annoso a celebrar-te , ó Maio ;
 Susurra a celebrar-te a fonte , o rio.
 Com serena alegria o Sol derrama
 Vasto Oceano de luz no aereo espaço ;
 E sem nuvens sofrer , que o Polo affrontem ,
 Doura do vasto campo a face amena.
 A pompa da manhã , da tarde o brilho ,
 Tem não visto matiz d'ouro , e de rosas ,
 E cõr de fogo sôbre um Ceo de leite.
 Teda patente a abobada de estrellas ,
 Toda brilhante a prateada Lua ,
 Te-dão , como as do Elisio , alegres noites ,
 De importuno calor desafrontadas ,
 Cheias de encanto , da saudade amigas ,
 Gratas a um tempo ao coração , e ao estro .
 Aqui , e ali os rouxinoes se-escutão
 Longas horas c'os echos porfiando.
 Gira , vagueia pelas fracas trevas
 Dos petilampos o lustroso bando :
 Resoa em cada aldeia alguma flauta ;
 E em torno d'ella as camponezas danção :
 Bala no aprisco impaciente o gado
 As poucas horas , que á manhã precedem .
 ; Como é doce o teu Mez , benigno Maio !
 Alegra-se o viajante ao ver nos campos
 Do verde trigo as trémulas searas .
 Iguaes a um vasto lago , onde os Favonios ,
 Nascidos inda ha pouco entre as florestas ,
 Aprendem a encrespar as verdes águas .
 Aqui a par de um campo , onde começa
 O milho a despontar , desprega aos ares
 Com vaidosa soberba altas bandeiras

De outros milhos o exército infinito.
 Orientando riqueza alem meneião,
 Entre a argentea folhagem pendurados
 Cachos de flor , os olivaes secundos.
 Os pomares de fructos se-carregão ,
 Que ja sem medo aos furacões , e ás chuvas ,
 Com ância a cor , e a madureza esperão.
 As aves da manhã quando revôão
 Com longo canto pela immensa altura
 Se-aprazem de os-olhar ; e ás vezes descem ,
 E vem pousar sobre os curvados ramos ,
 E o futuro sustento ali festejão :
 Tal de annos onze uma pequena virgem
 De adoradores mil se-vê cercada ;
 Bem que á sua belleza inda lhe-faltem
 Terno expressivo olhar , globos de neve ;
 Voluptuoso desejo entre suspiros ,
 Buscado enfeite , graciosas tallas ,
 Rodeião-na com tudo adivinhando
 Pelo botão techado a flor aberta.

Mis , ó Maio , ¡ o teu mez não brilha esteril !
 La se-ergue o laranjal c'os fructos d'ouro ;
 Doces limões , e saborosas limas
 D'entre a larga folhagem descobrindo
 A amarellada iez , e o forte aroma
 A vista prendem convidando ao furto :
 Ri-se entre as mais a alegre cerejeira
 Que ainda que no gosto a muitas cede ,
 Mais que todas seduz co'as vivas bagas :
 A gingeira com ella apostá encantos ,
 Mas apenas gostada a palma é sua :
 Iguas a um coração em cor , em forma

Os suaves ~~morangos~~ ja maduros,
 Contentes da humildade , estão dormindo
 No fresco seio da materna planta :
 D'ali , se vem um Zephiro acordal-os ,
 Olhão em roda as pampinosas vinhas ;
 E vendo como os pequeninos cachos ,
 Que a fronte cingem do celeste Bromio ,
 E um dia gratos brilharão nas mezas
 Mudados no licor , que gera os risos ,
 Do nativo terreno apenas se-erguem ,
 Zombando riem da vaidosa audacia ,
 Com que somem no Ceo pomposa frente
 Árvores tantas menos uteis que elles.
 Por toda a parte as desveladas hortas
 C' o verde alegre das crescidas plantas
 O suor do colono estão pagando ;
 Seu terreno sulcado está coberto
 De immensas producções , que vão nas mezas
 Ser preciso sustento , ou grato mimo ,
 E ora entrar na Choupana , ora nos Paços .
 Em teus dias , ó Maio , as velas sólta
 Sem medo o nauta pelo vasto Oceano ,
 E olhando puro o Ceo , de leite as ondas ,
 A cujas furias se-escapou nadando ,
 Sobre a popa da não regendo o leme
 Pensa na esposa , nos filhinhos pensa ;
 Prometteo-lhes voltar ; nem ja receia ,
 Maio , fiado em ti , ser-lhes perjuro :
 Sobre a cana do leme encosta os braços ,
 E ou sólta em grande voz grosseiros versos ,
 Ou costumada musica assobia
 Olhando a estrada de alvejante espuma ,

Que d'um , e d'outro lado á proa foge ,
 Rota em pedaços té que a-apague o vento.
 Brinca nas águas , e ou se-esconde , ou salta
 De vagos peixes prateada turba ;
 Pelos ares alguns quaes settas voão ,
 Longo espaço ganhando em curto instante.
 Na verde superficie as Nintas danção ,
 Da tarda noite nas caladas horas
 Das estrellas á doce claridade.

Mas eu queiro soltar mais altos vôos ,
 Trazer ao Mundo incognitas verdades.
 ¡ Em teus dias , ó Maio , os Paphios bosques
 Vírão nascer os tretegos amores !
 N'um valle opaco , onde buscando o fresco
 Costumava dormir entre mil flores ,
 La reve a Deosa o seu fecundo parto.
 Apenas sobre a attonita verdura
 Cipria depunha um pequenino alado ,
 Logo o-via nos Ceos voar , sumir-se :
 ¡ Tal dos Amores o soberbo genio !
 Nascem apenas , ja não ha no Mundo
 Quem os-possa prender , quem os-modere :
 Quando cançados de brincar nos ares
 Um passa tempo á terna Mai pedião ,
 Tu lhes-foste ensinar pelas florestas
 A formar arcos de flexiveis ramos ,
 E despedir , sem nunca errar , seus golpes .
 Tu lhes-mostraste os resinosos troncos ,
 De que havião formar brilhantes fachos .
 Tu mesmo entre elles companheiro , e mestre ,
 Pelos campos as flores procuravas ,
 Com que doces prisões tecer devião.

Tudo em teus dias no Universo adora !
 O sexo , a idade , as condições não livrão !
 Entre o rebanho , que amoroso bala ,
 Amoroso pastor suspira , ou canta ;
 Ternas gorjeião no aivoredo as aves ;
 Rugem ardendo de desejo as feras ;
 Entre as algas o peixe a esposa oculta ;
 Suspiros ouço ás árvores , e aos ventos ;
 Vejo os Favonios abraçando as plantas ;
 O Zephiro a brincar co'a linda Flora ;
 Ou de Clóe co'a trança , e c'os vestidos :
 Pela campina as flores boliçosas
 Ornadas muitas do purpureo pejo ,
 Quando em torno um rumor propicio escutão
 Se-aproximão beijando-se : umas fogem ,
 Mas fogem como as bellas o-costumão ,
 E ou tarde , ou cedo as outras vão tocar-lhes ,
 E Venus as-fecunda , e Mais se-tornão ;
 Em cada gruta , em cada bosque ás Ninfas
 Uma emboscada os Satiros aprestão :
 Por bellezas mortaes arrebatado
 Canta em rustica voz novos amores
 C'roado de pinheiro o Deos da Arcadia ,
 E ante a Ninfá gentil mudada em canas
 Sobre as eanas da flauta os sons varfa
 Com ar alegre , que perjuro o-torna !
 Sensivel para o Sol se-volta Clicie ,
 E o Sol na terra outras bellezas busca ,
 E outras acha , que o peito lhe-cativão ,
 E fazem que mais tarde a Thetis desça .
 Entre os Astros as Pleiades luzentes
 Com saudade seus chalamos recordão :

Junto d'ellas o touro inda se-escuta
Mugir lembrado da formosa Europa.

De Venus bella a luminosa estrella
Desponta sóbre o Ceo com mais doçura :
Parece que saudosa indaga os sitios ,
Onde contigo , venturoso Adonis ,
Passava as noites do fomoso Maio :
E quando foge ; a Aurora se-envergonha ,
E-cora por voltar tão cedo ao Mundo ,
¿ Pois quem ha que não saiba os seus amores ?
¿ Quem de Cephalo a história não repete ?

Em cada tronco um distico de amores ,
Ou dois nomes se-lem , como enlaçados .
Uma sombra , uma só não ha nos campos ,
Onde amor não recorde , ou não prepare ,
Ou não veja presente uma victoria.
Foi , Maio , foi teu Mez que ao Rei das sombras
D'aquem da Estigie pelo amor ferido ,
Fez que deixasse o sempiterno cahos
Para roubar a encantadora esquiva
Do floreo campo de Enna ornato , e Deosa .

Foi , Maio , foi teu Mez que ouvio primeiro
Diana a suspirar , arrepender-se
De ser das virgens tutelar Deidade .

Mas cumpre coroar teu elogio :
; Graças ao teu podér , e ao teu influxo !
E's tu que a rir convidas gracioso
Minerva um pouco a abandonar seus livros.(1)
¿ Quem pôde resistir-te ? emfim te-cede ,
Toma-te pela mão , para que a-leves

(1) E'em Maio que se-costuma pôr ponto nos Estudos da Universidade.

A divagar em teus vistosos campos ;
 O ar de meditação troca em agrados ,
 E vê contente abandonar-lhe a Corte
 De seus alumnos juvenil caterva ,
 Que alvoroçada aos patrios lares vôa.
 Sim ; Maio , ¡ eu voarei aos patrios lares !
 ¿ Mas pensas tu que o tempo , ou que a distancia
 D'este dia a memoria hão de apagar-me ?
 Não : onde quer que os Fados me-condusão
 Sempre te-hei de cantar , sempre c'roado
 De teus altares me-veras Ministro .
 Mas d'esta sociedade , e d'estes brincos ,
 Em quanto a noite se-adornar de estrellas ,
 Nunca a lembrança volverei sem mágoa .

De generoso vinho enchei-me o copo ,
 Que de mirtea grinalda ornado quero :
 Imitai-me tambem : por este , ó Maio ,
 Suavissimo licor , pai da alegria ,
 Por este , digo , cuja taça empunho ,
 Juro ante o Ceo , de seu altar em frente ,
 Que um anno só não deixará meu estro
 De exaltar tua glória , e a minha amada ,
 A Deosa tua Mai , a Primavera :
 Se eu for perjuro os astros me-persigão ,
 As flores para mim seu cheiro percão :
 Não me-acolhão as Driades á sombra ,
 Veneno se-me-torne a fonte , o rio ,
 Esquia a Musa , os fructos amargosos :
 No estrondo dos trovões se-me-converta
 Do bosque o susurrar , d'água o murmúrio ,
 Do rebanho o balido , a voz das aves ;
 E onde quer que aterrado , espavorido

Pertender repousar meus lassos membros
 Em vez de relva tria encontre serpes
 D'entre aridos penedos sibilando.

¡ Basta em fim ! sinto a voz cançada um pouco:
 Reformai-me outra vez a funda taça.
 Em honra a vós formosas Habitantes
 D'este ameno lugar ésta se-esgote.

Esperai-me que eu volto : eu quero ao Nome
 Fazer no altar da Festa um sacrificio.
 Vou conduzir a victima , que prêsa
 Eu trouxe occulta do batel na popa.
 Eis-me : abri-me caminho : eu volto ás aras ;
 Dai-me um vaso com água , aonde eu possa
 Com sagrada ablucão purificar-me.

Silencio ¡ Eu fallo ao Deos ! N'ésta gaiola
 Pobre , mas bella , que um pastor nos bosques
 Teceo de canas , e pintadas vergas ,
 Olha ¡ que lindo prisioneiro trago !
 ¡ Um bello pintasilgo alegre em canto ,
 Amigo de brincar , formoso em cores ,
 Terno , fiel , que em me-fugir não pensa ,
 Destro em tirar do cristalino poço
 C'o balde de avelá sua bebida !
 ¡ Outro melhor nunca girou nos bosques !

D'ésta estação n'um dos primeiros dias ,
 Segundo o meu costume , antes da Aurora
 Saí para girar nos campos verdes ,
 Gosar da manhã fresca os puros ares ,
 Ouvir das aves os primeiros cantos ,
 E aquecer-me sentado sobre a relva
 Ao primeiro calor do Sol nascente ,
 Calor , que envolto em luz parece aos campos ,

Parece aos corações trazer a vida.
 Debruçado entre as plantas orvalhadas
 Banhei o rosto n'um remanso puro
 D'uma fonte , que perto rebentava
 Do roto seio de mussosa fraga ;
 Colhi as flores inda ha pouco abertas ,
 E concertei um ramo , que por fóra
 Quasi envolvi nas mais cheirosas plantas ;
 E co'a mente serena , e possuido
 Do amor do campo , e dos campesires gostos ,
 Voltei de novo ao lar : junto á janella
 Por onde o Sol ja me-lançava um raio ,
 Fui sentar-me a nutrit do meu transporte
 O coração , e o espirito encantado.
 Eu sonhava acordado ah ; nos meus sonhos
 Não via mais que os bosques , e os pastores ;
 Rebanhos , fontes , rusticas choupanas !
 Eu me-cria o senhor de uma pequena
 Porção de terra , em cuja frente havia
 Uma casa de troncos fabricada ,
 Toda por fóra revestida de heras :
 Mas este pintasilgo erguendo o voo
 De uma árvore visinha , onde cantava ,
 Me-entrou em casa ; ao seu gorjeio acordo ,
 Pois junto a mim pousava gorjeiando.
 ¿Ouves , Maio , este som , com que parece
 Approvar adejando o que te-conto ?
 ¿Ouves ? repara bem : tal modulava
 Quando amoroso a visitar-me veio.
 Ganhando confiança a pouco e pouco
 Saltou-me sobre o hombro , e de improviso
 Prêso se-vio na minha mão fechado ;

Quiz adejar , debalde ; ais lastimosos ,
 Ou antes gritos , desprendeo piando.
 Seu pequenino coração batia
 Tão cheio de pavor , que de piedade
 Senti meu peito revolver-se todo :
 Beijei-o , presentei-lhe água , e comida ,
 ¡ Mas tudo recusou ! O desgraçado
 So pensava em fugir ao seu tirano.
 Não receies , lhe-disse , eu vou guardar-te
 Dentro em minha gaiola um dia inteiro ,
 Um dia , e nada mais : se depois d'isto
 Te não vir consolado , eu te-protesto
 Abrir-lhe a porta , e libertar-te os vôos.
 Assim fiz : encerrei-o , e na janella
 Fui pendurar seu carcere provido :
 Comeo , bebeo ; depois de algumas horas
 Finalmente cantou : bem , meu amigo ,
 Bem lhe-disse eu , desde hoje não te-deixo :
 Serás o sócio meu , não meu escravo ,
 Terás sem procura-lo o teu sustento ;
 Livre do caçador canta seguro ;
 Gosa do campo as vistas agradaveis :
 Pôr-te-hei , para saltar como nos bosques ,
 Tremulos ramos de cheirosa murtta :
 Dar-te-hei por fim uma innocentie esposa ,
 Virgem , bella , extremosa , e cujos filhos
 Serão so teus , e como tu , formosos.
 Desde esse dia alegre em minha casa
 Vive , e canta , conhece-me de longe ,
 Festeja-me a saltar com doces pios ,
 Come de minha mão , sólo não toge ,
 E paga com ternura os meus affagos.

¡ Eis a victima em fim que eu trago , ó Maio ,
 Ao sacrificio teu ! ¡ bem vês se deve
 Para o meu coração ser preciosa !
 ¡ Vou perder um amigo em honra tua !
 Com ésta pequenissima grinalda
 De sensinva lhe-circundo o collo
 Para signal da dor , que me-comprime :
 Vamos , venha o punhal , que eu limpo o pranto .
 O'Ceos ! ; quanto me-custa ! é sacrilegio
 Qualquer demora mais : ; ânimo agora ,
 Saudoso coração ; vencesse , ó Maio !
 Vencesse ! ; consumou-se o sacrificio !
 O fio preso ao pé cortei de um golpe ,
 Lancei-o ao ar ; voou ; ja não se-escuta ,
 Foi rever seus antigos companheiros ,
 Sua amada , seu bosque , e o seu alvergue .
 ¡ Oh ! como será doce em tôrno ao sócio
 Que julgáráo perdido , unir-se todos ,
 De sua ausencia as causas perguntar-lhe ,
 E ouvir-lhe a história , onde eu serei , quem sabe ?
 Talvez chamado um perfido tirano :
 Não , o meu pintasilgo ha de contar-lhes
 Com que extremos de amor , com que desvellos
 Foi tratado por mim : ja me-affiguro
 Ouvil-o descreyendo a Festa nossa ,
 Onde deveo ao Maio a liberdade .
 Vive pois venturoso , e quando a tua
 Terna esposa incubar sobre o seu ninho ,
 E tu defronte , e perto sobre um ramo
 Buscares com teus cantos entretel-a ,
 Conta-lhe então de teu amigo o nome ,
 Conta-lhe tudo o que em meu lar passaste :

Que vezes te-beiei de madrugada
 Por me-acordares co' o suave canto ,
 Para trocar o leito pelo grato
 Passeio da manhã d'onde trazia
 Para a tua gaiola hastas de flores,
 Ouvirá com ternura a doce história ,
 E a-contará depois aos ternos filhos.
 Talvez que em meu passeio inda algum dia ,
 A festejar-me em torno a mim se-junte
 Cheia de gratidão toda a familia ;
 Tu meu amigo , a tua esposa , e prole.

Dispersai-vos , bebei , cantai , Amigos ,
 Ride , e dançai , por que invejoso o tempo ,
 Co'as cás na fronte , e o coração gelado ,
 As horas do prazer fuita aos mancebos.
 ¡ Mas ai de nós , que o perfido voando
 Ja nos-fugio co'a encantadora tarde !

Desçamos ao batel : adeos , ó Lapa ,
 Adeos , fica-te em paz , e cedo espera
 Ver de novo juntar-se á sombra tua
 Da Natureza os candidos Amigos.
 Deixai as varas , gracejemos antes ;
 Não compre rrabalhar , para fugirmos
 De um bosque sacro a Maio , e sacro ás Musas.

D'essa garrafa de cristal doirado
 Duas taças me-enchei. Venha a primeira :
 E'sta se-esgote da amisade em honra.
 Oh divino licor ! se o puro nectar ,
 Que Hebes formosa a Jove ministrava ,
 Comtigo competir podesse ao menos ,
 Jove lhe-perdoára o seu descuido ;
 Nem dos bosques Ideos arrebatado

Ganimedes gentil voára aos Numes.

Dai-me , dai-me a segunda. Em honra agora
Do celeste prazer , que nos-rodeia ,
Este liquido logo ao peito envio.

¡ Graças ás mãos , que á terra afforçunada
Derão em hora boa éstas videiras !

¡ Graças a Baccho , ao Protector , que tanto
Desvello lhes-prestou ! ; graças á turba

De alegres raparigas , que levárão
Os cachos ao lagar em largos cestos !

¡ A vós mancebos rusticos , e alegres ,
Que aos pés calcastes na cheirosa pia
As luziidas , as coradas uvas ;

E a ti , lenho feliz , em cujo seio
Os sagrados toneis se-transportárão

Desde os campos de Chipre aos campos nossos
Do celeste perfume ebrias as Ninfas

Te-acompanhárão na veloz carreira ;
Continuamente as velas re-ensunárão

Com halito propicio os frescos ventos ,
Que lá brincavão pelas ferteis vinhas ,

Faceis criando , e colorindo as uvas :
E o mesmo Baccho (eu não vos-minto , amigos ,

Ah ! dai-me a taça , os labios se-me-seccão) ;
Baccho , elle mesmo , o vencedor das Indias

Invisivel na popa revirava
O leme director co'a mão divina.

Dai-me á pressa outro copo , outro , mais cinco ,
Mais um que eu vote a Phebo , e nove ás Musas.

¡ Sinto o meu coração desteito em gôsto !
Ah ! ; por piedade rodeai-me todos !

Quando entre Amigos bebo , um só não basta

Para me-encher os necessarios copos.
 Não se-consinta o minimo intervallo ;
 Trabalhai todos para dar-me o vinho.
 A cada qual de vós uma saude
 Quero fazer , mais uma a cada Ninfá ,
 Aos Numes todos , que na terra habitão ,
 Aos Numes todos , que dos Ceos nos-olhão ,
 A todos que no Elysio nos-esperáo ;
 Farei uma saude a cada vaga ,
 Que desde a Herminea Serra(2)aos mares corre,
 A'Lua , a cada estella , a quanto existe.
 ¡ No mais vivo prazer me-sinto em braços !
 ¡ Rio , e respiro magicas delicias !

Gélos , que em serras coroais as fontes ,
 D'onde as urnas as Naiades inclinão
 Para mandar-nos de tão longe as águas ,
 Derretei-vos em subitas correntes :
 Brami de roda dos Herminios lagos
 Ventos da tempestade ; as atras nuvens
 Reuní , condensai : retumbe ao longe
 O grito do trovão pelas florestas ,
 E o monte enorme em seus abismos trema.
 Todo em chuveiros se-desate o polo :
 E cedo oh ! prasa aos Ceos , e cedo o rio
 Vença o leito , e com impeto revolva
 Tropel ruidoso de espumosas vagas.

Sem podêr contrastar-lhe a furia enorme
 Peito da praia sem podêr ganhal-a
 No escuro turbilhão de rojo iremos ,

(2) Antigo nome da Serra de Estrella da qual nasce o Mondego.

Quando a Aurora , assomar ja muito longe
 Não-olhará no Atlântico engolfados.
 Do enfeitado batel voltando a proa
 Contra as vagas Austraes , candidas velas
 Presentaremos ao ligeiro Boreas.
 Em dia bonançoso , e mar de rosas
 Iremos sem temor , cheios de assombro ,
 Gozando entre as equoreas Divindades
 Scenas de Maio no céuleo campo.
 Cedo veremos verdejando , e rindo
 O alto Cabo surgir na extrema ponta
 Da Lusitana Terra : erguendo aos astros
 A nautica celeuma alvoroçados
 Poremos no Occidente o vago leme
 Para affrontarmos as Titoneas plagas.
 Entre o Barbaro Solo , e o Solo Hispano
 Passaremos cantando o Estreito , aonde
 As Columnas ergueo famoso Alcides.
 Pelos ventos Hesperios ajudados
 Movendo assombrio ás cérulas Nereidas
 Costaremos , voando , em curtos dias ,
 Mediterraneo , tua longa estrada.
 Nossos astros serão por entre as ondas
 O astro de Venus luminoso , e claro.
 Ariadne , a esposa do contente Brônio ,
 E os Tindareos Irmãos , cuja concordia ,
 Cuja amizade nos-será de exemplo.
 Eolo prenderá com mil cadeias
 Euro o nosso contrario : as verdes ondas ,
 Ouvindo de Tritão troar o busio ,
 Sem furia , sem fíagor do barco em torno
 Cheias por cima de alvejante espuma ,

Saltaráo qual no prado os cordeirinhos.
 ; Que , meus amigos ! ? receiais procellas ?
 ; Procellas contra nós ! Assás os Numes
 Nas almas sabem ler ; nós demandámos
 Chipre votada aos candidos prazeres :
 Do vinho a Deosa , a Deosa dos amores ,
 Os Numes da amizade , eis nossos ástros.
 ; E que havemos temer ? Não , não me-importa
 Que o at , que o pego em fúrias se-revolva :
 Por entre a serração , por entre a morte ,
 Voaremos a rit de Chipre aos campos ,
 Quaes na barca d'Estigie um dia iremos
 Dos lagos internaes ao grato Elísio.

Não ha que receiar : dai-me outro copo ;
 Outro bebei , e ouvi-me. A Providencia
 Da Ilha encantadora ao melhor sítio
 Nos-ha de conduzir : ; ja me-affiguro
 Vêr , e gozar nosso retiro alegre !
 Um cães em meia lua , um cães não grande ,
 Ja nos-hospéda na vermelha areia : (1)

(1) Interrompi n'éstá passagem a minha composição para ouvir o Dithirambo de Mr. Gerstenberg intitulado = Chipre = . A semelhança de fundo que se-encontrar entre o meu começado episodio , e este riquissimo monumento da poesia Alemá , e mais ainda o perfeito , e inimitavel bello , que n'elle achei , me-pozerão na tentação de não concluir o Poema. Temia que estes versos ficassem extremamente trios , e muito longe de podèrem conseguir o efeito que o Dithirambo de Mr. Gerstenberg tinha

Preciosa pedraria entre ella brilha,
 E busios mil , e mil coradas conchas :
 Unidas penhas de elegante aspecto
 O amphitheatro deleitoso formão.
 Todas se-vestem de verdura , e flores ,
 Todas têm fria gruta , ou doce fonte.
 D'estas fontes que em torno enchem os ares
 De um desigual , suavissimo murmurio
 Umas descem chovendo entre os penedos ,
 Outras em larga enchente se-arremecão ,
 Sem o musgo occultar , de rocha em rocha ,
 Té que ás bacias espumosas saltão.
 Aqui um mirto , alem uma roseira
 Coroa a entrada das pequenas grutas ,
 Ou lhes-fórmá seu toldo , ou quas' as-cobre.
 Por toda a parte melindrosos ninhos
 Se-ouvetem piar ; por toda a parre adejáo
 Coço sustento no bico as ternas aves.
 D'esta folhagem sé-levanta o melro ,
 E val pôusar na proxima folhagem :
 Queixa-se n'uma gruta Philomela
 Quando Pragne sentida eleva o canto.
 Presos aos troncos Zefiros murmurão ;
 Auras , dos valles p[er]demos correndo ,
 Das invisiveis azas nos-derramão
 Almos estluvios de cheirosas flores.
 Vede assentos que a mão da Natureza

deixado na minha imaginação. Delibero-me entre tanto á acabal-o.

Aós criticos ilustrados tóca decidir se faço bem ou mal,

Nos rochedos abrio , que a mão do tempo
 Cobrio , amaciou com verde estofo ;
 Aqui se-tem as Ninfas assentado
 Pelas tardes de Maio muitas vezes
 Para gozar os brincos dos Amores ,
 Que ora lutão na areia , ora apostando ,
 Se-arrojão de mergulho aos verdes mares ,
 E-apparecem depois nadando , e sindo .

Vamos: por esta parte o céus nos-deixa
 Na Ilha penetrar: commoda entrada
 Nos-offrece este postico de muitas.
 Deoses ! ¡ que vamos vêr ! ; Salve cem vezes
 Bosque sombrio , magestoso , immenso !
 Do desmedido Atlante a espadao enor me
 Não , não é quem sustem o eterno Olimpo ;
 ; Eis tu , sagrado bosque ! a vista humana
 Chegar não pôde a teus soberbos cumes :
 Serras , diluvios de ondeantes folhas
 Sobre columnas mil , que o raio assustão ,
 Se-agitão sobre nós . ; Longe , ó profanos !
 Vates , erremos pelas frescas trevas :
 Alem , se não me-engano , o Sol penetra .
 Corramos : oh ! prazer ! oh ! maravilha !
 ; Eis um retiro aos Numes consagrado ,
 Incognito aos mortaes , de encantos fertil !
 Tu que visitas cada dia o Mundo ,
 O'Sol , ; que outro lugar no Mundo encontras ,
 Onde com mais prazer teus raios lances ?
 Vede este prado , cujo fundo escondem
 De Hiblieas flores coloridas nuvens .
 Olhai sem guardador pingues rebanhos
 Livres saltando nos outeiros verdes !

Vede encostas de pampanos cobertas ;
 Fontes á sombra de árvores sagradas ;
 Jardins fechados de cheirosos muros ,
 De altos lilazes , de azareiro , e cedro ;
 Tanques no meio , onde em repuxo aos ares
 Voão do bico de marmoreos cisnes
 Argenteas lintas , que no ar se-crusão
 Mil arcos , mil abobadas formando ,
 E em fresca chuva vem mover os lagos.

¡ Que ditoso paiz ! sinto encantar-me
 No meio agora d'estes sons campestres ,
 A respirar balsamicos vapores
 Em sacra habitação , entre os Amigos ,
 Longe dos homens , da innocencia zo lado.
 Abraçemo-nos : sim : desde hoje unidos
 Seremos d'este sítio os habitantes.

D'este regalo na fecunda varzea ,
 Aqui , onde hospedagem graciosa
 Presta ás aves do Ceo pequena selva ;
 Aqui , onde estendidos sóbre a gramma
 Junto ás novilhas candidas repousão
 Co'a cornigera fronte entre as papoulas
 Mansos touros , que o jugo inda não víráo ,
 Aqui se vos apraz , se apraz aos Deoses ,
 Vamos pois construir nossas moradas.

Do Genio do Lugar primeiro em honra
 Cumprer fazer as libações , e os votos ;
 Venerar depois d'isto a turba agreste
 Das Ninfas do paiz ; e culto , e nome
 Dar ás fontes , aos campos , e ás collinas
 D'estas gentis , incognitas paragens.

Vede as faias aqui : pinheiros , chopos ,

Abatei-os , formai n'ossas cabanas.

Formemos uma Aldeia : a cada alvergue
Juntemos um jardim , que ao fundo banhem
Do claro rio as fugitivas águas.

Não falte o culto ás sacras Divindades.

A'obra , á obra ; o Templo se-levante
Nobre , proprio de nós , digno dos Deoses.
Sejão muros de cedro os altos muros
Tão cerrados , que a luz romper não ouse :
Deixemos á vaidade altas columnas ,
Cúpulas d'ouro , abobadas suspensas
Em meia altura da extensão dos ares :
De trémula parreira um tecto basta
C'o jasmíneiro entrelaçada : agora
Pintados cachos a-ornaráo pendentes ;
Agora alvos jasmins assemelhando
Do Ceo da noite as lucidas estrellas.

Ponde na frente o Altar da Natureza ,
De nossa adoração primeira objecto :
Firmada sobre um Globo , como o nosso ,
Uma estatua gentil figure a Deosa ,
Virgem , bella , risonha , affavel , nua ,
Guardando-lhe o pudor sendal ligeiro :
Colar de flores lhe-atavie o collo ,
C'roa de frutos lhe-circunde a frente ,
D'versos ramos as madeixas ornem :
Tenha n'uma das mãos celeste chamma :
Penda da outra , e por seguro fio ,
O Genio do prazer , que as azas bata
Para voar-lhe ao cobiçado seio :
Cerquem-lhe o pedestal em grupo immenso
Homens , feras , volateis , nadadores ,

E quanto em fim por seu influxo existe:
Vejão-se ao fundo os poderosos Genios,
Que a seu sabor os elementos movem ;
Salamandras , Ondins , Siltos , e Gnomos.

D'esta Ara ao lado se-verão pendentes
As flautas nossas , pois lhe-são votadas.
Sobre outro altar a Deosa de Cithéra ,
Não de marfim , nem marmore talhadas ,
Mas de alva cera das abelhas nossas ,
Feita por nossas mãos encante a vista :
Quero-a nua de todo : ao seio amime
Entre os braços de neve o filho alado ;
E co'a ternura languida nos olhos
Como para o-beijar lhe-estenda os labios ,
Cuita tornando , como a d'elle , a boca.
As tres Irmás de amor pequenas , bellas ,
Como invejando do menino a sorte
Forcejem por trepar da Mái ao collo ,
Em quanto o Irmão travesso a rir pertende
Co'as delicadas mãos lançal-as fóra.
Duas turbas de amores apinhados
Se-ergão d'aqui , d'ali : tenhão por terra
Os arcos , e os farpões : na dextra empunhem
Fachos , que hão de brilhar nos testos dias
Por nossás mãos com sacro lume accesos.

Detronte d'este na parede opposta
Outro brilhe votado á Primavera.
Ali se-mostre a Deosa , cuja veste
Um manto seja de tecidas flores ;
De flores o toucado ; a planta nua
Sobre floreo torráo firmada esteja ;
Durma a seus pés o aurífero carneiro ;

O Maio , filho seu , tenha em seus braços ,
 Igual em perfeições á Mai formosa ,
 Alado como os Zephiros , e Amores ,
 Que os Amores , que os Zephiros mais lindo ;
 Tenha na dextra um ramo florecente ,
 Onde pousem pintadas borboletas .
 No esquerdo braço um cábashinho grave
 C'os doces frutos , que em seu mez se-colhem ,
 E a tir pareça á Deosa apresental-os ;
 Mas a Deosa estendendo a mão de neve
 Como que busque o gravido cestinho
 Tirar de sobre o seio , onde elle o-punha .
 De Favonios um bando se-reparta
 Aos dois lados do Altar , em cujis dextras
 Ponhamos bem fingidas cornucopias
 Cheias d'água ; onde flores se-conservem .

Atrio cercado de sombrios louros
 Haja na frente do sagrado alcaçar .
 Por tres frondosos porticos se-passe
 Do templo ao Atrio : em torno d'elle existão
 Dos loureiros á sombra as Deosas nove ,
 E o Nume protector da equorea Delos .

Um de nós cada mez será por sorte
 Da sacra Estancia o Sacerdote , e o Guarda :
 Ficaráo a seu cargo os festos dias ,
 Dos altares o culto , os hymnos sacros ,
 E a protecção dos ninhos melindrosos ,
 Que as aves formatão do tecto em torno ,
 Para que nunca violados sejão ,
 Santa hospitalidade , os teus direitos .

Da nossa Aldeia ás proximas campinas
 Daremos da cultura uteis desvelos .

Vestumno , e Ceres , e Pomona , e Flora
 Hão de favoneiar trabalhos nossos ,
 E em sustento pagar nossas fadigas.

Ricas hortas , dulcissimos pomares ,
 Doiradas messes , pampinosas vinhas ,
 O celleiro commum nos-terão cheio.
 Da ociosidade vá não será filha
 Nossa innocent , e solida riqueza.
 Algum de nós ao trato dos rebanhos
 Seus desvelos dará : ¿ que importa o Mundo ?
 Calquem-se aos pés funestos prejuisos ,
 O veo das illusões rasgue o Poeta.
 ; Vida de nossos Pais ! ; vida dos campos !
 ¿ Quem te-nomeia humilde , e vergonhosa ?
 Vive o pastor no seio da innocencia ;
 No meio da pobreza é rico , e folga.
 Em quanto os Grandes entre escravos gemem
 Canta o pastor entre o rebanho , ou dorme
 Fiado em seu amigo , em seu rafeiro :
 Nem ao menos que ha leis sabe nos campos.
 São seus dias cadeias de prazeres ,
 E seus prazeres innocencia todos.
 Não cala seu amor , canta-o nos bosques
 Em alta voz , ou goza-lhe as delicias.
 Ao transmontar do Sol volta a seus lares ,
 Conta á porta o rebanho , e junto ao fogo
 Vai co'a ceia frugal entre os amigos
 Restaurar o vigor para o trabalho.
 Repousa em paz sobre o macio feno
 Em quanto alguma luz no Ceo não raia :
 Não ha cuidado , que lhe-rompa o sonmo ;
 Se acaso sonha , os sonhos não lhe-pesão ,

Pintão passados bens, ou bens futuros,
 E volta ao mesmo quando nasce a Aurora;
 ; Vergonhosa ésta vida ! ó desgraçados !
 ; Corai no meio das grandezas vossas !
 Se o pastor conhecesse o vosso estado
 Nem de olhar-vos se quer nem se-dignava.

No regaço feliz da Natureza
 Ao lado da ventura, os dias nossos
 Serão a imagem dos dourados dias.
 Como os primeiros Pais da especie humana,
 Viviremos frugaes entre a abundancia,
 Ricos sem pompa, sem vaidade sabios,
 Socegados sem leis, sem armas fortes.
 Hão de mil vezes os campestres Numes,
 E o Sacro Povo, morador do Olimpo,
 Comprazer-se de olhar a nossa Aldeia:
 Ao romper da manhã, ser-lhes-ha doce
 Ver-nos todos sair dos proprios lares
 Co'a alegria na face: uns diligentes
 C'os instrumentos rusticos nas dextras,
 Ou seguindo seus bois voar aos campos,
 Outros guiando para os ferteiis pastos
 Longa tropa lanigera balando.
 Ser-lhes-ha doce o ver, como trabalhão
 Todos no bem comum, sem que se-escuteam
 Do meu, e teu os nomes perigosos.

Quando o gallo doméstico na Aldeia
 Soltar ao meio dia o canto agudo
 Correremos á mesa: unidos todos
 De um bosque á sombra nos calmosos tempos,
 E junto ao fogo quando reine o frio,
 Não veremos dian'e a rica prata

C' o vivo resplendor cegindo os olhos,
 Nem dourados cristaes , nem porcellanas ,
 Cuja louca ambiçāo furiosa arrasta
 Tantos loucos mortaes , dignos do pranto
 D'entre os braços dos seus aos torvos mares ,
 E em fragil pinho , que rodeia a morte ,
 De longinquo paiz os-leva aos portos .
 De facil construcāo vermelho barro
 Fará nossa baixella , e cavos troncos
 Fundos , polidos , de jasmins c' roados
 Servir-nos hão de o rubido Falerno .

De nossas hortas vegetaes gostosos ,
 Os teus dons , ó Pomona , e os teus , ó Ceres ,
 O mel puro e doirado , e o branco leite
 Bastão assas da Natureza aos filhos .

E que ? ¡ algum de nós contra o que vive
 Ousaria vibrar da morte a fouce !
 ¡ O touto soffriedor , cuja fereza
 Para servir-nos se-abateo ao jugo ,
 O touro , o nosso amigo , e o nosso escravo ,
 Que sem ter parte alguma em nossos gostos
 Tomava parte nas fadigas nossas !
 ¡ Que armado pelas má s da Natureza
 Podia , se quizesse , oppôr-se aos fracos ,
 Que a paz , que a liberdade ousão roubar-lhe ,
 Depois de longo , aviltador serviço
 Deve... oh pejo ! oh furor ! oh sacrilegio !
 Cair ás mãos do barbaro assassino ,
 Para quem só viveo ! por quem mil vezes
 Coberto de suor , cheio de espuma ,
 Co'a fronte baixa sem mugir ao menos
 Queimado pelo Sol aíc soffria

Duro , ferreo aguilhão se traquejava !
 ; Qual ousaria ensanguentar a dextra
 Na mansa ovelha , da innocencia imagem ,
 Que incapaz de offendre , nunca rebelde
 Aos brados do Pastor , seu proprio leite
 Entre seus filhos e elle repartiu ,
 E até para cobril-o as lás lhe-dava !
 Lindos filhos do ar , ternos cantores ,
 Que innocentes voais pelas florestas ,
 Nos prazeres , no amor gastando a vida :
 Filhos do Ceo , modelos , que adorâmos ,
 Não temais habitar nos campos nossos .
 Se o açor , se o falcão por estes sítios
 Passar alguma vez , vinde , eu vos-peço ,
 Vinde-vos esconder em nossos lares
 De vossa timidez sacra guarida :
 Se nos-virdes passar nos sítios , onde
 Entre os ramos , á sombra vos-agrada
 Divertir gorgejando a terna esposa ,
 Que muda , e carinhosa esconde , e aquece
 Entre as azas seus filhos pipilando ,
 Se nos-virdes passar . . . ah ! por piedade
 Não fujais , prosegui vossas cantigas ;
 Sois como nós da Natureza filhos ;
 A Mãi commum vos-deo a liberdade ,
 Sustenta-vos , bem como nos-sustenta :
 Sois fracos , tanto basta , e nós não somos
 Nem tiranos , nem perfidos , nem baixos
 Para abusar da força : ; é jus terrivel !
 Se para vos-matar compete ao homem ,
 Para o homem matar compete ao tigre.
 Não : vivei entre nós , como entre amigos :

Somos todos irmãos : arcos , e setas ,
 Redes , e visco , e sentimentos baixos
 Não usa quem adora a Natureza :
 ¡ Serião entre nós netandos crimes !

Se um dia á caça algum de nós (os Deoses
 Affastem para longe o agouro horrendo),
 Se um dia á caça algum de nós corresse ;
 Coberto de suor , de sede extinto
 Prasa aos Ceos que discorta os duros campos ;
 Curve-o das armas o terrivel peso ;
 Não ache , onde empregar da morte as fúrias ;
 Seus proprios cães os membros lhes-lacerem
 Té que as entranhas vis ao Sol des.ubráo ,
 E todo arqueije o coração perverso :
 Semivivo , rugindo , ardendo em raiva
 Entre penedos se-revolva , e espume :
 C'os olhos ja sem luz , cheios da morte ,
 Palido o rosto , ensanguentada a coma ,
 Té que mugindo em subita voragem
 Se-rasgue a terra ao detestavel peso ,
 E ao fundo o-atroje dos sulfureos lagos :
 E se o malvado consumar seu crime ,
 Se as mãos tingir no sangue do innocent ,
 O rio onde correr para banhal-as ,
 As ondas atrópelle , e volte á fonte ,
 Fique attonito o monstro , e o leito sêcco ;
 E quando sobre o fogo os miseraveis
 Membros poser , que o sangueinda gotejão ,
 Queinda tem no tremor de vida um resto ,
 Tentando preparar lauta iguaria ,
 Cheias de horror , e de piedade as chamas ,
 Deixando intacto o funebre cadáver ,

Com medonho estampido abandonando
 N'um momento seu lat , se-ergão aos ares
 Para chover no algoz , tornal-o em cinzas.
 ¡ Mas vá longe de nós o quadro intame !
 Sômos frugaes , e simplices ; e basta
 Olhar-nos para ver nossa virtude.
 Sim : que a lavrada seda , o ouro , as telas ,
 E dos insanos Cortesáos a pompa
 Não nos-ha de cubrir : no inverno algente ,
 Contra os rigores da estação nublosa
 Usaremos da lá , que nos-revista ,
 Sem que do artista a dextra insultadora
 Lhe-desfigure a cor , lhe-mude o aspecto :
 Se no Outono reinar do Inverno o frio
 Voltaremos á lá : na Primavera
 Basta o candido linho : em fim no Estio ,
 (¡ Deixe-me em paz , ou seus ouvidos serre
 Quem no corrupto coração fomenta
 De prejuízos vãos caterva infesta !)
 No Estio , Amigos meus : com voscor fallo ,
 Seremos todos nus : rião-se embbra
 Os perversos , que ao vício costumados
 Até na Natureza encontrão vício.
 Sim , andaremos nus ; nus se-mostrráo
 Os Pais , e as Máis do Mundo em tempos d'ouro ,
 Nus vaguerão da America nos bosques
 Da Natureza não corruptos filhos ,
 Nem os-tinge o rubor , a cor do pejo ,
 Que o pejo nasce , se a innocencia morre .
 A Innocencia , a Verdade , as Graças bellas
 Pintão-se nuas : nuas pelos bosques
 Errão as Ninfas : d'entre as ondas nuas

Venus saío de encantos rodeada :
 Seu Filho, qual nasceo , se-mostra ainda :
 E todos nós , fallai , ; como nascemos ?
 Quando depois de trabalhosas dores
 Nos-cingem nossas Máis aos ternos peitos
 ; Tecidas vestes sobre nós encontrão ?
 Não : se o tempo o-ex gr cubra-se o corpo ,
 Se o tempo o não requer : ; porque insensatos ,
 Vãos , inuteis inconimodos buscâmos ?

Eu vos-ouço pedir que vos-descreva
 Os prazeres tambem , com que percísão
 Da mocidade as horas matisar-se.
 Não vos-falto , escutai-me ; e tu , Josino ,
 Senta-te ao lado meu , põe-me na tronc
 Essa grinalda , com que agora brincas ;
 E tu da nossa Chipre a rica taça
 Da-me , querido Elmiro , e ouve-me attento
 Apeitando na dextra a dextra minha.

A musica suave , a dança , os versos ,
 Dos bons ditos o sal , carreiras , lutas ,
 Tecer grinaldas de campestres flores ,
 Fresco , e murmúrio de Favonios , e água ,
 Os ternos sons de aligeros cantores ,
 Da Natureza o estudo , as graças d'ella ,
 As famosas manhãas , as bellas tardes ,
 ; Passatempos não são ? Nas bellas noites
 Iremos navegar pelo ribeiro
 N'este mesmo batel : a branca Lua
 Diante nos-irá para guiar-nos ;
 Os ventos dormirão ôbre as montanhas ;
 De um , c'outro lado as árvores ao longo
 Das socegadas margens docemente

Se-ouvirá o susurrar de quando em quando.
 Entre as ondas envolto o brilhantismo
 Do astro da noite ledo e scintillando.
 Se-verá na corrente em longa estrada,
 Echos repetirão nossas cantigas ;
 D'entre um canavial a Philomela
 Se-ouvirá gorjeiando convidar-nos ;
 D'entre o limo, onde em coro estrepitoso
 As rás em sua riba vozearem ,
 Ouvindo-nos de perto , hão de assustadas
 Erguer um pulo a se-esconder nas ondas ,
 Pára ouvir sem receio os cantos nossos .
 Com mil olhos de luz o Ceo da noite
 De ver nossa alegria ha de alegrar-se.
 Algum campestre Fauno , que aturdindo
 Com voz imensa a silenciosa margem
 Seus amores contar da fonte ás Ninfas
 Seu canto estrugidor alguns momentos
 Suspenderá de assombro arrebatado.
 Se tivermos calor volta-se a prôa
 Sobre uma ilhota de vermelha areia ,
 E encalhando o batel salta-se ás ondas :
 N'uma noite encalmada um banho fresco
 Nos-consola , e refaz : ali se-julga
 Acima estar da Natureza o homem.
 Vive em novo elemento , em cujo seio
 Revestido se-crê de essencia nova.
 Ao brando frio os membros pouco a pouco
 Se-conformão , se-affazem , se-contentão.
 Dissipa-se o tremor , e a voz anciada
 Um momento depois se-raserenâ (1)

(1) Esta palavra é bella , mas ainda não

¡ Todo o vivo prazer então começa !
 Ora apraz o nadar contra a corrente ,
 Ora girar nas águas escondido ,
 Ou c'os olhos na Lua ir descansado
 Em parte occulto , em parte descoberto ,
 De costas , ao som d'água , escorregando .
 De quando em quando um se-ergue em pé no
 fundo

Assemelhando o busto de uma estatua
 De marmore polido , que se-eleva
 Fronteira à Lua , e solitaria brilha ;
 Os companheiros de redor o-cercão ,
 E com muito clamor sobre elle atirão
 Co'as plantas , e co'as mãos ondas sobre ondas .
 Elle grita , elle ri , jura , e promette
 De os-punir , de yngar-se ; então se-arroja
 A's ondas outra vez , e os-segue , e osurge ,
 Chove sobre elles desmedidas vagas :
 C'o festival combate o rio ferre ,
 Perturba-se a corrente , os echos bradão .
 ¡ Oh como é doce um banho entre mancebos !
 Um ri contando uma engracada história ,
 Outro grita , outro canta , e todos folgão .
 No fundo desigual talvez se-encontre
 Dormindo alguma Naiade entre as conchas .
 ¿ Sois mortaes ? ¿ e que importa ? humano e Paris ,
 E' Paris um pastor , goza entretanto
 Ternos abraços da immortal Enone ,

usada em Portuguez ; a nos a Lingua talvez
 não a-recusará por que em todo o tempo se-
 tem servido de palavras , e tórmulas da sua
 irmá , a Italiana.

Que deixa por gozal-o a propria fonte,
E vem sentar-se entre um rebanho humilde ;
¡ E ai de vós se das Ninfas não moverdes
Os puros corações para a ternura !

Mulheres não as-ha nos campos nossos ,
E vasia de amor a vida é nada.
Redobrai a attenção , pois devo agora
Fallar em baixa voz , porque receio
Que as formosas Mondagides me-escutem.

O mesmo coração , desejos , gostos ,
Que tem nossas mortaes no peito occultos ,
Tem as Ninfas tambem : ¡ de exemplos quantos
Se não pôde cingir esta verdade !
Sobre as aras de Amor todas off recem :
Os ais do adorador nenhuma offendem ,
Comprazem-se de ouvir que as-chamão bellas ,
E à glória presão de enxugar o pranto ,
O pranto que ellas sós nos-arrancárão.
Se nos-ouvem crueis , se esquivas fogem ,
E'por que insana lei de atroz costume
Lhes-ordena o-fugir , lhes-insinua
Que é délico em seu sexo a Natureza :
¡ Mas contra a Natureza em vão combatem
De cega educação fataes abusos !
A Mai universal ou cedo , ou tarde
Vence , triunta , e em seu triunto obriga
A que puxe seu carro o melindroso ,
O sexo encantador ja manierado :
Todas oppõe a resistencia aos votos ,
Mas cumpre não ceder : per nós combatem
Seu mesmo coração , e a Natureza ,
Que auxilio ineficaz jamais nos-forão :

E não sabeis que em quanto desdenhosas
 De nossos ais parecem offendidas ,
 Quaes se as-mordessem venenosa serpe ,
 Tremem , receião , que ao temor cedamos ,
 E frouxa timidez nos-forte as armas ?
 Inda que ostentem rigoroso aspecto
 Agrada-lhes a guerra , e eternos votos
 Fazem a Amor para ficar vencidas :
 Implorar-lhes perdão é ultrajal-as ,
 Contra ellas ser audaz é ser lhes caro ;
 E' dar-lhe os bens , poupando-lhe a vergonha ;
 Mas a regra primeira , a grande , o tudo
 Entre as regras de amor é o arrebatamento :
 E' vasta a graduação de sentimentos
 Da innocencia á ternura . Em cume alto
 De alta montanha . cujo aspecto assusta ,
 Jaz da Ternura o Templo , onde cercada
 Das graças , dos prazeres , dos amores ,
 Encanta os corações benigna Venus :
 E' forçoso galgar toda a montanha ,
 Sobir de rocha em rocha , e p'risgo em p'risgo
 Para se-entrar no deleitoso Alcaçar.
 Quem perrender poupar um passo ao menos ,
 Quem saltar pertender , perde o ja ganho ,
 Para mais não surgir baqueia em terra .
 Amor azas não tem , como se-pinta ;
 A curtos passos devagar só anda .

Começaremos offertando as Ninfas
 Sobre altares campestres levantados
 Das árvores á sombra , ao pé das fontes ,
 Ou nas grutas do fresco , ou sobre outeiros ,
 Festões , grinaldas , passarinhas , fructos ,

E capellas de busios , e de conchas ,
 Mais brilhantes , mais bellas do que o Iris :
 Formaremos cantigas , em que aos echos
 Dos campos entre a lida repitamos
 As perfeições , os meritos , os nomes
 Das Napeias , das Driades formosas ,
 Hamadriades , Naiades , e quantas
 Filhas da Natureza a terra habitão ,
 Para formar com dextira occulta , e sábia
 Do rustico o prazer , do vate o encanto :
 Isto , e a nossa virtude , e a vida nossa
 Laboriosa , honrada , alegre , e quasi
 Igual á vida dos campesires Deoses ,
 Disporão para nós seu terno peito :
 Talvez que pouco a pouco minorado
 O casto susto de encontrar humanos ,
 Não fujão de mostrar-se a seus cantores .
 Se eu descançar junio de um cedro antigo ,
 Ou de uma faia , ou reclinar a trente
 Sôbre a raiz em parte descoberta
 De uma oliveira , ou castanheiro antigo ,
 Darei graças á Driade , que habita
 No tronco bemfeitor , que me faz sombra ;
 E d'elle a amavel Driade saindo
 Virá sentar-se ao lado meu na relva .

Depois que pouco , e pouco transformado
 Se-houver em confiança o pejo , o susto ,
 Mudaremos de estilo : em nossos versos ,
 E só , e de contínuo a formosura
 Em fogo nos-porá do estio as azas :
 Hão de sorrir-se , e comprazer-se , e muitas
 Suspenderão em seu caminho os passos .

E' lei sem exceção ; domina em todas
 A sede , a glória de chamar-se bellas ;
 Mas bellas rão somente haver chamal-as ,
 Sem fallar-lhes de amar : depois de atreitas
 A ouvir a narração de seus encantos ,
 Dizei-lhes que por certo as rochas mesmas ,
 Os troncos , e o cristal das frias águas
 Ardem cativos de bellezas tantas ;
 Que o Sol cem mais prazer detem seus olhos
 Nos campos d'ellas , só por ver seus rostos .
 Se viades que um sorriso gracioso
 Vos-recompensa o canto , audacia , Amigos ,
 Avante um passo , e n'este passo cumpre
 O segredo buscar : desde esse instante
 Não lhes-falleis diante das mais Nintas ;
 Buscai até que os Socios vos não oução .

Suppõe tu , caro Antiono , encontrar-te ,
 (E'sta suposição perdoe Alcippe),
 Num bosque solitario , onde vagueia
 Quem te-faz delirar em novo incendio .
 Se ella está pensativa , ó venturoso
 O objecto , lhe-dirás , em que se-occupa
 Tua imaginação , formosa Ninta !
 Se eu o-fosse ... ! ai de mim ! porque revolvo
 Loucas esp'ranças , se chorar só devo ?
 Se a-vires sobre o espelho da cascata
 Com brancas rosas concertando as tranças ,
 Qual sobre o teu ribeiro o-faz Alcippe ,
 Feliz Rainha das mimosas flores ,
 Feliz rosa , dirás ,inda que perdes
 Ao pé das graças d'ella as graças tuas .
 Se poser sobre o seio as melindrosas

Roxas flores de amor, dirás, ¡que inveja!
 ¡Por ser vós um momento eu dera a vida!
 Mas isto em meia voz para que julgue
 Que não é por te ouvir que assim faltaste.
 ¿Não se-irritou? prosegue, e aproximando,
 Permite-me, dirás com ar ingenuo,
 Cheio de timidez, permite, ó Ninfá,
 Que eu te-torne mais bella, e te-componha
 Essas flores, que um pouco se-desmandão:
 Se ella o-permite, a occasião não percas,
 Se ella hesita e se-cala, não recusa;
 Compõe-lhe o ornato no formoso seio,
 E sorrindo, lhe-dize, ¿alguem no mundo
 Existe que não ame as proprias obras?
 ; Esta obra, que findei, me-agrada tanto!...
 N'isto beija-lhe o seio, e deixa as flores.
 D'aqui avante o mar é ja tranquillo,
 Propicio o vento, e mui visinho o porto;
 Ja de piloto o lenho não carece.
 Quanto offerece amor tudo é já vosso.

Ja vejo sobre os Ceos dos nossos campos
 Todo o dia brincando em roseo coche
 Pelas pombas tirada a amavel Cipria:
 Coroada de louro, eil-a contente
 Entre palmas, que sombra lhe-derramão;
 Eil-a por toda a parte sacudindo
 Do misterioso Cinto encantos, gostos,
 Delicias, tudo em fim que obriga a Jove
 Mudado em branco cisne, ou chuva d'ouro,
 A trocar pela terra o sacro Olimpo.
 Desde então mais ditosa é nossa Aldeia,
 Mais risonhos seus bellos arrabaldes:

Ha misterios de amor em qualquer gruta ;
Em qualquer solidão brincão prazeres.

¡ Eis os fructos de amor , que desabrochão !
Ja os-vejo das bellas entre os braços ,
Qual pequeno botão nascido apenas
Da rosa ja perfeita ao lado brilha.
¡ Eil-as co' o proprio leite a sustental-os !
Taes como descreveo nos magos versos
Francilia Musa de meu patrio rio
A doce amiga sustentando o filho ,
“ Igual a Venus com amor nos braços . ”

Eu as-vejo , depois de affagos ternos ,
Roubar ao corpo os cintos azulados ,
Em dous troncos prender as pontas ambas ,
Abrii-los , deitar dentro entre mil flores ,
Depois de o-ter beijado , o tenro infante
Para ser dos Favonios embalado.
Eu as-vejo nos troncos encostar-se
Co'as mãos na face , e os olhos no innocent ,
Juntando aos sons das aves em seu ninho
Ternos cantos , que os filhos adormeção.

Ja co'a turba infantil recresce a Aldeia ,
Sucedem ao silencio alegres brincos ,
Gostosos passatempos se-preparão ,
De nossos bens o número se-augmenta.
Vai crescendo em razão , crescendo em forças
E'sta prole feliz , que os Ciprios valles
Como os Amores , como as Graças , hontia.
Creados longe do tropel das Cortes
Puros no coração , que ninguem busca
Semeiar de illusões , de prejuiços ,
Educados na paz , sem ver tiranos

Sem ouvir discotrer pedantes sabios,
 Té das Sciencias ignorando os nomes,
 Terão destinos, que excedendo os nossos,
 Não terão que invejar os puros dias,
 Que cegamente se-nomeião d'ouro.
 ; D'ouro ! ; ai d'elles se o ouro entáo se-visse !
 Mais nocivo que o ferro , a bémfazeja
 Terra o-somio nas maternaes entranhas,
 Sobre leitos de palido véneno :
 Quando o genio do mal o-trouxe ao dia ,
 Cheias de assombro , de tropel correndo ,
 Assustadas gritando , em pristro envoltas
 Fugirão co'a justiça almas viitudes ;
 E pelas fundas minas , que o-guardavão ,
 E ao ferro da avidez rasgadas forão ,
 Surgio do pátrio inferno a perseguir-nos
 Chusma de vícios , e taivosas furiás ,
 Que os vícios inspirando , os vícios punem .
 Se alguma vez os descendentes nossos
 Quando a terra pacíficos romperem
 Co'a dura relha de tardio arado ,
 Encontrarem co'o ouro , um grito soltem ;
 A Aldeia se-reuna ardendo em raiva ,
 Qual se dos bosques servido saisse ,
 Igual ao raio , o bruto d'Eimantho ;
 E o palido fulgor da massa infesta
 Vão longe sepultar nos verdes mares :
 "Monstro contrário a nós , se devorado
 Pelo monstro do mar , que em fúria vences ,
 Dirão todos em chusma ; e socegados
 Tornarão a lavrar seus ferteis campos .
 ; Que ideia pelo espírito me-adeja

Cheia de luz , de encantos rodeada !
 Ja vejo pelos ares scintillando
 Os fachos de Himeneo (1) ; ja pelas ruas
 Vestidos de alvo linho , e coroados
 De fresca mangerona os moços correm !
 O'Himeneo ! Vem Himeneo , gritando ;
 O'Himeneo ! vem Himeneo , respondem
 Os campos d'echo em echo ; e pelas casas ,

(1) A união de homens e Ninfas não podia ser considerada como um casamento. E aquí que eu devia tratar do Himeneo , que para o futuro ligasse os filhos e filhas da nossa Aldeia. Poderão á vista d'esta passagem julgar-me sectariô do Mahometismo ; mas note-se que este Poema está muito longe de dever ser considerado como Didactico ; que toda esta Republica de Chipre é meramente um Dithirambo , donde a licença do Poeta é muito mais ampla do que em outro qualquer genero de poesia ; que esta sociedade que deve constituir a Republica é de Poetas , homens de quem se-diz vulgarmente que se-dão mais ao prazer que á razão ; que é um Poeta em cuja boca se-põe o discurso recitado no Templo ; e que nada ha mais natural do que fazer de um Poeta um inconstante , e um defensor da inconstancia. Para os homens de bom senso setá inutil ésta Nota , mas para os fanaticos , que ignorão que tudo pôde ceder por alguns momentos o tablado á Musa do Dithirambo , é indispensavel.

Cheias de gôsto , e de esperança as virgens
 Vem Himeneo , ó Himeneo , repetem.
 As ruas de verdura estão torradas ,
 Listões de flores coroando as portas
 Enchem os ares de confuso cheiro :
 E os meninos , que as causas não percebem
 Do confuso prazer , vão transportados
 Correndo em chusmas , e batendo as palmas
 Gritando , ó Himeneo . ; La desce , e pousa
 O Nume sobre o altar da Cipriá Deosa !
 O venturoso par lá vai sobindo
 Por entre a multidão , que attenta o-medea
 ; La chega ao sítio destinado aos votos !
 Sacerdotes não há : da Aldeia os velhos
 Os-cercão de redor : ; la se-abraçarão ! . . .
 ; É curto o voto seu ! , Juro adorar-te
 Em quanto o doce amor tiver no peito . “
 Unindo o peito ao peito , e face á face
 Depois se-beijarão por largo tempo ;
 E o Nume da alliança , o carinhoso
 Filho de Urania os-cingirá de mirtos ,
 Que de Venus , e Amor as frentes ornão .
 Depois algum de nós se-erga c'roado
 Para falar d'esta maneira ao povo .

„ Nasceo Amor para encantar os homens ,
 Não para ser dos corações tirano ;
 Menino ama o brincar , e quer ser livre ,
 Cura o tempo as feridas que elle forma :
 Depois de alto clarão , que cega os olhos
 Seu facho pouco , e pouco enfraquecendo
 Vem por fim a apagar-se : a Natureza ,
 Nada produz que não succumba á morte .
 Os animaes , as flores , os arbustos

Tem curta duraçâo. Vai manso , e manso
 O tempo destruindo altas montanhas ;
 Gasta-se o escolho c' o bater das ondas ;
 Succede a Lua ao Sol , a noite o dia ,
 Uma estação perece , outra renasce.
 Tudo é mortal na terra , e mais que tudo
 As humanas paixões insulta a morte :
 Succede ao riso o franto ; á dor prazeres ;
 Ao odio amor ; ao terno amor a raiva.
 Eu vi moraes affectos n'um só dia
 Nascer , e terminar , qual nasce , e murcha
 N'um só dia de Abril a rubra rosa.
 Ditoso par ! amai-vos extremosos
 Em quanto a Natureza vos-consinta ,
 E oxalá que o-consinta em largos annos !
 E oxalá que de vós o que entre os mortos
 Primeiro descançar , sinta regadas
 Pelos olhos do sócio as proprias cinzas !
 Feliz quem n'um só fogo arde constante :
 Feliz . . . ; mas raro como os negros cisnes !
 ; I. ha loucos , e ha perversos , que ante as Aras
 Jurem guardar uma constancia eterna ?
 Cegos , que a Natureza desconhecem ,
 Ou zombão d'ella escaínecedendo os votos.
 Jurão-se amar sem fim , je ou tarde , ou cedo
 Sem fim , e sem remorsos se-detestaõ !
 ; Jurão-se amar sem fim ! Mal que resoa
 Debaixo das abobadas o voto ,
 Calcando o arco aos pés com ar maligno
 O pobre Amor retira-se chorando
 D'esta affronta cruel ; pois sua glória ,
 Seu prazer , e seu timbre é ser voluvel.

Crepitando em fâseas derradeitas
 Se-apaga o facho , que debalde agita ,
 E em tórno espalha venenoso fumo ,
 Fumo , que obriga a lágrimas eternas.
 Entre pios e agouros desgraçados
 Ao leito nupcial os-acompanha
 Entre alegre , e assustada a meiga Venus.
 Co'as serpes do cabello desgrenhadas ,
 Mas inda sem silvar , detraz os-segue
 Impaciente a rabida Discordia.
 De flores se-coroa a lauta meza ,
 Voão-lhe em roda as graças , e o falerno ,
 E riso , e confusão de encantos cheia.
 Mas ah ! cedo os pesares , e os suspiros ,
 A desesperação , e as vás querelas ,
 E a desordem , e as lágrimas rodeião
 Os lares do prazer , e a scena infesta
 Não rara vez negro punhal termina ;
 E a viuvez , e o luto envolve o leito :
 Mas vós , ditoso par , vós , cujos labios
 Não proferirão temerario voto ,
 Folgai , vivei nos braços da ternura ,
 Melindrosa ternura , que não morre
 Se lhe não lâção vergonhoso jugo.
 Para amar-vos fieis por largo tempo
 Sede amaveis , ou sede virtuosos ,
 Porque a doce virtude é sempre amavel.
 Se o fogo se-acabar voltai ao Templo
 A prender novo objecto em novos laços . “
 Ouvindo este discurso o povo inteiro
 O-applaudie em baixi voz , e á Mai das graças
 Se-canta o himno , em que remata a Festa .

O resto d'este dia é dado aos jogos,
Gasta-se a noite á roda das fogueiras
Em musicas , e em danças variadas.

I Engano-me ! ; ou queixosa a Natureza
Escuto suspirar ? ; não , não me-engano !
Ella suspira , e pede-nos vingança
D'outra injustiça , que lhe-faz o Mundo.
Ouvi , e concordai : sabeis que muito
Em número nos-vence o amavel sexo.
Se a Mãi universal não gera um ente ,
Que não consagre a Amor ; e a lei sagrada ,
Que obriga a propagar a propria especie ,
E lei universal , que abrange a todos ,
¿ Com que jus , por que horrenda tirania
Privadas d'Himeneo suspirão tantas ?
Não : cada esposo esposas enumere
Té que uma só sem thalamo não fique :
Todas d'est'arte vivirão contentes ;
A honra de ser Mãi pertence a todas ;
Cresce a Aldeia , não brada a Natureza :
Intamadas não são as que procurão
Os prazeres de amar , de ser amadas.
Não se-ouvirá que um barbaro veneno
Dera a mãi a seu filho inda em seu ventre ;
Ou que um ferreo punhal , ou laço intame
Logo ao nascer lhe-terminou seus dias ;
Nem Venus corará vendo offertar-se
De ternura venal corruptos mimos.

I Quão bellos correão nossos momentos !
Longe , e tão longe dos polidos povos ,
Quasi Numes na vida encantadora ,
Até na duraçâo quasi seremos

Rivaes do povo habitador do Elizio.
 O fio d'ouro da existencia nossa
 Inteiro volverão no fuso as Parcas ;
 Com pé tardio a inevitavel Deosa ,
 Que o Mundo despovoa , e bebe o pranto ,
 E acompanha a saudade entre os ciprestes ,
 Sem terror , e sem foice , e até sorrindo ,
 Sem que a precedão seus fataes ministros
 Nos-levará de manso , e a curtos passos
 Coroados de cás para o sepulcro .
 Mas , amigos , ¡ quem sabe ! As Cipriás Ninfas ,
 Se o Fado o não tolher , talvez nos-mostrarem
 A verde planta , que ao ceruleo Reino
 Deo mais um Nume , transformando a Glauco .
 Semi-deoses então , nos-tornaremos
 De nossa Aldeia os sacros protectores :
 Mas não : a lei da morte é lei terrível ,
 Que rara vez os Numes quebrantáráo .

¡ E' forçoso morrer ! .. ; Longe os temores !
 ¡ E' forçoso morrer ! ; morra-se embora !
 ; Não faltarão dulcissimos transportes ,
 Prazeres , e ternura ao lance extremo :

Sobre o funereo leito o moribundo ,
 Ja sem cor , ja sem força , e quasi extinta
 Em seus olhos a luz , e a voz nos labios ,
 Erguendo a fraca dextra acena , e chama
 Cadaum junto a si ; vai despedir-se
 Para o somno sem fim : sobre as heranças
 ; Que ha de recommendar se não tem nada !
 Nada excepto a virtude , e os instrumentos ,
 Com que a terra lavrou . Sua cabana
 Vai ter outro senhor ; as flores suas

Reclamão no jardim desde este instante
 D'outro cultor a provida tutella.
 ; D'outro ! sim ; cuja mão todos os dias
 Irá de madrugada aos sacros manes
 Pendurar sobre o tumulo orvalhado
 Uma grinalda de orvalhadas flores.

Elle atreinda uma vez seus froxos olhos ,
 Onde começa a deiramar-se a noite ,
 E de seus labios tremulos , por onde
 Ja põe a morte sua mão gelada
 Sólta cheio de afecto a voz , que espira ,
 E seus amigos , e seus filhos chama :
 Os seus amigos mudamente o-cercão ,
 E não mostrar-lhe as lágrimas procurão :
 A' luz da trouxa alampada contemplão
 Quanto a hora fatal ja se-approxima.
 E seus filhos pequenos entretanto
 N'um canto da cabana estão sentados ;
 Dos amigos no gesto , e nas maneiras
 Ler seu destino impacientes buscão ,
 E atronitos , e riñis nem se-atrevem
 A fallar , a fazer qualquer pergunta
 Porque os não lancem d'este sitio fóra :
 Mas olhão-e entre si co'um ar tão meigo ,
 Tão innocent , e triste que podéra
 Desfazer de piedade a propria Morre ,
 Se o Fado não contasse os nossos dias.
 Seu Pai , que os-adorou , querinda vél-os ,
 Quer-lhes lançar a derradeira bençao ,
 Ver seu pranto , gozar dos seus affagos ,
 Quer chamal-os : a voz faltou de todo ,
 E deixando cair de lado o rosto

Soltou da vida o derradeiro arranco.
 Ao profundo silêncio altos clamores
 Succedem n'um momento, e o pranto, e os gritos
 Por toda a parte na cabana sóão.
 Os meninos contusos se-levantão ,
 Ouvem a nova , attentão no cadáver ,
 Gritão , fogem convulsos , aterrados ,
 Outiçado o cabello , o sínge frio ,
 Palido o rosto , e vacillante o passo :
 Fogem para o jardim , por onde os-segue
 A imagem de seu Pai , no susto envolta :
 Qual o-virão ha pouco , o-tem comsigo ;
 Dos parreiras as sombras os-perturbão ,
 Vem nos troncos das árvores fantasmas :
 Vão buscar o luar do rio á borda ;
 Mas lembrão-se que ali todas as noites
 Passejavão com elle : ésta lembrança
 Os-torna a perseguir ; e em tudo encontrão
 De um pai tão caro o aspecto , que os-assusta.

Pela Aldeia se-espalha a infesta nova ,
 ¡ E parece que a morte em cada casa
 Arvorara um troteo ! Domina em todos
 A dor , que se destaz em pranto , e gritos :
 Dir-se-hia que furioso , insuperavel
 Ia de tecto em tecto um vasto incendio ;
 Cujo clarão de fumo rodeiado
 Enchia largamente o Ceo da noite
 Para mostrar a universal ruina.
 Depois que um pouco em lugubres transpostes
 A dor se-evaporou : por toda a parte
 Soão louvores do chorado amigo :
 Cadaum lhe-descreve uma virtude ,

E de cada virtude exemplos contão,
Tão claros, tantos, que exceder bem podem
Em brilhantismo, em número as estrelas.

O Justo dorme em paz: mas entre tanto
Ninguem dorme na Aldeia. Ouvio-se o gallo
Cantar, quando expitou da noite em meio:
Torna o gallo a cantar na madrugada,
E em contínua vigília discorrerão
As longas horas, que á manhã precedem!
Torna o gallo a cantar na madrugada;
A Aurora quer nascer, enchem-se os ares
De uma luz, que ao luar excede um pouco.
Do ninho suspendido em nossos tectos
A andorinha ja sae; vôlea cantando
Detrás agora das janellas nossas
Para nos saudar, pois entra o dia.
Ja dos Ceos pelos fluidos espaços
Circula a corovía, que não cança
No longo canário, ou desmedido vôo:
Ja o rumor das árvores, e fontes,
Que da noite na paz costuma ouvir-se,
Vai fugindo com as trémulas estrelas:
Torna a alegria ao Mundo, e ao campo as cores.
Mas a alegria d'entre nós se-affasta,
Os campos todos para nós tem luto:
Ja se-ouvem resoar da Aldeia as portas:
Ja sae, ja se-reune o povo inteiro;
O ar de meditação domina em todos,
Todos trazem de pranto rociadas
As recentes grinaldas, que tecêrão.
Em plantas aromaticas envolto

Do alvergue , outr'ora seu , la vem saindo
 O deplorado amigo ; ao caro peso
 Submettem quatro os hombros vigorosos.
 ¡ Bençáos , bençáos ao Justo , em cujo aspecto
 Por entre a palidez se-mostra ainda
 O ar d'innocencia , os sentimentos puros !
 A lenta marcha ao número piedoso
 Rompem com baixo tom sonoras flautas ,
 Concertos melancolicos formando ,
 Que de triste prazer o peito agitão.
 Após ellas o funebre cadaver
 Dos Anciáos vai precedendo a turba ,
 Que a fronte baixa , os olhos sobre a terra
 Vão suspirando , e a vista lacrimosa
 Lanção de quando em quando ao doce amigo ,
 Que os-precedeo na regiáo da morte :
 Após estes , modestos se-confundem
 Os mancebos de teixo coroados ,
 Co'as bellas raparigas , que parecem
 Mais formosas co'a languida tristeza :
 Elles cantão em coro aos longos echos
 O como a quanto existe abrange a morte ;
 Ellas em tom mais doce a voz levantão
 Para mostrar como a existencia curta
 De prazeres doirar-se ao menos deve :
 Vão depois os meninos innocentes
 De ambos os sexos em confuso bando ;
 Levão em suas mãos para o sepulcro
 Pequenas oblações , pomos , e flores ,
 Taças de leite , e mel , de vinho , e d'água
 Tomada em viva fonte antes da Aurora ,

E de barro thuribulos não grandes.
 Ja se-chega ao lugar sagrado à morte :
 E' um valle sombrio , onde se-abração
 Mil árvores diversas , onde habitão
 Meigas filhas do Ceo , canoras aves :
 Reveste fresca relva a terra fria ,
 Palido musgo os carcomidos troncos :
 Aqui frescos Favonios adejando
 Pelas folhudas grimpas , docemente
 Só se-ouevem suspirar ; aqui mais terna
 Derrama a Aurora o pranto matutino.
 Mais terna geme a rola , e mais delirios
 Na alma gera o luar por estes campos :
 E' techado o lugar de mil rochedos
 Por onde algumas fontes se-derivão
 Com tacito rumor , que inspira os sonhos :
 Pelas profundas , tenebrosas grutas ,
 E sobre os agudíssimos rochedos
 Cre-se ver , e escutar sagrados manes ,
 Em froxa voz , que as auras assemelha ,
 Cantando os gostos da passada vida :
 La não geme a coruja , ou pia o mocho :
 Reina em vez do terror branda saudade ,
 Terna melancolia , encanto , enlêvo
 Dos corações , das almas bem nascidas.
 Que estrondo é este pelo chão da morte ?
 São as ferreas enchadas , que se-alternão
 Para formar do eterno sonno o leito :
 Agora cresce a dor na despedida !
 La chega , la se-arroja , la se-esconde
 Da Mái universal no seio um filho :

;
Paz ao homem de bem ! dizem de rodá
Os velhos , e retíráo-se chorando :
Leve te-seja a terra , os moços gritão ,
E partem derramando-lhe folhagem.
Chega a turba infantil , seus dons off'rece ,
E vai juntar-se á multidão , que torna
Aos trabalhos de novo á sua Aldeia.

Mas ah ! ¿ qual d'entre nós terá primeiro ,
Caros amigos , de techar seus dias ?
¿ Quaes choraráo no tumulo selvagem ?
Talvez eu vos-preceda , e vá primeiro
Ver na Tenarea porra o Cão tritauce ,
Na Estigie nebulosa a barca horrenda ,
E do Elisio paiz os gratos campos ,
La onde os Vates do Universo inteiro ,
Ja Numes , em Republica se-uníráo .

Mas não pensemos n'isto : é Maio agora
Que devemos cantar : nós o-jurámos
No Altar da Primavera ; e eu não pertendo
Ser perjuro , e negar o culto aos Deoses .

Recomponde na frente as vossas c'roas ;
Ergamo-nos , enchei dc vinho as taças ;
E ante o Ceo , ante a Lua , que nos-ouve ,
Entre os Favonios , e as formosas Nintas ,
Que escondidas nas ondas nos-rodeião ,
Saudemos novamente o alegre Maio ,
Jurando que desde hoje em nossas liras
Ha de escutar cada anno os seus louvores .

O' Maio , eu fallo , escuta-me : por este
Licor de Bassareo , que me-arrebata ,
Pelos Filhos geníss da branca Leda ,

Que pela mão a nós te-conduzirão ,
Por tuas flores, com que estou soberbo ,
Por tuas fontes , Zefíros , e bosques ,
Por teu Ceo gracioso , e por ti mesmo ,
E pela tua amiga , a minha Musa ,
Juro de consagrar em quanto eu viva
Todo o teu Mez ao teu leuor , e ás Festas.

F I M.

